

UNIVERSIDADE ABERTA



**Salvaguarda de património sacro
Igreja de São Cristóvão em Lisboa
XIX - XXI**

Ana Paula Carrolo Duarte

Volume I

Mestrado em Estudos do Património

2019

Universidade Aberta

Salvaguarda de património sacro
Igreja de São Cristóvão em Lisboa
XIX – XXI

Fig. 1 Igreja de São Cristóvão - Carlos Botelho



Ana Paula Carrolo Duarte

Mestrado em Estudos do Património

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Alexandra Gago da Câmara

2019

É erro vulgar confundir o desejar com o querer. O desejo mede os obstáculos; a vontade vence-os.¹

¹ HERCULANO, Alexandre. *História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*. Tomo III. Lisboa: Bertrand. 1976. Pág.45

RESUMO

Em Portugal, o património considerado essencial para a manutenção da memória histórica e coletiva da nação encontra-se classificado por legislação criada com o objetivo de preservar os monumentos nacionais para as gerações futuras. Contudo, a classificação dos monumentos não é por si só garantia de proteção. O presente trabalho, realizado no âmbito do Mestrado em Estudos do Património da Universidade Aberta, pretende aferir da importância da salvaguarda do património artístico e arquitetónico presente num monumento de cariz religioso. O interesse na sua preservação prende-se não só com valores religiosos e espirituais, mas também com valores histórico-culturais. A arte sacra presente nos templos testemunha a evolução arquitetónica e artística a nível nacional. A escolha do local a estudar recaiu sobre a igreja de São Cristóvão de Lisboa, uma das mais antigas da cidade, localizada na anterior freguesia de São Cristóvão e São Lourenço, local da antiga ermida de Santa Maria de Alcamim (como referido em documentos do reinado de D. Afonso II, século XIII). Esta igreja foi um dos poucos edifícios a resistir ao terramoto de 1755, o que permitiu preservar todos os seus projetos decorativos. As artes decorativas presentes no interior são um testemunho de novas diretrizes estéticas pós-Restauração da independência, no final do século XVII. Ao longo dos séculos, o templo foi sendo alvo de campanhas de beneficiação e restauros, contudo nas últimas décadas entrou em acelerado estado de degradação. Nos últimos anos foram lançados vários projetos que visam a sua recuperação. O presente trabalho pretende assim sublinhar a importância da preservação do espaço, bem como referir as medidas tomadas nos últimos anos para a sua preservação.

Palavras-chave: Monumento, Património Sacro, Crowdfunding, Salvaguarda, Degradação, Restauro, Igreja de São Cristóvão

ABSTRACT

In Portugal, the heritage considered essential for the maintenance of the nation's historical and collective memory is classified by legislation created with the objective of preserving national monuments for future generations. However, the classification of monuments is not in itself a guarantee of protection.

The present work, carried out within the scope of the Masters in Heritage Studies of the Universidade Aberta, intends to assess the importance of safeguarding the artistic and architectural heritage present in a religious monument. The interest in its preservation is related not only to religious and spiritual values, but also to historical and cultural values.

Sacred art in temples testifies architectural and artistic evolution at the national level. The choice of the place to study fell on the church of São Cristóvão de Lisboa, one of the oldest in the city, located in the former parish of São Cristóvão and São Lourenço, place of the old small chapel of Santa Maria of Alcamim (as mentioned in documents of the reign of D. Afonso II, 13th century).

This church was one of the few buildings to resist the earthquake of 1755, which allowed to preserve all its decorative projects. The decorative arts present in the interior are a testimony of new aesthetic guidelines post-Restoration of independence in the late seventeenth century.

Throughout the centuries, the temple has been the target of campaigns of improvement and restoration, but in the last decades it has entered an accelerated state of degradation.

Several projects have been launched in recent years aimed at its recovery. The present work intends to emphasize the importance of the preservation of the space, as well as to mention the measures taken in the last ones for its preservation.

Keywords: Monument, Sacred Heritage, Crowdfunding, Safeguarding, Degradation, Restoration, Church of São Cristóvão

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todas as pessoas e instituições que, de algum modo me ajudaram durante o desenvolvimento do trabalho final de Mestrado.

De uma forma particular á minha orientadora Professora Doutora Maria Alexandra Gago da Câmara, pela disponibilidade e orientação prestadas.

À Dr.^a Teresa Ponces responsável pelo Arquivo do Patriarcado de Lisboa em me ter facultado o acesso aos documentos referentes à Igreja de São Cristóvão.

Ao CECHAP pela transcrição paleográfica dos documentos.

Agradeço à Liliana Pereira o apoio prestado na fase final do trabalho.

Por último, mas não menos importante à minha família.

Motivações e objetivos do estudo

Em Portugal, o património arquitetónico e artístico presente em espaços religiosos apresenta valores históricos e culturais que ultrapassam o seu valor religioso e espiritual.

O valor histórico da maioria dos edifícios religiosos antigos possibilitou a sua classificação através de decretos-lei, que determinam que se um bem se possui valor cultural fica abrangido pelas formas de proteção e valorização previstas na lei. A legislação, contudo, não impede que alguns edifícios classificados entrem em processo de ruína.

Vários fatores contribuem para a deterioração de arte sacra presente em templos: fatores ambientais; falta de investimento em planos de recuperação e salvaguarda; restauros feitos sem os devidos conhecimentos técnicos.

As primeiras iniciativas, para recuperar bens culturais, presentes em espaços religiosos que se encontram em risco, surgem normalmente dentro das comunidades locais onde o templo se insere.

O objetivo da dissertação, tendo em conta o que atrás se expôs, é referir medidas tomadas em defesa do património histórico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa. A intenção de desenvolver um trabalho sobre o património da Igreja de São Cristóvão prende-se com o valor histórico e cultural do espaço na historiografia da cidade de Lisboa: trata-se de um edifício classificado, inserido numa zona de proteção especial.

A falta de investimento, nas últimas décadas, em projetos de salvaguarda e restauro contribuiu para a degradação da estrutura arquitetónica e das artes decorativas presentes no interior. O risco que o templo corria de sofrer danos irreversíveis contribuiu para a união de esforços da paróquia e comunidade local na elaboração de projetos para a sua salvaguarda. Estes projetos desenvolvidos na comunidade da Mouraria pretenderam alertar e recolher fundos para a reabilitação da estrutura do edifício e restauro da arte sacra, maioritariamente pintura que se encontrava bastante deteriorada.

É importante referir o papel que a comunidade local e alargada tem tido na divulgação e recuperação do património da Igreja de São Cristóvão. As obras

presentes em espaços religiosos são observadas e apreciadas por públicos distintos - o público que participa nos atos religiosos e aprecia o lado espiritual das obras, e o outro que aprecia a arte exposta pelo seu valor histórico e cultural - que podem ser chamados a participar quando se planificam ações de divulgação e recuperação dessas obras.

O projeto designado *Arte por São Cristóvão*, desenvolvido nos últimos anos pelo pároco da igreja com o apoio da comunidade local, pôde ser implantado em 2014, através do Orçamento Participativo da Câmara Municipal de Lisboa.

Foram organizadas uma série de atividades com a colaboração da comunidade local com o objetivo de recolher fundos para recuperar a estrutura do edifício bem como parte do seu programa estético.

Questões de Metodologia

O trabalho a desenvolver insere-se nas seguintes áreas específicas do mestrado em Estudos do Património: salvaguarda de património histórico; memória coletiva; património integrado.

Esta dissertação encontra-se dividida em duas partes: na primeira parte faremos o enquadramento histórico e cultural da igreja, referindo os projetos artísticos desenvolvidos nas diferentes épocas históricas. Na segunda parte, abordaremos as causas que contribuíram para a deterioração do património arquitetónico e cultural da igreja, referindo medidas tomadas ao longo dos anos para a sua salvaguarda.

A metodologia a adotar foi realizada com recurso a fontes primárias presentes em arquivos históricos, consulta e estudo de bibliografia, informações recolhidas durante as visitas ao local.

Resumo	IV
Abstract	V
Agradecimentos	VI
Motivação e objetivos do Estudo	VII
Questões de Metodologia	VIII
Abreviaturas	XII
Introdução	15
Parte I	
ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO	
Capítulo I	
1.1 A primitiva igreja de Santa Maria de Alcamim	19
1.2 Da fundação da nacionalidade ao Renascimento	20
1.3 Tomo da Igreja de São Cristóvão	22
1.4 Renovação pós-Restauração de 1640	31
1.5 Consequências do terramoto de 1755	32
Capítulo II	
Património arquitetónico e decorativo da Igreja de São Cristóvão	36
2.1 Planimetria e estrutura	38
2.1.1 Arquitetura Exterior	38
2.1.2 Arquitetura Interior	38
2.2 Artes Decorativas	39
2.2.1 Talha	39
2.2.2 Pintura	40
2.2.2.1 Pintura de Brutesco, douramento da talha	40

2.2.2.2 Pintura de Cavalete	41
2.3 Sacristia Velha	42
2.4 Imaginária devocional	42
2.5 Objetos litúrgicos	43
Capítulo III	
SÉCULO XIX – DESTRUIÇÃO <i>VERSUS</i> DEFESA DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO	
3.1 Alteração do património edificado sob nova organização social	44
3.2 Reconhecimento da Valia histórica do Edifício religioso	46
3.3 A responsabilidade das obras; financiadores	48
3.3.1 Fontes de financiamento	48
3.4 As últimas grandes reformas estruturais	50
3.5 A Igreja de São Cristóvão em Lisboa, como documento histórico	53
PARTE II	
Capítulo IV	
ÉPOCA CONTEMPORÂNEA - REQUALIFICAÇÃO <i>VERSUS</i> DEGRADAÇÃO	
4.1 Vulnerabilidade do património arquitetónico e artístico	54
Capítulo V	
Planos de ação para a salvaguarda do património arquitetónico e artístico da igreja de São Cristóvão no novo milénio	
5.1 Organizações institucionais	59
Intervenções realizadas para a reabilitação do património arquitetónico e decorativo	
5.1.1 Intervenções sobre o património histórico de cariz religioso no novo milénio	62
5.1.1.1 Espaços culturais em igrejas dessacralizadas	65
5.2 Envolvimento das comunidades locais na recuperação do património artístico de cariz religioso	71

5.2.1 Igreja paroquial São José dos carpinteiros	72
5.2.2 Projeto <i>Arte por São Cristóvão</i>	74
5.2.2.1 Divulgação <i>media</i>	75
5.2.2.2 Captação de novos públicos	76
5.2.2.3 Novas fontes de financiamento - Crowdfunding	76
5.2.4 Projetos artísticos contemporâneos num espaço sagrado	77
5.2.4.1 Iconologia Artística	78
5.2.4.2 A realidade portuguesa - Relação entre a igreja e a arte contemporânea	83
5.2.4.3 Projeto <i>Não te faltará a distância</i>	86
Conclusão	94
Bibliografia	97
Anexos – volume II	

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AANT (Arquivo nacional da torre do Tombo)

Arq. (Arquivo)

BNP (Biblioteca Nacional)

CECHAP (Centro de Estudos de Cultura História, Arte e Património)

CML (Câmara Municipal de Lisboa)

DGCP (Direção-Geral do Património Cultural)

DRML (Direção Regional de Monumentos de Lisboa)

DGEMN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais)

Ed. (edição)

Fig. (Figura)

GEO (Gabinete Estudos Olisiponenses)

IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico)

p. (página)

Ref. (Referência)

SCML (Santa Casa Misericórdia de Lisboa)

Snpcultura (Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura)

Fig. 1 - Igreja de São Cristóvão – (Carlos Botelho)	vol. I capa
Fig. 2 - Largo de São Cristóvão – (Carlos Botelho)	vol. I p.15
Fig. 3 - Igreja São Cristóvão – (Luiz Gonzaga Pereira)	vol. II p. 10
Fig. 4 - Igreja Santo Estevão – (Luiz Gonzaga Pereira)	vol. II p. 11
Fig. 5 - Igreja São Nicolau – (Luiz Gonzaga Pereira)	vol. II p. 12
Fig. 6 – Imagem exterior da igreja – (fot. Autora)	vol. II p. 13
Fig. 7 – Imagem interior da igreja – (fot. Autora)	vol. II p. 13
Fig. 8 - Nossa Senhora com menino – (fot. Autora)	vol. II p. 14
Fig. 9 - Piéta – fot. Autora – (fot. Autora)	vol. II p.14
Fig. 10 - Imagem São Cristóvão – (fot. Autora)	vol. II p.14
Fig. 11- Imagem São José – (fot. Autora)	vol. II p. 14
Fig. 12- Tela ultima ceia – (DN)	vol. II p. 15
Fig. 13- Tela ultima ceia (Horácio Novais)	vol. II p. 15
Fig. 14- Tela última ceia – (spncultura)	vol. II p. 16
Fig. 15- Tela última ceia – (fot. Autora)	vol. II p. 16
Fig. 16- Pintura teto Igreja Santa Isabel (Factum Art)	vol. I p. 64
Fig. 17- Museu do Dinheiro (Banco de Portugal)	vol. I p. 65
Fig. 18– Livraria Santiago em Óbidos (Jornal Público)	vol. I p. 67
Fig. 19- Bar Capela Incomum (Rui Duarte Silva-Visão7)	vol. I p. 69
Fig. 20 - Instalação Christian Boltansky (pinterest.co.uk)	vol. I p. 79
Fig. 21 - Martyrs – Bill Viola (www.billviola.com)	vol. I p. 81
Fig. 22 - Tides – Pablo Genovés (https://www.stpauls.co.uk/tides)	vol. I p. 82
Fig. 23- Igreja Santa Isabel – Lisboa (Jornal Sol)	vol. I p. 83
Fig. 24 - Maria – Jorge Martins (spncultural)	vol. I p. 85
Fig. 25- Attention a la marche – Martin Monchicourt (spncultural)	vol. I p. 87
Fig. 26 Paradox of praxis 1 – Francis Alÿs (spncultural)	vol. I p. 87
Fig. 27 Paradox of praxis 5 – Francis Alÿs (spncultural)	vol. I p. 88
Fig. 28 Ringue – Madalena Vitorino (spncultural)	vol. I p. 89
Fig. 29 Ascensão – Rui Chafes (spncultural)	vol. I p. 90
Fig. 30 Ascensão II - Rui Chafes (spncultural)	vol. I p. 90
Fig. 31 Estou pronto para nascer – Rui Chafes (spncultural)	vol. I p. 91
Fig. 32 Véu – Rui Chafes (spncultural)	vol. I p. 91

INTRODUÇÃO

A igreja de São Cristóvão localiza-se na zona histórica de Lisboa, na parte ocidental da encosta do castelo. Vizinha do antigo bairro da Mouraria, pertenceu até à recente reforma administrativa à antiga freguesia de São Cristóvão e São Lourenço e tem como Orago São Cristóvão.



Fig. 2 Largo de São Cristóvão - 1969 óleo sobre tela – Carlos Botelho

Nas palavras de Norberto Araújo (1889-1952), jornalista e olisipógrafo²:

Estamos deante de S. Cristóvão no largo pequeno que tem a sul, defronte do templo as escadinhas que levam à rua da Madalena. Não reparaste que apenas pelo enunciado S. Cristóvão tem uma ressonância bairrista? Ora vejamos o templo, que do seu começo esteve isolado e só mais tarde foi rodeado de casas.

A igreja atual situa-se no local da antiga ermida de Santa Maria de Alcamim, segundo estudos históricos, local de culto de cristãos moçárabes durante a ocupação islâmica.

Segundo o olisipógrafo Augusto Vieira da Silva³, a freguesia de Santa Maria de Alcamim já existia no reinado de D. Afonso II, e vem mencionada num documento do reinado de D. Afonso III (Inquirições), para consulta no ANTT⁴.

² Pugnou, desde 1934, por uma olisipografia de pendor científico e académico com a criação de uma cadeira de estudos olisiponenses na Faculdade de Letras de Lisboa in MANGORINHA, Jorge; GAMA Elisabete – *Os 60 anos da Morte de Norberto Araújo*. Hemeroteca Municipal de Lisboa. 2012

³ Augusto Vieira da Silva Historiador e olisipógrafo publicou um estudo histórico sobre as freguesias de Lisboa em 1943, publicação da CML

Em 1415, surge como freguesia, tendo como orago São Cristóvão, fundada provavelmente por D. Martinho Afonso de Miranda, arcebispo de Braga, que no reinado de D. João I a tinha recebido e unido ao morgado de Patameira.

Consta que a igreja terá sido destruída por um incêndio no reinado de Dom Manuel I, tendo sido construída outra mais ampla em 1551. Da antiga estrutura medieval restou a antiga capela dos Miranda, assim como os túmulos góticos dos Miranda.

No final do século XVII, reinado de D. Pedro II, inicia-se no país o incremento à produção artística nacional, consequência da melhoria da situação económica, tendo como intenção glorificar a monarquia restaurada e a religião católica. É dentro desse espírito de renovação que, entre os anos 1666 e 1702, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de São Cristóvão⁵ empreende o programa de renovação arquitetónica e estética do templo, tendo como responsável pelo novo projeto artístico de São Cristóvão o padre João Duarte, ativo membro da Academia dos Singulares⁶.

A igreja foi dos poucos edifícios que escapou quase incólume ao terramoto de 1755, sofrendo poucos danos na sua estrutura, sendo o seu interior um dos raros exemplares na cidade de Lisboa revelador das diretrizes artísticas operadas a partir de D. Afonso VI, quando a cultura portuguesa se abria ao figurino do barroco internacional de influência ítalo-francesa⁷.

A Igreja sofreu as últimas grandes reformas estruturais nas primeiras décadas do século XIX, apesar da instabilidade política vivida então.

De acordo com a lei de 16 de junho de 1848, a colegiada de São Cristóvão foi extinta, mandada executar por provisão do Cardeal patriarca a 17 de setembro do mesmo ano.

⁴ N. da A.: V. Mosteiro de Chellas, n.º 103, maço 6, era 1330 (ano 1292), e outros documentos do ANTT – Da denominação ainda restavam vestígios em 1551: chão d'alcamim, no sumario, 2ª ed., 1755, p. 42.

⁵ Irmandade – associação de leigos que se organizava segundo regras às quais teriam que obedecer. Criadas com o sentido de se consagrarem ao culto do santo patrono da sua eleição, cuidavam da sua capela, providenciavam as festas inerentes ao culto.

⁶ Academia dos Singulares - Fundada em 1663, reunia funcionários da corte, músicos, poetas, escritores, teólogos eclesiásticos, juristas e pintores, muitos inscritos na irmandade de São Lucas.

⁷ SERRÃO, Victor – *O programa artístico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa: o retábulo quinhentista e a campanha de obras protobarrocas (1666-1685)*. Lisboa: [s.n.].1998. p. 7

Através do Decreto de 16 de julho de 1886 a freguesia de São Lourenço foi anexada à de São Cristóvão, mantendo-se os cartórios independentes, vindo a separar-se desta em 1900.⁸

Na sequência da Lei da Separação do Estado das Igrejas e da lei de 20 de abril de 1911, no ANTT encontra-se um documento contendo a relação de objetos entrados no Museu de Arte Antiga, entre as instituições referidas consta a igreja de São Cristóvão.⁹

O desenvolvimento de legislação de defesa do património histórico nas primeiras décadas do século XX permitiu que a igreja fosse classificada como edifício de interesse público em 1944. Contudo, o reconhecimento e a posterior responsabilidade pública na sua manutenção não foram suficientes para a proteger da degradação.

Estudos académicos recentes sobre a igreja permitem-nos conhecer os fatores responsáveis pela degradação do espaço: algumas das patologias do edifício podem ser atribuídas às anomalias da alvenaria e madeira, bem como ao desgaste do uso, exposição aos agentes de deterioração, ausência de manutenção e intervenções adequadas.¹⁰

Para impedir a sua degradação e recuperar parte do património histórico da igreja, já no decorrer da segunda década do século XXI, a comunidade local, com a colaboração do pároco, desenvolveu uma série de iniciativas que permitiram reunir fundos para a sua recuperação. Estas iniciativas envolveram a comunidade civil, responsáveis autárquicos e artistas.

Ao longo de 2015 foram surgindo na imprensa vários artigos sobre a igreja e o projeto *Arte por São Cristóvão*. A divulgação das atividades para angariação de fundos, na imprensa, permitiu recolher já parte das verbas necessárias para a recuperação do telhado e permitiu recuperar algumas das telas que revestem o interior da igreja da autoria do pintor Bento Coelho da Silveira (1617-1708).

⁸ A colegiada de São Cristóvão de Lisboa Em <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=1379443> [20 07 de 2017]

⁹ Informação sobre documentos contendo a relação dos objetos entrados no museu, em virtude da lei de separação da igreja do estado e da lei Em <http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4741318> [11 de janeiro 2016]

¹⁰ MONSALVE, Maria. *Igreja Paroquial de São Cristóvão – Relatório de inventário e diagnóstico*. Lisboa. 2011 p. 51

Das iniciativas realizadas - como a venda de rifas, artigos confeccionados pelos paroquianos, venda de telhas da futura igreja, visitas guiadas - destaque os eventos - durante o mês de dezembro de 2015: a iluminação da igreja pelo grupo de arquitetos que formam os *Visual Stimuli*, dedicados ao *design* de iluminação arquitetural, convidados a participar na edição da *Experimenta Design*, decidiram apresentar um projeto para a igreja da Mouraria, ajudando assim à divulgação do movimento *Arte Por São Cristóvão*.¹¹

O projeto *Não te faltara a distância*, que entre fevereiro e julho de 2016 levou a arte contemporânea ao local.

¹¹ No fundo, trata-se de criar ambientes através da luz que valorizem, por exemplo, a arquitetura de um edifício ou os seus interiores *in* BELO, Inês. São Cristóvão: guiados pela Luz. Em <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2015-11-13-Sao-Cristovao-guiados-pela-luz> [20 de fevereiro 2017]

PARTE I - ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Capítulo I

1.1 A primitiva igreja de Santa Maria de Alcamim

A igreja de São Cristóvão, situada no centro histórico de Lisboa, pertenceu (até à reorganização administrativa da cidade, alterada pela lei nº 85/2015 de 7 de Agosto) à antiga freguesia de São Cristóvão. Atualmente faz parte da freguesia de Santa Maria Maior que “agrega as freguesias do centro Histórico de Lisboa”.¹²

A antiga freguesia de São Cristóvão foi criada no estabelecimento das primeiras paróquias na cidade de Lisboa. Em documento de (1229) encontram-se designadas mais treze paróquias [...]. Ainda a ocidente ficava S. Lourenço, dito da Mata, S. Cristóvão, inicialmente designada por Santa Maria de Alcamim.¹³

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na cidade nas últimas décadas trouxeram novos dados, possibilitando novas leituras sobre o desenvolvimento da cidade e dos povos que a habitaram.

No que diz respeito à freguesia de São Cristóvão, os estudos já desenvolvidos permitem-nos saber da existência de uma ermida no local onde hoje se situa a igreja de São Cristóvão, durante o período de domínio islâmico – princípios do século VII e meados do século XII.

O lugar de Alcamim¹⁴ situar-se-ia a ocidente, a meia encosta da zona da alcáçova árabe. “O arrabalde moçárabe teria atividades sobretudo agrícolas. Escavações

¹²Freguesia de Santa Maria Maior - Agrega doze freguesias que partilham um longo passado comum, a freguesia de Santa Maria Maior está intimamente ligada à Sé de Lisboa, inicialmente Igreja de Santa Maria Maior, mandada construir em 1150 por D. Afonso Henriques, três anos depois de ter conquistado Lisboa aos Mouros. Santa Maria Maior reúne as freguesias do Centro Histórico de Lisboa – Castelo, Madalena, Mártires, Sacramento, Santa Justa, Santiago, Santo Estevão, São Cristóvão e São Lourenço, São Miguel, São Nicolau, Sé e Socorro. Representa 2% do território da Cidade mas 5% dos edifícios, o que faz com que tenha o dobro da densidade da Cidade, nesta variável. <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/juntas-de-freguesia/freguesia-de-santa-maria-maior> Em [20 de Maio de 2017]

¹³ FRANÇA, José Augusto. *Lisboa história física e moral*. Lisboa: Livros horizonte. 2009. 2.^a ed. p. 65

¹⁴ Alcamim – vocábulo de origem muçulmana, que significa horta/hortaliças.

permitiram encontrar silos de cereais do período muçulmano sob a igreja de São Lourenço, não muito distante”.¹⁵

No lado ocidental existiria uma ermida localizada no espaço da atual igreja, que tinha como santa de devoção Santa Maria de Alcamim e seria um dos principais locais de culto da comunidade moçárabe.

O olisipógrafo A. Vieira da Silva, no estudo histórico sobre as freguesias de Lisboa publicado em 1943, refere o seguinte: “a conquista em 1147 deveria ter vindo encontrar uma grande parte da população da cidade e arredores professando a religião cristã, já com templos e paróquias numerosas”.¹⁶

Estudos arqueológicos dão conta de que antes da ocupação islâmica existiria uma Basílica maior no lugar da atual Sé.

Após a construção da mesquita talvez posterior ao século XI, os cristãos terão sido obrigados a transferir-se para a periferia, mais concretamente para Santa Maria de Alcamim (hoje São Cristóvão).

[...]

Quando foram expulsos do local, remeteram-se possivelmente para o chão de Alcamim (isto é, das “hortas”, cujo templo consagraram igualmente a Santa Maria). Deveria ser este o local onde praticava culto o bispo moçárabe assassinado durante o assalto a Lisboa, em 1147.¹⁷

1.2 Da fundação da nacionalidade ao Renascimento

No período imediatamente posterior à conquista da cidade de Lisboa, as comunas urbanas que predominavam na cidade eram cristãs-moçárabes, judiarias, mouras. As novas comunidades que permanecem na cidade, após a reconquista, integram os cruzados que acompanharam D. Afonso Henriques, na tomada da cidade - cristãos do norte de Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Alemanha.

Os novos habitantes que agora têm o domínio da cidade tendem a integrar novos elementos religiosos e socioculturais no quotidiano da cidade, identitários com os grupos sociais donde esses indivíduos eram originários.

¹⁵ PINHEIRO, Magda – *Biografia de Lisboa*. Lisboa: A esfera dos livros. 2014. 3.ªed., p. 39

¹⁶ SILVA, Augusto Vieira – *As freguesias de Lisboa: estudo histórico*. Lisboa: CMC.1943. p.

¹⁷ REAL, Luís Manuel. *Os moçárabes do Gharb português* in *Portugal islâmico: os últimos sinais do mediterrâneo*. Coord. Museu arqueologia. Lisboa: Ministério cultura. 1998. Catálogo exposição. pp. 49-51

Poderá ser como forma de reconhecimento que, após a reconquista, D. Afonso Henriques tenha nomeado para a cátedra episcopal um bispo de origem anglo-normanda - Gilberto de Hastings -, substituindo o bispo moçárabe¹⁸ morto pelos cruzados. Nesse sentido, as antigas comunidades moçárabes que se tinham adaptado à cultura árabe, evoluíram no sentido de uma integração feudal-cristã que as transformou a prazo no “Concelho” cristão detentor de uma larga autonomia social e política¹⁹.

Em Lisboa, Afonso Henriques nomeou para a cátedra episcopal, escassos dias após a conquista, o anglo-normando Gilberto de Hastings, não dando qualquer relevo à existência de um bispo moçárabe, (morto pelos cruzados), e instalou a nova catedral no espaço da mesquita aljama, ignorando por completo a anterior Sé que, segundo Manuel Real se situaria em Santa Maria de Alcamim.²⁰

Refere ainda José Luís de Matos que, no período pós-Reconquista, as novas comunidades que se instalam nos territórios “materializam o domínio do espaço através da implantação de marcas simbólicas nomeadamente a alteração de hagiónimos”.²¹ Neste sentido, os cruzados normandos que ocuparam o lugar de Alcamim após a tomada da cidade, terão substituído Santa Maria de Alcamim, da devoção dos moçárabes, por um santo normando, São Cristóvão, com o qual se identificavam.

Todavia, quando da criação das primeiras freguesias na cidade de Lisboa, Santa Maria de Alcamim conservou a mesma designação, como se prova por documentos coevos: num pergaminho datado de 1267, reinado de D. Afonso III (inquirições), é feita a menção a Santa Maria de Alcamim. O aparecimento de documentos com a designação do novo orago só surge no século XIV.

¹⁸ Quando se pede a rendição dos mouros, aparece nas muralhas, juntamente com o seu alcaide, um «bispo», que pode bem ser o chefe da comunidade cristã moçárabe de Lisboa: este bispo é dito muito idoso, o que já levou a admitir-se ter sido eleito por 1094 ou 1095, quando Afonso VI de Leão manteve a cidade por algum tempo em seu domínio; mas poderia também ser, simples e normalmente, mais um elo da desconhecida cadeia de prelados moçárabes; o certo é que foi morto por alguns dos cruzados nórdicos, que, pouco ou nada cientes da realidade do moçarabismo peninsular, o terão tomado por mais um mouro apenas. E esta teria sido a sorte de outros cristãos da Lisboa mourisca. D. Manuel Clemente *in Dicionário da História religiosa de Portugal*

¹⁹ MATOS, José Luís – *Lisboa Islâmica*. Lisboa: Instituto Camões. 1999. Col. Lazúli, p.11

²⁰ PICOITO, Pedro – *A transladação de São Vicente. Consenso e Conflito na Lisboa do Século XII*. In *Medievalista online*. n.º 4. 2008. p.5

²¹ MATOS, José Luís – *Lisboa Islâmica*. Lisboa: Instituto Camões. 1999. Col. Lazúli, p.14

A designação do local como Alcamim prolongou-se por mais uns séculos, como prova Gil Vicente na peça *Auto da Índia* de 1509, onde o autor faz menção ao chão de Alcamim.

Ando dizendo entre mi que
agora vai em dous anos que fui
lavar os panos além do chão d'Alcami.
E logo partiu a armada Domingo de Madrugada.²²

1.3 Tomo da Igreja de São Cristóvão

No Reinado de D. Afonso III (1210-1279), a corte é transferida de Coimbra para Lisboa, fixando-se o Paço Real, na antiga alcáçova moura, no local do atual castelo de São Jorge, até à transferência - no século XVI, reinado de D. Manuel I (1469-1521) - para o novo Paço da Ribeira.

O Paço da Alcáçova como paço régio nasceu com a subida ao trono de D. Afonso III, em 1248, e com a transferência definitiva da corte de Coimbra para Lisboa. [...] A alcáçova foi a residência de D. Dinis, que executou importantes obras de restauro e de D. Afonso IV. Foi ali que D. Fernando criou o arquivo real, na Torre do Tombo também chamada a Torre de Ulisses. D. João I viveu e faleceu na alcáçova. D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I também a habitaram, tendo este último instalado a corte no espaço onde hoje se situa o núcleo do Castelo de São Jorge.²³

Próxima da alcáçova real, a freguesia de São Cristóvão na encosta norte do castelo foi naquela época local privilegiado, para membros da corte aí fixarem residência e construírem os seus palácios.

Aqui tiveram os seus palácios os Condes de Cantanhede e de Castanheira, o Bispo de Tânger, D. Afonso de Meneses, Diogo da Silveira e os Belmontes, D. Álvaro de Bragança e D. Antão de Almada, os Condes de Atalaia, de Aveiras [...], Cardeais, Vice-Reis da Índia, Governadores, Regedores da Casa da Suplicação, Juizes, Desembargadores, etc.²⁴

A zona circundante à alcáçova real tornou-se assim local estratégico para a concretização de eventos conectados com o poder real.

²² VICENTE, Gil – *Auto da Índia*, capítulo 5: parte IV, p. 17

²³ QUEIROZ, Mónica. *Os Paços Reais da Alcáçova à Praça do Comércio*. Agenda Cultural de Lisboa. Em http://www.agendalx.pt/artigo/os-pacos-reais#.WFVu4_mLTIU [20 de fevereiro 2017]

²⁴ SILVA, Eugénio Sobreiro de Figueiredo. *A igreja Paroquial de S. Cristóvão de Lisboa*. Lisboa: Olisipo: boletim do grupo “Amigos de Lisboa” n.º 38, abril de 1947, p. 35

Consequentemente, no decurso da história passaram pelo priorado da Igreja de São Cristóvão figuras gradadas da Igreja, algumas delas chegaram mesmo a atingir os mais altos cargos no episcopado português.²⁵

A sua importância nos séculos XIII e XIV é atestada por possuir uma Colegiada, facto relevante por se situar extramuros e também fora do aro portuário e artesanal por excelência de Lisboa.²⁶

As Colegiadas medievais eram igrejas urbanas que tinham como principal função promover o culto religioso com a maior solenidade possível, muito à semelhança do praticado nas catedrais, a que se associariam posteriormente funções culturais e sociais, como o ensino e as práticas assistenciais.²⁷ Eram fonte de rendimento para o Rei ou quem possuísse o direito do padroado.

No reinado de D. Fernando I em 1370, é prior na igreja de São Cristóvão Afonso Anes, escrivão do rei na chancelaria.²⁸

Até meados do século XIII, o Rei tinha o direito do padroado sobre as Colegiadas lisiponenses, tal como acontecia com as restantes igrejas da diocese de Lisboa. Contudo, nas centúrias seguintes, o rei começou a alienar o direito de padroado sobre algumas Colegiadas para recuperar outros bens ou para recompensar alguns dos seus apoiantes.²⁹

Será neste contexto que D. João I doa, em 1395, o padroado da Igreja de São Cristóvão, a D. Martinho Afonso de Miranda (1360-1416), bispo de Coimbra e seu conselheiro.³⁰

D. Martinho de Miranda terá solicitado a D. João I o padroado da igreja de São Cristóvão, para aí construir uma capela, mais tarde conhecida por “sacristia velha”, destinando-a para seu jazigo e de seus descendentes, agregando-a como

²⁵ ANDRADE, Ferreira de *A freguesia de S. Cristóvão: subsídios para a história das suas ruas, palácios e igreja paroquial*. Lisboa: CML. 1994. 1.º vol. p. 16

²⁶ MATOSO Inês. *Um apontamento de tumulária medieval – O Conjunto da Igreja de São Cristóvão em Lisboa* – Lisboa: Associação dos Arqueólogos portugueses. 2001. Arqueologia e História, volume 53, p. 75

²⁷ SILVA, Gonçalo Miguel Correia Melo. *Espiritualidade e Poder na Lisboa dos Finais da Idade Média: a Colegiada de São Lourenço e os seus Patronos (1298-1515)*. Dissertação de Mestrado Lisboa: FCSH-UNL. 2012, p.8

²⁸ Cf. Em testamento datado de 1370 -Translado em pública forma dos testamentos de Pedro Lourenço, porteiro do Rei, e de Domingos Martins, também porteiro do rei e criado do dito Pedro Lourenço no testamento é pedido que seja vedor do seu testamento Afonso Anes, escrivão do rei na Chancelaria e prior de São Cristóvão de Lisboa.

²⁹ SILVA, Gonçalo Miguel Correia Melo. p. 14

³⁰ Cf. Livro da chancelaria régia de D. João I, livro II, folha 55 e 56v, em consulta no ANTT

vínculo ao morgado de Patameira, na freguesia de Dois Portos, em Torres Vedras, que também instituirá.

O desejo de construir, em vida, uma capela para o seu jazigo, e seus descendentes, evidencia as preocupações do homem medieval:

Os homens de finais da idade média preocupavam-se não só em redigir atempadamente o seu testamento, de forma a não morrerem intestados, mas ainda com a escolha de um local de sepultura e, mesmo, com a construção do túmulo, ainda em vida.³¹

As construções tumulares desse período refletem a preocupação dos jacentes em preservar a memória para as gerações vindouras, através da inscrição de epitáfios e dos brasões de linhagem. Mas também refletem a sua intensa religiosidade.

O modo como o homem medieval se faz tumular exprime esta tomada de consciência da sua individualidade, visível na acentuação da monumentalidade dos túmulos e na definição de novos espaços funerários: o homem aproxima-se cada vez mais dos espaços religiosos, locais eleitos para a sepultura. O medo da condenação leva-o a procurar essa proximidade do sagrado, condição de salvaguarda garantida.³²

D. Martinho Afonso de Miranda, Eclesiástico Doutor em Leis pela Universidade de Bolonha³³, terá sido contemporâneo de João das Regras na mesma universidade. Assim como João das Regras³⁴, D. Martinho terá sido um dos primeiros conselheiros designados pelo Mestre de Avis em 1384³⁵.

³¹ GOULÃO, Maria José. *Expressões artísticas do universo medieval*. Lisboa: Fubu editores. 2009. p.45

³² *Idem* p. 45

³³ A Universidade de Bolonha é uma das mais antigas da Europa. Pesquisas recentes têm demonstrado que os que procuravam Bolonha não eram estudantes bisonhos, caloiros despreparados, mas homens maduros de várias procedências, especialmente sacerdotes e jovens oriundos de famílias nobres de muitas nações. Quando regressavam às suas pátrias levavam consigo a cultura amealhada em Bolonha.

³⁴ João das Regras estudou Leis e Direito em Bolonha e foi nomeado reitor da Universidade de Lisboa e chanceler-mor vitalício. Apoiante de D. João, Mestre de Avis na crise de 1383-1385, foi uma figura crucial para a eleição deste como rei de Portugal, nas Cortes de Coimbra de 1385. Contribuiu para a continuidade da independência nacional ao lutar na Batalha de Aljubarrota. Como legislador empenhou-se na elaboração da nova legislação do reino e esteve na origem do que viria a ser a Lei Mental, publicada pelo rei D. Duarte. Em <https://www.parlamento.pt/VisitaParlamento/Paginas/BiogJoaoDasRegras.aspx> [30 de setembro de 2017]

D. Martinho Afonso de Miranda foi um dos conselheiros que D. João I manteve após ser aclamado rei nas cortes de Coimbra, em Abril de 1385, estatuto que manteve até 1414.

O conselho do Rei, constituído em 1385, mantém-se sensivelmente até à reforma profunda de D. Duarte. Nesse Conselho, os cidadãos e letrados tinham a predominância. Os mais importantes cargos públicos estão ocupados por homens da alta burguesia. [...] João das Regras, chanceler-mor, do Conselho do Rei, [...], é um dos mais categorizados dirigentes da burguesia até 1404, ano da sua morte. [...] Doutor Martim Afonso, futuro arcebispo de Braga, membro do «Governo Provisório».³⁶

Apesar de não haver provas documentais, consta que um antigo imóvel datado do séc. XV, situado na Rua do Poço do Borratém, antiga freguesia de São Cristóvão, terá sido a residência de João das Regras. Da antiga estrutura medieval resta atualmente a arcada gótica do conjunto.

É fundamental fazer referência a dois edifícios incluídos na zona de proteção da igreja matriz de São Cristóvão que, pela sua antiguidade e ocorrência de factos históricos, estão intrinsecamente ligados à memória histórica do local e da igreja matriz: o Paço de São Cristóvão e o Palácio dos Marqueses de Tancos. Alguns dos ilustres proprietários fizeram parte das irmandades instituídas na igreja de São Cristóvão – Irmandade do Santíssimo Sacramento, e Irmandade da Nossa Senhora da Conceição e Santa Catarina.

No século XV, um dos mais relevantes edifícios localizados no largo de São Cristóvão seria o Paço de São Cristóvão – atual Palácio Vagos - que foi residência da infanta D. Leonor de Portugal, filha do Rei D. Duarte e palco de festejos em 1452, quando das cerimónias do casamento por procuração da infanta com Frederico III da Alemanha, conforme narram as crónicas da época.

Depois de vistos e examinados os contratos do dito casamento, e assi de poderes que traziam para o fazer, o recebimento entre a imperatriz e o procurador do imperador se ordenou de fazer, e fez solenemente por palavras de presente nos paços do Duque, que são junto com s. Cristóvão, a um domingo IX dias de Agosto de mil quatrocentos e cinquenta e um, ao qual foram El-Rei, e o infante D. Fernando seu irmão, e o Infante D.

³⁵ HOMEM, Armando Luís Carvalho. *Conselho Real ou Conselheiros do Rei? A propósito dos privados de D. João I*. Revista faculdade de letras. História série II, vol. 4, 1987, p. 59

³⁶ COELHO, António Borges. *A revolução de 1383*. Lisboa: Caminho. 2017. 6.ª ed. p. 88

Anrique seu tio, e condes e prelados e muitos nobres senhores, e assi foi a rainha com a infanta D. Joana, e com muitas outras donas e donzelas de grande condição.³⁷

Não se encontram referências à igreja de São Cristóvão nas crônicas da época, mas sendo a igreja vizinha do Paço de São Cristóvão, e sendo o largo da igreja palco de festejos, poder-se-á supor que o priorado de São Cristóvão tenha participado na organização das festividades religiosas, como assim o determinou o decreto real.

Nicolau Lanckaman Valkenstein, um dos embaixadores enviados por Frederico III da Alemanha para celebrar os esposais, faz menção ao decreto e às festividades religiosas nos seus diários de viagem:

Nesta cidade de Lisboa, foi mandado proceder a louvores a Deus em todos os mosteiros e igrejas, por ordem do rei e do senhor arcebispo e feitas solenes celebrações, com procissões, oferendas, para perpétua memória do acontecimento.³⁸

Sobre os festejos no largo de São Cristóvão transcrevem-se alguns excertos do diário de viagem.

No dia 15 do mês de Outubro, o senhor Rei de Portugal determinou iniciar as danças na praça fronteira ao palácio da senhora desposada. A hora do meio-dia o senhor rei mandou sair seis touros bravos para a praça.

[...]

No dia 16 de Outubro o senhor rei de Portugal veio do seu palácio régio até junto da sua irmã a senhora desposada em grande cerimonia.³⁹

Nas traseiras da igreja, na calçada do Marquês de Tancos, destaca-se o palácio dos Marqueses de Tancos, exemplar da arquitetura residencial maneirista sobre o qual se estende um amplo terraço. No século XVI, foi casa nobre pertencente a D. António de Ataíde – 1.º Conde de Castanheira, filho de D. Álvaro de Ataíde e de D. Violante de Távora -, que recebeu a primeira educação no Paço Real, e quando D. João subiu ao trono, em 1521, concedeu-lhe o título de Conde da

³⁷ Rui de Pina, *chronica do senhor Rey D. Afonso V.* Lisboa:1902. Biblioteca Clássicos Portugueses vol. II p. 122 Em <http://purl.pt/413/4/> [26 Abril 2018]

³⁸ NASCIMENTO, Aires Augusto; BRANCO, Maria João (etc). *Leonor de Portugal imperatriz da Alemanha: diário de viagem do Embaixador Nicolau Lanckman de Valckenstein.* Lisboa: Edições Cosmos, 1992. Col. Medievalia pp. 31, 32

³⁹ *Ibidem* p. 39

Castanheira. A transformação da casa quinhentista num palácio terá ocorrido no século XVII, quando o proprietário era D. Francisco Manuel, 1.º Conde de Atalaya, por carta de D. Filipe I de Portugal.

D. Constança Manoel (1719-1791), casada com o 5.º Conde de Aveiras, selou compromisso com a Irmandade de N. Senhora da Conceição e Santa Catarina aos 8 dias do mês de dezembro de 1750, como se comprova pela leitura do anexo 1.

Estudos elaborados sobre a igreja de São Cristóvão, sem referirem provas documentais, dão conta de que no reinado de D. Manuel I (1495 a 1521), a igreja de São Cristóvão terá sido destruída por um grande incêndio.⁴⁰

Referências ao templo no período manuelino podem ser encontradas no espólio documental do ANTT, na chancelaria régia de D. Manuel I, liv. 28 fl. 59V, documento datado de 25-07-1497, que confirma a doação do padroado de uma capela na igreja de São Cristóvão, a D. Violante, filha de Martim Afonso Miranda. No apogeu da expansão ultramarina, Reinado de D. João III entre 1521 e 1557, Lisboa era uma cidade cosmopolita para onde confluíam mercadores vindos de nações distantes. Em meados do século XVI, Damião de Góis descreve a cidade de Lisboa:

A grandeza e magnificência do interior da cidade são tamanhas que, com razão, pode ela pleitear primazias com todas as capitais da Europa, tanto pelo número de habitantes, como pela beleza e variedade das construções, pois conta mais de vinte mil edifícios. [...] Para Lisboa emigram muitos estrangeiros, vindos de nações e regiões afastadas, atraídos pela bondade do clima [...]⁴¹

Dados sobre a igreja de São Cristóvão dessa época podem ser encontrados no livro de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, de 1551, a obra contém um dos primeiros ensaios estatísticos que se fizeram sobre a cidade de Lisboa. Sobre a Igreja constam referências ao número de beneficiados, número de Capelas e Confrarias e os rendimentos obtidos.

⁴⁰ No século XVI, reinando D. Manuel, o velho templo parece que foi totalmente destruído por um incêndio e edificou-se outro mais amplo. ARAUJO, Norberto. *Inventário de Lisboa*, Lisboa: CML. 1955 p. 39

⁴¹ GÓIS, Damião, Trad. MACHADO, Raul. *Lisboa de Quinhentos – texto latino de Damião de Góis*. Lisboa: Livraria Avelar Machado. 1937. p. 43

A igreja de São Cristóvão tem prior e cinco beneficiados. Rende o priorado duzentos e vinte cinco cruzados. Rende cada ração oitenta cruzados.
Tem esta igreja cinco capelas de administradores e muitos aniversários de missas de defuntos, o que tudo vale cento e cinquenta e cinco cruzados.
A confraria do Santo Sacramento. A confraria de São Cristóvão, e de São Sebastião.
A confraria de Nossa Senhora dos Prazeres. Valem as esmolas destas confrarias quarenta e cinco cruzados.⁴²

Após a crise dinástica, por altura da morte de D. Sebastião em 1578, entre 1580 e 1640 Portugal seria governado pelos reis de Espanha, dentro do princípio da monarquia dualista, que reconhecia a existência de duas coroas nas mãos do mesmo soberano.⁴³

Algumas figuras da nobreza nacional e clero foram favoráveis aos desígnios da coroa espanhola, apoiando Filipe II de Espanha em detrimento de D. António, prior do Crato.

Pensa-se que muitas destas figuras tenham sido subornadas de alguma forma pelo Rei de Espanha, que tinha conhecimento dos temores dos mais ricos em perder a posição privilegiada na corte. O Reino manifestava assim uma avareza que renunciava à independência, a favor de bens materiais e títulos de poder”.⁴⁴

Após o regresso a Espanha do Cardeal Alberto de Habsburgo, Vice-Rei entre 1583-1593, o monarca espanhol entregou o poder a cinco governantes, todos naturais do reino.

Todos eles haviam seguido a facção de Castela em 1580, sendo portanto fiéis à política filipina. Na sua escolha interveio o desejo de se cumprir a promessa feita nas Cortes de Tomar de confiar a portugueses o governo do reino. Assim se dirigiu a administração pública até 1599”.⁴⁵

Durante os 60 anos de união ibérica, passaram pelo priorado de São Cristóvão prelados fiéis à causa filipina, como o comprovam estudos biográficos e a análise histórica a algumas das obras escritas pelos prelados. A consulta à obra *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado (1682-1772), autor da primeira

⁴² OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues. *Lisboa em 1551 Sumário*. Lisboa: Livros Horizonte.1987. pp. 44-45

⁴³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo. O período dos Filipes. In SARAIVA, José Hermano (dir.) *História de Portugal 1245-1640*. Lisboa: Seleções Reader's Digest. 1983. p. 561

⁴⁴ SOUSA, João Silva – *D. Filipe I O prudente (1527-1556-[1580-1598])*. O portal da História – História de Portugal – Reis, Rainhas e Presidentes de Portugal. Em <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/temashistoria/filipe1.html> [30 de setembro de 2017]

⁴⁵ *Idem*. Referência 43 p. 566

grande obra de referência bibliográfica editada em Portugal⁴⁶, permite-nos identificar algumas dessas personalidades que passaram por São Cristóvão.

D. Miguel de Castro (1586-1625), prior e beneficiado da Igreja de São Cristóvão, foi uma das figuras mais proeminentes do seu tempo, exerceu altas funções durante o domínio Filipino.

Consumados com grande credito do seu talento os estudos em a Universidade de Coimbra, onde recebeu a borla dourada na faculdade de teologia, foi provido no priorado de São Cristóvão em Lisboa que foy prelúdio para o governo de mais dilatado Rebanho.⁴⁷

Foi bispo de Viseu, arcebispo de Lisboa entre 1586 e 1625, foi presidente da junta de governadores entre 1593 e 1599 e vice-rei entre 1615 e 1617.

Em segundo lugar, o apoio da família dos Castro ao partido pró-filipino, em tempos da sucessão ao trono de Portugal, resultou na ascensão social desta família na nova realidade política que se impunha, tendo os seus membros ocupado importantes cargos na administração pública e na justiça secular [...]. A promoção de D. Miguel de Castro a arcebispo de Lisboa, a 7 de Fevereiro de 1586, após ter estado à frente do governo da diocese de Viseu desde 1578, pode ser enquadrada nesta política de reconhecimento dos Castros pela monarquia hispânica. Em suma, estamos perante um arcebispo que conheceu os meandros do tribunal da Inquisição e que contou, durante o seu governo, com uma posição social de relevo e com uma sólida rede de relações clientelares e familiares vinculadas com os mais elevados cargos sociais e políticos.⁴⁸

Foi prior de São Cristóvão Afonso Guerreiro, prelado dos mais conceituados do seu tempo e escritor ilustre⁴⁹, das suas obras constam a *Chronica d'el-Rey D. Sebastião, e Das festas que se fizeram na cidade de Lisboa na entrada d'el-Rei D. Philippe I de Portugal*, que aqui se transcreve um excerto do capítulo primeiro.

⁴⁶ O trabalho mais conhecido deste académico real é a *Bibliotheca Lusitana*, um dicionário dos autores da história de Portugal. Nesta obra, Bibliotheca não designa um espaço para a organização dos livros, mas um catálogo sobre outros livros. Em ordem alfabética, mais de cinco mil nomes – incluindo o próprio Diogo Barbosa Machado - são apresentados por suas biografias e obras, desde o nascimento de Cristo até meados do século XVIII. Os líderes, letrados, nobres e religiosos, muito elogiados, encontram-se dispostos em quatro volumes publicados entre 1747 e 1759, até hoje um valioso instrumento de consulta para os pesquisadores. Em

<http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/diogoBarbosa.html> [15 de setembro de 2017]

⁴⁷ MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana histórica, crítica e cronológica*. p. 471. Em

<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433001440365;view=1up;seq=481> [24 Abril 2018]

⁴⁸ GIEBELS, Daniel Norte - *A Inquisição e a Mitra de Lisboa: análise a partir do governo do arcebispo D. Miguel de Castro (1586-1625)*. Lusitânia Sacra. Lisboa. ISSN 0076-1508. 2ª S. 23 (Jan. - Jun. 2011) 121-150 p. 123. Em <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/7232> [20 de setembro 2017]

⁴⁹ ANDRADE, Ferreira – *A freguesia de São Cristóvão*. Lisboa: CMC.1944 pág. 34

O primeiro dia, que o sereníssimo e muito poderoso dom Philippe Rey das Hespanhas entrou no reyno de Portugal, novamente delle herdado e com merecimentos de suas esclarecidas virtudes ganhando logo com claros indícios de paz e affabilidade, sem contradição começou a triumphar cu amor dos ânímos dos nobres e fieis portugueses, rendidos de pura lealdade e zelo de justiça.⁵⁰

Em 1586, era prior da Igreja de São Cristóvão Manuel Machado da Fonseca, conforme se confirma no contrato entre o prior e beneficiados da igreja de São Cristóvão, (anexo 2), confirmado posteriormente por D. Miguel de Castro, bispo de Lisboa, (anexo 3). Manuel Machado Fonseca também poeta, foi um dos portugueses que escreveram epopeias em língua moderna no século XVI. Entre as suas obras constam uma epopeia em 9 cantos, dedicada a D. Philippe de Castela.

Foi também consumado genealogista, elaborou várias árvores de Casas nobres, das quais a de D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa. Compôs a *Árvore dos Senhores da Casa de Oliveira*, dedicada a D. Maria de Oliveira, filha de João Oliveira e Miranda - senhor desta casa que faleceu na batalha de Alcácer, no ano de 1578 - e de sua mulher, D. Brites de Vilhena, filha de Luíz Alvares de Távora, Senhor de Mogadouro.

Estes nobres da casa de Oliveira serão os mesmos que vêm referidos num documento com data de produção de 1584, existente no ANTT, tomo da capela e morgado que instituiu Margarida Afonso, Irmã de D. Martinho de Miranda, arcebispo de Braga, na Igreja de São Cristóvão, em Lisboa. Nesse documento pode ler-se o seguinte:

Feito pelo senhor Joane Mendes de Oliveira e de Miranda, administrador do dito morgado e capela. No tomo vão medidas e confrontadas todas as propriedades e heranças à dita capela e morgado pertencentes: com suas medições e demarcações, e com as partes citadas e requeridas. E assim a verba da instituição da dita capela, com as mais escrituras e títulos das propriedades a ela pertencentes.⁵¹

⁵⁰ GUERREIRO, Afonso. *Das festas que se fizeram em lisboa na entrada de el Rey D. Philippe*. Em <http://purl.pt/14685> [05 de setembro 2017]

⁵¹ Morgado de Margarida Afonso. Livro 1.

Em <http://digitalq.arquivos.pt/results?t=morgado+de+margarida+afonso+liv+1> [setembro 2017]

1.4 Renovação pós-Restauração de 1640

Restaurada a independência em 1640, e após a melhoria da situação económica, no final do século XVII, reinado de D. Pedro II (1648-1706), a igreja sofreu um vasto programa de renovação estética. Inicia-se no país o incremento à produção artística nacional, consequência da melhoria da situação económica, tendo como intenção glorificar a monarquia restaurada e a religião católica. “Restaurada a confiança, restabelecidos os cofres do Reino, mercê das novas riquezas brasileiras, e a imagem artística podia abrir-se em esplendor, respirando referências estéticas mais modernas.”⁵²

É dentro desse espírito de renovação que, entre os anos 1666 e 1685, a Irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de São Cristóvão empreende o programa de renovação arquitetónica e estética da igreja, tendo como responsável pelo novo programa artístico de São Cristóvão o padre João Duarte, ativo membro da Academia dos Singulares. No desenvolvimento da obra rodeou-se de artífices e artistas com ligações à academia dos singulares e irmandade de São Lucas.⁵³

O academismo no Portugal de seiscentos representa a forma como o homem culto português procurou responder aos avanços do início da Idade Moderna na sociedade ocidental [...]

Revela também hábitos e modas de uma sociedade totalmente consonante com a ideologia barroca, assim como fortalece a preservação de laços de amizade entre os sócios e/ou a sua associação ao poder.⁵⁴

No capítulo referente ao património artístico da Igreja de São Cristóvão, será abordado com mais detalhe a arquitetura e artes decorativas desenvolvidas durante as campanhas de renovação arquitetónica e decorativas ocorridas neste período, assim como os principais intervenientes.

⁵² SERRÃO, Victor – *O programa artístico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa: o retábulo quinhentista e a campanha de obras protobarrocas (1666-1685)*. Lisboa: [s.n.].1998, p. 7

⁵³ A Irmandade de S. Lucas constituiu-se como uma academia «à portuguesa», ou seja uma corporação de artífices que foi impondo saberes e transmitido conhecimentos de forma não instituída sob a cobertura da tutela religiosa e assistencial. In FLOR, Susana Varela, FLOR Pedro. *Pintores de Lisboa Séculos XVII-XVIII A irmandade de São Lucas*. Lisboa: Scribe.2016 p.64

⁵⁴ SANTOS, Clarinda Maria Rocha. *O académico Ambicioso: D. António Álvares da Cunha e o aparecimento das academias em Portugal*. FIUP – Instituto de Estudos Ibéricos Dezembro 2012. Dissertação de Doutoramento.

1.5 Consequências do terramoto de 1755

Quando se elabora uma dissertação sobre património histórico localizado no centro da cidade de Lisboa, o terramoto de 1 de novembro de 1755 terá sempre de ser referido, pelas consequências que a ação devastadora dos abalos sísmicos e dos incêndios teve sobre o património edificado e cultural da cidade.

No primeiro dia do mês de Novembro deste presente ano de mil setecentos e cinquenta e cinco às nove horas e quarenta minutos da manhã estando o céu tão claro e sereno, [...] foi surpreendida a cidade de Lisboa com o horroroso terremoto, que em cinco minutos de tempo deixou reduzidos a ruínas quasi todos os edificios, públicos e particulares da mesma cidade, sepultando nos seus estragos um grande número de pessoas de ambos os sexos, principalmente nas igrejas que por ser dia de todos os santos se achavam assistidas de numeroso povo.⁵⁵

A antiga cidade tardo-medieval desapareceu com o terramoto, assim como inúmeros objetos e documentos relevantes para a elaboração da história da cidade.

Dois terços das ruas ficaram inabitáveis, ou só três mil casas das vinte mil existentes, após o incêndio. Das quarenta igrejas paroquiais, trinta e cinco desmoronaram-se, arderam, ou ficaram em ruínas, só onze conventos dos sessenta e cinco existentes ficaram habitáveis, embora com danos. Nenhum dos seis hospitais se salvaram do fogo e trinta e três residências das principais famílias da corte ficaram destruídas.⁵⁶

A destruição da cidade de Lisboa foi narrada em artigos da imprensa, e discutida entre a elite intelectual da época. Várias nações europeias ofereceram apoio e chegaram então ao reino ofertas e promessas de ajuda.

Ofertas e promessas de cortes estrangeiras e do Brasil. Víveres de Inglaterra, materiais de construção de Hamburgo aportavam em barcos carregados, e também dinheiro. O comércio de Lisboa ofereceu ao rei, que o aceitou em 2 de Janeiro, um imposto de quatro por cento sobre os direitos que incidiam nas mercadorias despachadas na alfândega, e esse seria o contributo que permitiria reconstruir as estruturas públicas da capital.⁵⁷

⁵⁵ *Memorias das principais providencias que se derão no terremoto que padeceo a corte de Lisboa no anno de 1755 ordenadas e oferecidas.* A Majestade Fidelíssima de El Rey D. José. In ANTT

⁵⁶ FRANÇA, José Augusto. *A reconstrução de Lisboa e a arquitetura pombalina.* Lisboa: ICLP. 1986. pp. 9-10

⁵⁷ *Ibidem* p.13

Desde o primeiro dia, o futuro Marquês de Pombal, Sebastião de Carvalho e Melo, coordenou uma série de ações de ordem, planificação e, posteriormente escolha dos projetos de reconstrução da cidade, guiando-se a escolha segundo “princípios racionalistas e ilustrados”.⁵⁸ No planeamento de reconstrução da cidade, tiveram-se em conta novas soluções arquitetónicas, surgindo novos quarteirões enquadrados pelos antigos bairros históricos.

Apesar da resposta rápida no planeamento e reedificação da nova cidade, a reconstrução e recuperação dos edifícios religiosos evoluiu a um ritmo mais lento. Roma, tal como outros estados europeus, tinha respondido positivamente ao pedido de auxílio de D. José I. A ajuda disponibilizada por Bento XIV por um período de quinze anos tinha como contrapartida o compromisso da execução do *Breve* de 19 de agosto de 1756.

O dinheiro tinha duas proveniências distintas e um mesmo fim: a recuperação e reconstituição dos edifícios religiosos. Para essas obras deveriam ser canalizadas a terça parte de todos os rendimentos eclesiásticos e as verbas destinadas à celebração das missas pelas almas do purgatório, entre outras funções pias.⁵⁹

Durante o governo de D. José I foram tomadas várias medidas que provocaram profundas transformações na sociedade portuguesa, alterando irreversivelmente muitos dos quadros de referência existentes⁶⁰, nomeadamente a relação entre Estado e Igreja.

Será esta a causa por que a corte só desbloquearia o processo das ajudas extraordinárias às obras de reedificação das paróquias da capital, a 16 de junho de 1768 recuperando o *Breve* de Bento XIV.

O Patriarcado assumia, a 19 de junho, o compromisso de mandar cumprir as graças neles concedidas e, no dia seguinte, D. Luís Câmara Coutinho era nomeado por alvará régio, como executor e administrador das coletas aplicáveis à reedificação dos edifícios religiosos.⁶¹

⁵⁸ CALVO, Daniel Malet. *A génese traumática do património em Lisboa: símbolos e representações urbanas nos bairros típicos depois do terremoto de 1755*. Lisboa: outubro. 2015 p.18

⁵⁹ ABREU, Laurinda. *O terramoto de 1755 e o Breve do Papa Bento XIV (1756)*. in *O terramoto de 1755 impactos históricos*. Lisboa: livros Horizonte. 2007. pp. 237-239

⁶⁰ *Ibidem* p. 237

⁶¹ *Ibidem* p. 239

Nos livros de receitas e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento à guarda do Arquivo do Patriarcado de Lisboa encontra-se um documento que refere a entrega de 83 000 reis pelo Tesoureiro Geral dos Subsídios concedidos na *Bulla* de Bento XIV ao Tesoureiro da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão. Transcreve-se o documento original apresentado no anexo 4.

A folha 40 do livro da Receita e despesa de João Roiz Caldas tesoureiro geral dos subsídios, concedidos na Bulla do Santíssimo Padre Benedicto XIV para a reedificação, colocação, e ornato das igrejas, e paróquias desta cidade ficam lançados em débito ao referido Tesoureiro Geral.

oitenta e três mil e setecentos e cinquenta reis

83\$750

que entregou a Nicolau do Sacramento Tesoureiro da Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da paroquial igreja de São Cristóvão desta cidade importância do ordenado do 3 quartel findo em Setembro do ano próprio precedente das capelas uma instituída por D. Violante de Faria de 80 000 reis cada ano, e 3 de 85 000 reis cada uma instituída por D. Brígida Gomes.

E de como recebeu o dito Tesoureiro Geral afinou no dito livro, e este conhecimento em forma comigo escrevão das delegações pontícia e régia. Lisboa 6 de Agosto de mil Setecentos e Setenta.⁶²

Segundo o historiador José Augusto França, no traçado arquitetónico das igrejas reconstruídas após o sismo podem ser observados dois sistemas diferentes, através da análise do desenho do frontão que lhes dá coroamento e, sobretudo a existência ou não de torres.

Nas igrejas menos afetadas pelo terramoto e que sofreram intervenções menos radicais mantêm-se as torres, que identificam um formulário mais antigo, inspirado no modelo seiscentista de S. Vicente de Fora - caso das igrejas de São Cristóvão e Santo Estêvão, da atual freguesia de Santa Maria Maior – fig. 3 e 4

Nas igrejas paroquiais totalmente arrasadas e nalgumas construídas em nova localização, o traçado arquitetónico eliminou as torres e os seus frontispícios foram sobrepujados por frontões de linhas direitas sinuosas - caso da Igreja de São Nicolau, totalmente destruída e reconstruída em 1780 noutra localização, com traçado de Reinaldo Manuel dos Santos – fig. 5

Modestas no seu interior, uma vez terminado o ciclo da azulejaria barroca e da talha dourada que as novas condições do artesanato não possibilitavam, as igrejas-salão, de uma só nave, na nova Lisboa apresentavam altares de mármore ou, mais frequentemente, de madeira «fingida», tal como o estuque, então desenvolvido,

⁶² Livro de receitas e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão. Documentação à guarda do Arquivo do patriarcado de Lisboa.

imitava a talha. Aí se modificava consideravelmente a imagem anterior — e nisso, afinal, mais caracterizadamente se definiam as igrejas como elemento componente da reedificação de Lisboa, num processo disciplinado de complexidade crescente, depois dos prédios de rendimento e das «casas nobres».⁶³

Vários estudos históricos referem os estragos provocados pelo terramoto de 1755 na freguesia de São Cristóvão. A zona não foi poupada aos incêndios: vizinhos da igreja de São Cristóvão, o palácio dos Condes de Aveiras ardeu por completo, assim como o palácio dos Marqueses de Tancos.

A igreja de São Cristóvão foi uma das poucas igrejas que resistiu ao terramoto sofrendo poucos danos na sua estrutura: “o corpo da igreja resistiu ao terramoto; as torres é que se abateram, indo os sinos parar à rua dos “fanqueiros”, sem que ficassem inutilizados, salvando-se o andor da igreja por estar debaixo do arco da porta principal”⁶⁴.

Um aviso de 18 de janeiro de 1758 emitido pelo Secretário de Estado dos Negócios do Reino, Sebastião José Carvalho e Melo, fazia remeter através dos prelados e para todos os párocos do reino os interrogatórios sobre as paróquias e povoações pedindo as suas descrições geográficas, demográficas, históricas e económicas e administrativas, solicitando igualmente informações sobre os estragos provocados pelo terramoto de 1755. Estes inquéritos permitiram aferir os estragos provocados nas paróquias atingidas pelos sismos. A informação foi fornecida pelos párocos entre 1758 e 1759.

Neste período era prior na igreja de São Cristóvão Joaquim Salter de Mendonça, que responde ao inquérito em 10 de Setembro de 1759, referindo os danos que sofreu a freguesia.

A freguesia compunha-se antes do Terramoto de quatrocentos e vinte fogos, em que existião mil duzentas e setenta e seis pessoas, reduzindo-se depois do incêndio que se lhe seguiu ao terramoto a duzentas e trinta fogos e oitocentos e trinta e quatro pessoas, ficando inabitável do largo do palácio do conde de São Vicente até ao fim da rua do regedor e a mayor parte do cham do loureyro que por causa do mesmo incêndio se acha sem reparo.⁶⁵

⁶³ FRANÇA, José Augusto - *A reconstrução de Lisboa e a arquitetura pombalina*. Lisboa: instituto da cultura e língua portuguesa - Divisão de publicações. 3ª ed. 1989. p. 49

⁶⁴ SOUSA, Francisco Luís Pereira. *Terramoto do 1º Novembro de 1755 em Portugal – Um estudo demográfico*. Lisboa: Serviços Geológicos.1923. pág.672

⁶⁵ PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo. *Lisboa em 1758 - Memórias paroquiais de Lisboa*. Lisboa: publicações da CML.1974. p. 88

Sobre os estragos na igreja informa (pergunta 26: se padeceu alguma ruína no terramoto de 1755 e em quê, se está reparado):

A igreja da mesma freguesia somente experimentou ruína em duas das torres, e alguns remates do frontispício, conservando se as mesmas torres com tal reparação das pedras de cantaria de que se compunhão, que foy preciso apéalas para evitar o prejuizo, que ameaçavão à igreja e se efetuou o desmancho dellas com brevidade ficando todo o templo com perfeição interior, e no mesmo estado existe.⁶⁶

Na carta que se anexa, presente nos livros de despesas e receitas da irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de São Cristóvão, presente no Arquivo do Patriarcado de Lisboa, com data de julho de 1769, um andador pertencente à irmandade do Santíssimo Sacramento solicita esmola à Irmandade. Na mesma são referidas as obras nas duas torres da igreja e o motivo por que é feito o pedido, (anexo 5).

Diz Rodrigo José dos Santos segundo andador desta nobilíssima irmandade do santíssimo sacramento que este suplicante tem há vários anos o cuidado de guardar de noite a igreja [...] desta irmandade dormindo na casa do despacho, para maior segurança, principalmente desde que principiarão as obras das torres, e telhado, por [...] estar a igreja mais exposta a alguma invasão, no que este suplicante além de mais trabalho tem experimentado o incómodo de faltar ao seu ofício de que depende a sustentação familiar, notoriamente pobre.⁶⁷

Capítulo II

Património arquitetónico e decorativo da igreja de São Cristóvão

A configuração atual da igreja foi mandada edificar pela Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão, no último quartel do século XVII⁶⁸ quando como é descrito em documento coevo ameaçava ruína. O estado da igreja terá sido provocado por ser a dita freguesia muito pobre, como o refere o alvará de 20 de

⁶⁶ *Ibidem* pp. 88-89

⁶⁷ Documento retirado do livro de despesas e receitas da irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de São Cristóvão. 1769. Documentação à guarda do Arquivo do Patriarcado.

⁶⁸ A liderar as confrarias ou irmandades encontravam-se quase sempre personalidades de estatuto social privilegiado e de maiores recursos financeiros que não só dinamizavam a encomenda artística mas também subsidiavam com esmolas algumas dessas obras. LAMEIRA, F. Victor SERRÃO. *O Retábulo protobarroco em Portugal (1619-1668)* promontoria n.º 1. 2002/2003. UA, FLL Pág. 60.

julho de 1654, de D. João IV, e em período de grave crise económica não haver meios para fazer face a despesas de manutenção, (anexo 6).

A Igreja de São Cristóvão é um exemplo da arquitetura religiosa, de finais de Seiscentos. O edifício apresenta características da arquitetura maneirista barroca que se enquadra na tipologia dos fins do século XVII, quando a arquitetura e artes decorativas portuguesas sofrem influência do barroco internacional. A reconstituição Seiscentista alterou a feição primitiva, de que restam as nervuras das abóbadas da capela-mor e as grossas paredes do corpo central, com mais de dois metros de espessura⁶⁹. Manteve-se a antiga sacristia medieval e alguns painéis de azulejo.

A Irmandade do Santíssimo Sacramento encomendou o projeto ao Padre João Duarte, membro ativo da Academia dos Singulares, erudito com conhecimentos científicos e matemáticos, que expressa a religiosidade do espaço, e a carga emotiva própria de um templo religioso aplicando princípios da arquitetura clássica, na conceção do espaço.

Na elaboração do arrojado projeto contou com a colaboração dos artistas mais conceituados à época, também eles membros ativos da Academia dos Singulares, e da Academia de São Lucas⁷⁰ (no caso dos pintores Bento Coelho da Silveira, e os Pintores de têmpera Ferreira Araújo).

As obras foram custeadas através de doações e rendas próprias, sendo que como se compreende pela leitura de documento datado de 1690 presente no livro de eleições e promessas de 1586 a 1696, estes valores não seriam suficientes para o término da obra. Após a reedificação do corpo da Igreja, a Irmandade do Santíssimo procurou reunir verba para cobrir de madeiras o espaço interior.

Dado que era desejo dos Irmãos e fregueses terem de novo a sua igreja, procurou então a Irmandade acudir aos dispêndios da obra e, se fosse necessário recorrendo a empréstimo, (anexo 7).

⁶⁹ *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa. 1973. p. 90

⁷⁰ Em 1602 foi fundada a Irmandade de São Lucas (corporação de pintores 1609-1793), assinaram compromisso a 05 de Outubro de 1609

Acordo da Irmandade do Sanctissimo Sobre se haverem de obrigar os bens della para as obras da Igreja Novamente Erecta.

Vaj Adeante que não teve este acordo effeito

[...] Porque a decima que sua Magestade fora servido dar licença para se lançar pelas propriedades da freguesia, não passava sua cobrança de duzentos mil reis por Anno, e se extendia a concessão mais que athe 4 mil cruzados na suposição de que a igreja antiga se repararia da ruina que ameaçava: porem achando-se ser necessário edificar de novo o corpo da dita Igreja, não bastarão as esmolas e empenho que crescerão; e a este respeito e outros motivos dignos de toda a ponderação, assentarão que se tomasse por empréstimo a razão de juro de sinco por cento hum conto de Reis.⁷¹

2.1 Planimetria e estrutura

2.1.1 Arquitetura exterior

O exterior da igreja apresenta uma planta longitudinal, composta. Nave única, capela-mor e corpos anexos de cota inferior.

Frontaria Maneirista de linhas simples dividida por pilastras, decoração concentrada no pórtico. Frontão triangular de linhas direitas ladeado por duas torres sineiras. Nos planos laterais rasgam-se várias janelas de diferentes dimensões. Fig. 6

2.1.2 Arquitetura interior

O interior da igreja apresenta uma só nave retangular, com uma área de 144m², e uma altura de 13m na zona central, iluminado por várias janelas, com teto plano ao centro e curvaturas suaves sobre a cornija de mármore, paredes e tetos revestidos de painéis emoldurados com talha dourada. Constituída por cinco nichos de altares, dois púlpitos, um coro e o altar-mor.

As capelas têm os arcos emoldurados a cantaria e são revestidos por silhares de azulejos policromados formando xadrez.

⁷¹ Livro de eleição e promessas 1586 a 1696. Arquivo do Patriarcado de Lisboa.

O retângulo central revela os conhecimentos eruditos do Padre João Duarte, cujas medidas entre a base e a altura correspondem a um retângulo áureo de 1,618, medida divina.⁷²

Um arco pleno dá acesso à capela-mor. O teto da nave é em madeira, ligeiramente abaulado e o da capela-mor em abobadilha de arestas.

Revela um interior revestido a talha dourada, com característica do primeiro barroco nacional, apresenta os espaços livres das paredes revestidos por quadros a óleo sobre tela emoldurados a talha dourada.

A igreja tem um coro elevado com acesso pela casa mortuária e um piso superior com varandas e janelas.

2.2 Artes decorativas

2.2.1 Talha

Os trabalhos de talha que se encontram na igreja foram atribuídos pela Irmandade do Santíssimo Sacramento à oficina do Mestre Manuel João da Fonseca. “Conjunto soberbo ainda de 1680-1681, que as circunstâncias dos tempos preservam na sua integridade e passam a constituir um documento raro em Lisboa, para estudo das primícias da talha de «Estilo Nacional»”⁷³.

As características do estilo nacional⁷⁴ revelam-se nas molduras dos painéis da capela-mor, recamados de cachos de uvas e folhas de vide; presente no altar-mor

⁷² O retângulo de ouro pode ser dividido em um quadrado e em outro retângulo de ouro em um processo que pode se repetir infinitas vezes, mantendo-se a mesma proporção. Para os gregos, o retângulo áureo representava a lei da beleza matemática. Ele aparece em diversas obras da arquitetura e escultura grega clássicas. O Parthenon, construído em Atenas por volta de 430-440 a. C., tem em sua base um retângulo de ouro. No início do século passado a letra grega phi, do nome de Fídias, construtor e arquiteto do Parthenon, foi designada para representar o número áureo. Em <http://pre.univesp.br/o-numero-de-ouro-e-a-divina-proporcao#.Wu87m9QwjDc> [12 dezembro 2017]

⁷³ SERRÃO, Victor. *O Programa artístico da Igreja de São Cristóvão*. p.17

⁷⁴ Robert Smith caracterizou pela primeira vez o “Estilo Nacional” em 1962, segundo definição do autor: O novo dramatismo da composição fortalecida pela plasticidade dos novos ornatos - folhas de acanto em forma de plumagem, parras e cachos uva com pássaros e meninos alegóricos - não esconde a sua qualidade tradicional, pois os arcos característicos são elementos básicos da arquitetura portuguesa desde a época românica. Por esta razão e por outros o novo estilo merece o título de estilo nacional.

SMITH Robert. *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.1962. pp. 88-89

o retábulo com fino enrolamento floral e motivos eucarísticos; na morfologia acântica dos caixilhos que preenchem o friso de painéis sobre as seis capelas laterais e as duas colaterais.

2.2.2 Pintura

2.2.2.1 Pintura de Brutesco, douramento da talha

O teto da nave em caixotões⁷⁵ é composto por pintura ornamental de brutesco⁷⁶, “apresentando 15 quadrelas desenvolvendo-se em torno do painel central, composto por figuração de anjos ao redor de uma custódia barroca⁷⁷.”

Segundo Vítor Serrão, a pintura de brutesco do teto e o douramento da talha poderão ter sido executados por Francisco Ferreira de Araújo e seu filho, José Pereira de Araújo, os mais conceituados pintores de têmpera dessa época. A autoria poderá ser atribuída por semelhanças do estilo com outras decorações congêneres⁷⁸ e por proximidade com outros artistas presentes na obra, através da Academia de São Lucas e Academia dos Singulares.

Naquela época era comum a polivalência artística dos pintores de têmpera, como forma de corresponder a uma necessidade explícita do mercado de arte da época.⁷⁹ Como tal, tudo indica que o douramento da talha provavelmente também terá sido executado pelos mesmos pintores.⁸⁰

⁷⁵ Os tetos de caixotões ou apainelados apresentam formas de enquadramento diversas como o quadrado, retângulo ou outros polígonos. SERRÃO, Victor – 2003

⁷⁶ Este género decorativo, que por esta época vivia o seu período áureo, era aplicado como modalidade de revestimento através de pintura a óleo sobre tetos de madeira e caixotões, como também sobre frescos em abóbadas de estuque e pintura a têmpera e ouro, sobre colunas frisos e suportes pétreos.

⁷⁷ SILVA, João. *Igreja Matriz de São Cristóvão/ Igreja de São Cristóvão e São Lourenço*. 1992. Atualizado. J. Seabra Gomes. 2005. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural Em www.monumentos.gov.pt/site/app [02 de fevereiro de 2018]

⁷⁸ SERRÃO, Victor. *O Programa artístico de São Cristóvão*. p. 18

⁷⁹ FERREIRA, Sílvia – *Dourar e pintar: a polivalência artística dos mestres douradores de Lisboa na época barroca*. ARP. 2015 Artigo revista.

⁸⁰ A polivalência artística do pintor Ferreira Araújo pôde ser comprovada através de documentação coeva. Estudos efetuados por Sílvia Ferreira referem documento de procuração datado de 8 de julho de 1707 passada pelo mestre pintor José Ferreira de Araújo, a seu cunhado António de Oliveira Bernardes, a fim de este cobrar da Irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de S. João no Lumiar, o que lhe estavam devendo pela obra de dourar o retábulo-mor e pintar o teto da capela-mor.

Registos nos livros de receitas e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento mencionam nos anos de 1699 e 1702-1703, sem referir nomes, as despesas com os mestres douradores, (anexo 8).

- Despesas por três adições conforme assinatura com os mestres douradores - 300 mil reis;
- Despesas mais com os pintores de fazer os quatro triângulos vinte mil reis;
- Despesas mais com os ditos mestres de fazer os embotidos, e portas, jarrões, jarras e borrifadores(?), quinze mil seis centos e oitenta reis.
- Despesas mais de ... da Meza com os mesmos Mestres para ajuda do teto da Capella Mor quinze mil reis.⁸¹

2.2.2.2 Pintura de Cavalete

Das 40 telas que revestem a igreja 22 pinturas são atribuídas ao Pintor Bento Coelho Silveira (Lisboa 1617-1708). Vítor Serrão, no estudo sobre o programa decorativo da Igreja de São Cristóvão refere que “as melhores devem-se ao melhor artista de cavalete do tempo, Bento Coelho da Silveira”.⁸² À época reconhecido pelos seus pares como um dos mais virtuosos pintores, trabalhou para a Coroa, Nobreza e Ordens religiosas.

Membro ativo da Irmandade de São Lucas e da Academia dos Singulares, que lhe presta homenagem em 1666. “Uma homenagem deste cariz e desta importância, feita por uma academia literária a um artista coevo, constitui acontecimento sem paralelo na Europa de Seiscentos”.⁸³

É nomeado pintor régio por carta de D. Pedro II em 10 de setembro de 1678, por morte de Domingos Vieira.

A sua pintura, já apresenta algumas características barrocas. “Em várias, é nítida também a influência do tenebrismo que marca a obra pictórica do seu mestre”.⁸⁴

O ciclo de telas presentes em São Cristóvão, datadas do final de Seiscentos, apresentam ainda características tenebristas, mas revelam já modelos de inspiração flamengos e novas influências francesas e italianas do barroco

⁸¹ Livro de receitas de despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão do ano de 1699. p. 16. Documentação à guarda do Arquivo Patriarcado Lisboa.

⁸² SERRÃO, Vítor – *O Programa decorativo da Igreja de São Cristóvão*. p. 18

⁸³ SOBRAL, Luís de Moura. *Pintura e poesia na época barroca homenagem da academia dos singulares a Bento Coelho da Silveira*. p.12

⁸⁴ NUNES, Marília. *Pintor Seiscentista Bento Coelho da Silveira*. p.7

internacional. Segundo Vitor Serrão, a pintura de Bento Coelho presente em São Cristóvão revela o estilo característico do pintor “penumbriista de informação rubensiana”.

O programa iconográfico das quatro dezenas de pinturas abrange várias ordens temáticas: Cenas eucarísticas; Cenas da vida de São Cristóvão; Representação dos 4 doutores da Igreja; Representação de Santos milagreiros, Santo António, São Francisco de Assis.

Presente na nave, a tela de São Francisco de Assis esmolando, “de notável densidade barroca pelo desenho em escorço dos mendigos e estropiados, que se acumulam em plano inferior, aguardado o pão que o santo distribui”.⁸⁵

2.3 A Sacristia Velha

Presente na sacristia encontra-se um bom quadro representando a Morte de São José, da autoria de Bento Coelho da Silveira de “agitada composição barroca”.⁸⁶

Local onde se situa a antiga capela dos Miranda contém “um dos mais relevantes conjuntos de restos tumulares medievais da cidade de Lisboa”,⁸⁷ onde se guardam os túmulos quatrocentistas com arcossólio de D. Martinho de Miranda, conselheiro de D. João I e o seu neto D. Fernando de Miranda, criado e capelão-mor de D. Afonso V, e mais tarde bispo de Viseu.

O impacto da capela no imaginário da época foi enorme: como marca tónica, emergindo da área do que era o cemitério paroquial; como marca interna da igreja, onde a demarcação arquitetónica e a exuberância heráldica e tumular – que ainda hoje, adulterada e mutilada, impressiona – hierarquizaram claramente o espaço social.⁸⁸

2.4 Imaginária devocional

Presentes na igreja encontram-se várias esculturas de vulto em madeira estofada e policromada, algumas datadas do século XVIII, não sendo possível datar o

⁸⁵ SERRÃO Victor. *O Programa artístico de São Cristóvão*. p. 21

⁸⁶ *Ibidem* p. 22

⁸⁷ MATOSO, Inês. Lisboa: 2001. p. 75

⁸⁸ *Ibidem* p. 89

período de todas elas. A maioria apresenta características próprias da escultura devocional do período barroco quanto à técnica e temática.

Marcadas por volumes extravagantes e tratadas cenograficamente, as suas faces são muito realistas e as vestes luxuosas, o enriquecimento decorativo é conseguido além da policromia pelo ouro, através da técnica do estofado, imitando tecidos. [...] As temáticas continuam a ser aquelas relacionados com hagiografia, neste caso mais direcionada para os mártires e místicos, os cristológicos, com incidência na sagrada família [...] ainda as que se referem à virgem⁸⁹.

Tendo em conta o que foi referido por Nisa Félix, destacam-se as esculturas de vulto datadas do século XVIII, onde a ilusão de movimento é criada pelo volume dos panejamentos, que se apresentam ricamente trabalhadas.

Localizadas no retábulo lateral da nave Nossa Senhora com o menino, Piéta. Fig. 9 e 10. No retábulo lateral da nave S. José, na colateral S. Cristóvão. Fig. 11 e 12

2.5 Objetos litúrgicos

A igreja foi adquirindo, ao longo da sua existência, um conjunto de objetos litúrgicos⁹⁰, alguns que hoje fazem parte do tesouro da Igreja, como o caso de um cálice gótico flamejante, de prata dourada, firmado, na base, com as armas dos Miranda.⁹¹ Documentação coeva de final de Setecentos faz referência a encomendas de obras de ourivesaria e de objetos litúrgicos.

Um documento datado de 1784 e 1785 refere a compra de um novo e rico ornamento vindo de França pela Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão, que pela leitura do documento se deduz que será um baldaquino, (anexo 9).

⁸⁹ FELIX, Nisa. *Guia para o conhecimento, conservação e restauro de escultura em madeira policromada*. Porto: 2013. p. 19

⁹⁰ Peças de uso comum que, mercê de algumas transformações, ingressaram no serviço do culto, enquanto outras convergiam diretamente para o espaço religioso, transportando para o cerimonial as práticas da vida civil - da mesa ao altar; da taça ao cálice; do prato à patena; do pequeno recipiente tapado à píxide; da bacia e gomil ao serviço de lavabo; de componentes da baixela doméstica à salva e galhetas para o vinho e a água; de elementos com funções essencialmente decorativas ou de aparato a componentes obrigatórios no arranjo do espaço destinado à eucaristia, como os candelabros, as jarras, os atris ou as toalhas e os revestimentos de altar *In* ROQUE, Maria Isabel Rocha – *Altar Cristão: Evolução até à Reforma Católica*

⁹¹ SERRÃO, Victor. *O Programa Artístico de São Cristóvão*. p. 6

A colocação destes elementos decorativos de natureza barroca nos altares das igrejas enquadra-se no contexto da época Joanina e no que se pretendia para o cerimonial religioso. Documentação revela o envio para a capital de livros, desenhos e destas réplicas de altares da basílica de S. Pedro do Vaticano, “com vista decerto à “prática” ou ensaio das cerimónias como se efetivamente estivesse na basílica vaticana”.⁹²

Poderá ser o mesmo baldaquino a que se refere Figueiredo e Silva num artigo sobre a igreja de São Cristóvão em 1947 - “por cima do altar e colado no arco do camarim, um sólio ou baldaquino que destoa por completo do conjunto e que foi ali acrescentado posteriormente.”⁹³ E que seria anos mais tarde retirado.

Com data posterior, um documento presente no livro de receitas e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento refere o pagamento de dois resplendores de prata entre os anos de 1791 e 1792, (anexo 10).

Capítulo III

SÉCULO XIX – DESTRUIÇÃO *VERSUS* DEFESA DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO

3.1 Alterações ao património edificado sob nova organização social

As alterações estruturais e restauros no património arquitetónico da Igreja de São Cristóvão que se verificaram no século XIX ocorreram dentro de um contexto social e político de grande instabilidade⁹⁴, e de um assumido distanciamento do novo regime governativo de cariz liberal, no que respeita a poderes eclesiásticos. A procura por uma nova organização social culminaria na extinção de toda as

⁹² VALE, Teresa Leonor Magalhães - *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarcal joanina*. Cadernos do Arquivo Municipal, ISSN 2183-3176. 2ª Série Nº 1 (janeiro - junho 2014), pp. 223-249

Em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/num1/artigo09.pdf> [03 de março de 2018]. p. 225

⁹³ SILVA, Eugénio Sobreiro de Figueiredo – *A Igreja Paroquial de S. Cristóvão de Lisboa*. Olisipo: boletim do grupo “Amigos de Lisboa” A X n.º 38. 1947. p. 38

⁹⁴ O quadro que se instala em Portugal com a paz determinada em Viena, nos anos 1814 e 1815 é, há um tempo, epílogo e prólogo de dois momentos distintos da nossa história, as guerras napoleónicas e pela ofensiva revolucionária ao Antigo Regime e a antecâmara da guerra civil que determina o derrube do estado absolutista e a vitória do liberalismo em 1834.

LIMA, Maria Madalena da Costa. Op. Cit. p. 279

Ordens Religiosas por Decreto de 30 de maio de 1834, da autoria de Joaquim António de Aguiar.⁹⁵

A Colegiada de São Cristóvão de Lisboa seria extinta pela Lei de 16 de junho de 1848, mandada executar por Provisão do Cardeal Patriarca em 17 de setembro do mesmo ano, e pela Lei de 27 de dezembro de 1849.

O Decreto-Lei de 15 de julho de 1886 determina a anexação da freguesia de São Lourenço à freguesia de São Cristóvão para efeitos eclesiásticos.

[...] a providencia reclamada é de muita vantagem, não só porque a igreja matriz de S. Lourenço ameaça ruina, e não há na área da freguesia outra igreja, capella ou ermida para onde possa ser transferida a sede da mesma, mas ainda porque, sendo ambas as freguesias referidas de mui pequeno rendimento, não podem subsistir como parochias independentes. [...]
O ministro e secretário d'estado dos negócios eclesiásticos e de justiça assim o tenha entendido e faça executar.

Paço, em 15 de Julho de 1886. =Rei.=Francisco António da Veiga Beirão⁹⁶

No decurso do século XIX, a Colegiada e as Irmandades sediadas na igreja continuam a assumir parte da responsabilidade nos planos de reestruturação e restauros na igreja de São Cristóvão. Parte dessas reestruturações ocorrem após a extinção das ordens religiosas, já dentro do novo sistema administrativo (carta lei de 1835),⁹⁷ que determina a nova divisão administrativa do país. A responsabilidade no restauro e preservação do templo passa a ser repartida entre

⁹⁵ Decreto 30 de maio de 1834

Tomando em consideração o relatório do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, tendo ouvido o Conselho de Estado, hei por bem, em nome da Rainha, decretar o seguinte:
[...] Ficam desde já extintos em Portugal, Algarve, Ilhas Adjacentes e Domínios Portugueses todos os Conventos, Mosteiros, Colégios, Hospícios e quaisquer Casas de Religiosos de todas as Ordens Regulares seja qual for a sua denominação, instituto ou regra [...] os bens dos Conventos, Mosteiros, Colégios, Hospícios e quaisquer Casas de Religiosos das Ordens Regulares, ficam incorporados nos próprios da Fazenda Nacional.
[...] Paço das Necessidades, em 30 de Maio de 1834
D. Pedro, Duque de Bragança

⁹⁶ Decreto-lei 15 de julho de 1886

⁹⁷ A Carta Lei de 25 de abril de 1835 assentava as bases do novo sistema administrativo [...]. Os distritos eram administrados por governadores civis de nomeação régia; os concelhos por administradores escolhidos pelo Governo [...]. As freguesias por comissários de paróquia, escolhidas pelos administradores dos concelhos. Junto de cada órgão haveria corpos administrativos eleitos: as juntas gerais de distrito, as câmaras municipais e as juntas de paróquia. SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal [1832-1851]*. Lisboa: Editorial Verbo. 1985. p. 206

organizações religiosas e as novas organizações civis - assim definia a lei nos seus artigos.

Competia às recém-criadas Juntas de Paróquia⁹⁸

Artigo 319

Iº As despesas da conservação e reparo da Igreja paroquial e suas dependências.

IIº as despesas de culto em parâmetros, vasos sagrados, alfaias e guizamentos.

Assim a responsabilidade na manutenção do templo passa a ser repartida entre organizações religiosas e civis.⁹⁹

3.2 – Reconhecimento da valia histórica do Edifício Religioso

O reconhecimento da valia histórica das antigas edificações seculares é uma consequência do desenvolvimento social e político que sucedeu aos movimentos revolucionários que ocorreram na Europa no final do século XVIII e que se estenderam a Portugal.

Enquanto invenção europeia, o património histórico provém de uma mesma mentalidade em todos os países da Europa. Na medida em que se tornou numa instituição planetária, o património confronta a prazo todos os países do mundo com as mesmas interrogações e as mesmas urgências.¹⁰⁰

É nas primeiras décadas do século XIX, que se assiste ao desenvolvimento da consciência patrimonial em Portugal e se procura desenvolver legislação de defesa do património histórico.

É no desenvolvimento dos acontecimentos históricos que levariam à implementação da Monarquia Constitucional que se generalizam os atentados contra o património histórico «identificado» com o antigo regime, nomeadamente sobre património religioso. Contudo, é igualmente nas primeiras décadas de

⁹⁸ Juntas de Paróquia – O governo porá em harmonia com estas bases os mais altos ramos de administração, e poderá haver em cada freguesia uma junta de paróquia eleita pelos seus habitantes para administrar os interesses particulares dela.

⁹⁹ Carta Lei de 25 de abril de 1835

¹⁰⁰ CHOAY, Françoise. *A alegoria do Património*. Lisboa: edições 70. 2010. p.28

consolidação do regime liberal que se assiste ao lento processo de salvaguarda das reminiscências do edifício religioso¹⁰¹.

Neste contexto surge uma elite académica da qual fazem parte escritores e investigadores históricos, conscientes do valor histórico destes edifícios seculares, responsáveis por descrever e indagar sobre o seu estado de conservação.

Nestes edifícios incomparáveis se achavam como em escolas monumentos, como museus portentosos, todas as maravilhas das ciências, da poesia da arte. A escultura, arquitetura, estatuária dos mausoléus, a imaginária dos altares, a iluminura dos missaes, a pintura das vidraçarias, a talha dos retábulos subordinavam-se a um pensamento expresso num vasto simbolismo [...]. Dentro dessas igrejas, ameaçadas hoje da próxima ruína ou inteiramente arruinadas, se celebram todos os actos da vida religiosa, da vida civil e da vida domestica.¹⁰²

É dentro deste contexto de apreço pelos antigos edifícios religiosos de raiz medieval, que nalguns trabalhos de recolha e descrição de edifícios históricos aparecem referências à igreja de São Cristóvão. Os investigadores reconhecem-lhe a valia como documento histórico a conservar, transmissor de memórias históricas da cidade e do país, que era urgente divulgar e manter para as gerações vindouras.

Em 1833, Luiz Gonzaga Pereira, na obra *Monumentos Sacros de Lisboa*, registou em gravura e texto todos os edifícios religiosos de Lisboa, como o artista refere, “com o objetivo de mostrar aos nossos vindouros o grande esplendor da igreja Luzitana nesta corte de Lisboa [...]”.

Na sua “coleção de memórias” conta com um capítulo dedicado à Igreja de São Cristóvão onde descreve o seu espaço físico, iconografia e últimos restauros.

São igualmente deste período os estudos elaborados por eruditos como António Joaquim Moreira, na coleção de *epitaphios inscrições e letreiros* de 1864, um dos mais completos estudos sobre a paróquia de S. Cristóvão¹⁰³

¹⁰¹ SOUSA, Maria Alexandra Dixo – *Património Religioso do Vale do Sousa*. Tese de Doutoramento. FLUP. 2013. Em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/73796/5/28204.8.pdf> cap. IV p. 155

¹⁰² ORTIGÃO, Ramalho. *O Culto da Arte*. p. 2

¹⁰³ Andrade, Ferreira – *A freguesia de S. Cristóvão*. Lisboa: 1944. p. 33

3.3 A responsabilidade das Obras; financiadores

Não obstante a instabilidade política vivida no decorrer do século XIX, e a posição menos próxima do novo Regime Liberal à Igreja, através da análise de documentação coeva constata-se que a Igreja não deixou de ser intervencionada, podendo ser comprovado que a mesma sofreu obras de beneficiação e restauro ao longo do século XIX.

Documentação produzida permite aferir quais as entidades envolvidas nas obras de beneficiação da igreja, e de que forma se financiavam.

Como já referido anteriormente, no século XIX, os patronos no desenvolvimento e implantação dos programas artísticos na igreja de São Cristóvão, e que zelam pela sua manutenção eram as organizações religiosas sediadas na igreja, Irmandades e Colegiada; todavia, após 1834 com a consolidação do regime liberal as obras passam a ser autorizadas e supervisionadas por novas organizações civis, criadas com as Reformas Administrativas, caso do Governo Civil de Lisboa, Inspeção Geral das Obras Públicas.

3.3.1 Fontes de financiamento

A Irmandade do Santíssimo Sacramento, Administradora da Igreja, foi responsável por financiar alguns dos projetos de manutenção e beneficiação, tendo como principal fonte de receita as joias pagas pelos irmãos, entre os quais elementos ilustres da Coroa como o comprovam os registos de pagamento de joias nos livros de despesas da Real Irmandade, que se encontram à guarda do arquivo do Patriarcado em Lisboa.

Foi Juiz Perpétuo da Real Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de São Cristóvão D. João VI, e D. Carlota Joaquina sua Protetora, (anexo 11).

Joias d'el Rey Constitucional o Senhor D. João Sexto, Juiz perpetuo desta Real Irmandade e dos mais officas de Meza e Mordomos que hão de vir em Meza desta Real Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paroquial Igreja de S. Christóvão desta cidade neste presente anno de 1823.

Juiz Perpétuo

El Rey Constitucional o Senhor D. João VI de sua Joia	82\$000
Protetoras	

A Rainha Constitucional Senhora D. Carlota Joaquina	2\$000
Escrivão da Meza	
O N. Irmão o Senhor Joze Alexandra de Faria de sua Joia	2\$000

Escrivão Supranumerário	
O N. Irmão o Senhor Bernardo Francisco Nepomuceno de sua joia	2\$000

A Colegiada de São Cristóvão tinha como principal fonte de receitas os foros pagos pelas propriedades pertencentes à colegiada. Um documento datado de 1802 refere o pagamento por Sua Alteza Sereníssimo o Senhor Infante paga deste foro a nossa igreja de S. Cristóvão. (anexo 12)

Em carta enviada à Junta de Juros, o prior João Francisco Pinto e Beneficiados da colegiada de São Cristóvão queixam-se da falta de rendimento, solicitando o rendimento de duas economias para custear obras na igreja – visto o rendimento da igreja não ser suficiente e não ter rendimento de fábrica algum - à qual a junta responde afirmativamente em 1830. (anexo 13)

As Juntas de Paróquia responsáveis pelas despesas de conservação e reparo da igreja paroquial e suas dependências tinham como fonte de receita as receitas ordinárias e extraordinárias¹⁰⁴, poderiam ainda deliberar sobre a conveniência de

¹⁰⁴ Decreto-lei Artigo 322

As receitas ordinárias compõem-se

Iº do rendimento dos bens próprios da Parochia que não são do logradouro comum dos vizinhos dela;

IIº do rendimento dos bens que estão aplicados para a fábrica;

IIIº do produto dos direitos que a fábrica por lei ou estilo for autorizada a levar nos baptismos, casamentos e óbitos;

IVº do produto de multetas impostas por lei ou passara a beneficio da paroquia;

E em geral do produto de toda a receita permanente que a junta esteja autorizada a receber em virtude de alguma disposição ou autorização de lei.

Receitas extraordinárias

Iº produto da alienação de bens paroquiais devidamente autorizada;

IIº produto de donativos, doações, legados e esmolos

IIIº produto de empréstimos devidamente autorizados

fazer contribuir para as despesas da Paróquia todas as Irmandades e Confrarias nela existente, e propor a quota com que deviam contribuir.

Em ofício do Governo Civil de Lisboa, datado de 1845, é possível aferir que a Junta de Paróquia foi intimada a conceder 122\$000 para obras de manutenção da igreja¹⁰⁵. (anexo 14)

3.4 As últimas grandes Reformas Estruturais

A consulta dos arquivos da Igreja à guarda do Patriarcado de Lisboa, constituído pelos livros de receitas e despesas da Irmandade do Santíssimo Sacramento, contendo os mesmos, alguma documentação solta permite-nos conhecer o tipo de trabalhos efetuados no espaço, anteriores e posteriores à extinção das Ordens Religiosas e Colegiada. Entre eles estão vários concertos, trabalhos de pintura, carpintaria, pequenos projetos decorativos, cujos recibos dão o total da despesa e datam o período em que as obras se efetuaram.

Por ordem cronológica referem-se vários projetos efetuados na Igreja na primeira metade do século XIX.

Em 1817, período no qual Portugal vivia uma grave crise financeira, a pobreza geral tornara-se confrangedora, sem que o Governo dispusesse de meios para acorrer ao arranjo de fortalezas, casas, de igrejas, de estradas e de campos¹⁰⁶. Consta nos livros de despesas da colegiada de São Cristóvão um documento/recibo datado de 30 de março de 1817, o qual refere ter sido feita a pintura na frente da Igreja - anexo 15 contém recibos de obras.

Recebi do Sr. Beneficiado Silvério José da Silva Prior da Reverenda Colegiada de S. Christóvão a quantia de Dez mil e quatrocentos Reis porcedidos da Pintura que fiz na frente da dita Igreja e por ter Recibido a dita quantia passei a presente que signo
30 de Março de 1817

Narcizo da Fonseca Carvalho¹⁰⁷

IV^o produto de qualquer outra receita accidental.

¹⁰⁵ Subordinadas ao Governo Cível, as Juntas de Paróquia, segundo o determinava o artigo 304 podiam ser dissolvidas por Alvará do Governo Civil

¹⁰⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal (1807-1832)*. Lisboa: Editorial Verbo. 2002. p. 119

¹⁰⁷ Documento presente no arquivo do Patriarcado de Lisboa.

O livro de Despesas e Receitas de 1821-1822 da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão refere entre os meses de janeiro e abril de 1821 vários concertos efetuados na igreja, entre trabalhos de carpintaria, serralharia e elementos decorativos, (anexo 16).

28 de Janeiro de 1821 pelo que tinha pago ao Serigueiro José Rodrigues de galões e franjas para frontões e doces [...] 120\$000
Ao Mestre carpinteiro José Thomaz por concertar a porta da caza das capas [...] 3\$000
Ao Mestre Serralheiro Francisco António Policarpo de diversas obras precisas [...] 14\$020¹⁰⁸

No ano seguinte, as Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa determinam por ordem emitida a 08 de julho de 1822 que se façam reparos imediatos, “por conta de quem de direito for nas Igrejas Paroquiais do Reino de Portugal, Brazil, e Algarve”.¹⁰⁹

No ano de 1828 foram efetuados concertos de telhados, como consta em recibo de 31 agosto de 1828, que totaliza a soma 12620 reis (anexo 15).

Em 1829 foram efetuados concertos na Torre, como consta em recibo de 09 de abril de 1829, com a soma de 4380 reis (anexo 15). No mesmo ano a Colegiada de São Cristóvão solicita à junta de Juros o pagamento de duas economias, autorizado no ano seguinte, para obras e reparos na igreja, o que indica que muito provavelmente os trabalhos na Igreja se prolongaram. Guiando-nos pelo testemunho de Luiz Gonzaga Pereira, na obra *Monumentos Sacros de Lisboa* de 1833, terá sido nesse período que os quadros de Bento Coelho terão sido lavados e retocados.

Toda a igreja se encontra ornada por quadros a óleo do pintor Bento Coelho os quaes forão à poucos anos lavados e retocados, porque já se não vião pella muita poeira de que estavam cobertos; hoje podemos ver primorosamente.¹¹⁰

Durante as primeiras décadas do século XIX, a Igreja sofreu várias obras de manutenção e restauro, o que poderia indicar que a igreja se encontrava em

¹⁰⁸ Documentação referente à igreja de São Cristóvão, Arquivo Patriarcado

¹⁰⁹ Ordem n.º187 - Legislação D. João VI (1816-1826), Livro 1820-1823 Em <http://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/12/7/p228> [em 20 janeiro 2018]

¹¹⁰ PEREIRA, Luiz Gonzaga. *Monumentos Sacros de Lisboa*. p.

razoável estado de conservação, quando se iniciaram as últimas grandes obras estruturais, posteriores a 1839, que segundo testemunho coevo de Gonzaga Pereira era uma obra já mandada fazer pelo Governo.

A Igreja Paroquial de S. Cristóvão achase, athe ó presente anno de 1839, que está finalizando, sem alteração alguma athe á presente época.

N.B. Posterior o anno de 39 foi toda reedificada, fazendo-se lhe o novo adro, e consertando-se por dentro e por fora com toda a grandeza, e dizem ser obra mandada fazer pelo Governo; he quanto saberemos com verdade.¹¹¹

Cordeiro de Sousa (1886-1968), epigrafista autor da obra *Inscrições portuguesas de Lisboa (Séculos XII a XIX)*, pôs como hipótese que as modificações na capela-panteão dos Miranda tenham ocorrido nas obras de 1839, quando os túmulos medievais teriam sido removidos do seu local original e acondicionados na parede debaixo de um arco Seiscentista, discordando de Figueiredo da Silva¹¹² que indicou como período da remoção dos túmulos a reconstrução do Século XVII.

Diz-nos o Sr. Major Figueiredo e Silva, que tal barbaridade foi cometida «depois de 1659». O arco terá sido feito na «grande reconstrução do século XVII», mas o seu aproveitamento para a arrumação dos moimentos é evidentemente posterior. Talvez date das importantes obras de 1839 a que se refere Gonzaga Pereira. Aquela sem-cerimónia com que se procurou dar um fim utilitário à velha capela-jazigo, desimpedindo-a das sepulturas dos nobres padroeiros, tresanda a liberalismo.¹¹³

Não foi possível encontrar nova documentação que confirmasse uma ou outra hipótese. Ambas as hipóteses fazem sentido face à conjuntura social e política vivida na época.

Em junho de 1845 o Governo Civil de Lisboa informa que a Inspeção Geral das Obras Públicas deve proceder ao reparo dos telhados, ficando a Junta de Paróquia obrigada a participar com 122\$000.

O relatório de inventário e diagnóstico efetuado pela Dr.^a Maria Monsalve, em 2011, refere, no ano de 1846, arranjos interiores e exteriores no adro.

¹¹¹ PEREIRA, Luiz Gonzaga. *Monumentos Sacros de Lisboa*. Lisboa: oficinas gráficas da Biblioteca Nacional. 1927. p. 377

¹¹² FIGUEIREDO DA SILVA, Eugénio Sobreiro. A Igreja Paroquial de S. Cristóvão de Lisboa in Olisipo: boletim do grupo "Amigos de Lisboa" n.º 38, abril 1947, pp. 41-48

¹¹³ SOUSA, J. M. Cordeiro. *A Inscrição Tumular do Bispo D. Fernando de Miranda in* Olisipo: boletim do grupo "Amigos de Lisboa" A. XIV, n.º 53, janeiro 1951 p. 4

Em 26 de fevereiro de 1856, a Câmara Municipal de Lisboa concede licença por 12 meses à Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão para obras no prédio da Igreja da sobredita freguesia. “Não podendo alterar o prospeto do dito prédio sem expressa determinação da mesma Camara sob pena de multa de 8\$000 reis na conformidade do Edital de 2 de Fevereiro de 1836”.¹¹⁴ (anexo 17)

3.5 A Igreja de São Cristóvão de Lisboa, documento histórico

Como se pode comprovar após análise de documentação coeva, no século XIX, a responsabilidade e preservação da Igreja de São Cristóvão foi repartida entre organizações civis e religiosas.

Para as entidades religiosas, o objetivo de desenvolver obra tinha como intenção preservar um espaço sagrado, local de culto religioso, prezado pelos crentes e cujas raízes da sua fundação como templo católico se acham antes da fundação da nação.

A participação de novas organizações civis nas obras de beneficiação e restauro da Igreja de São Cristóvão enquadra-se no contexto histórico vivido. Se, por um lado, houve, por parte de uma ala mais radical do regime liberal, necessidade em desfazer-se de bens nacionais conectados com o antigo regime e com a Igreja, houve, por parte de uma ala mais moderada e mais esclarecida do novo regime liberal, necessidade em identificar e proteger património histórico, o que se refletiu nalguma da legislação criada na altura, que contém ressalvas à proteção desse mesmo património histórico. A carta lei de 15 de abril de 1835 protege da venda os bens nacionais, as obras e edifícios de notável antiguidade que mereçam ser conservados, como primores de arte ou como monumentos históricos de grandes feitos ou de épocas nacionais.

“Para uma ala mais esclarecida, a arte, que as igrejas e conventos de ontem guardavam ciosamente passam a pertencer a todos e a instruir toda a gente”.¹¹⁵

A tabela 1 em anexo no volume II relaciona as obras efetuadas na Igreja com o período histórico vivido.

¹¹⁴ Documento no Arquivo do Patriarcado de Lisboa.

¹¹⁵ FRANÇA, José Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa:1999. p. 69

Parte II

4 - ÉPOCA CONTEMPORÂNEA - REQUALIFICAÇÃO *VERSUS* DEGRADAÇÃO

4.1 Vulnerabilidade do património arquitetónico e artístico

Através da análise de documentos coevos poder-se-á constatar que a Igreja de São Cristóvão sofreu as últimas obras e reformas estruturais no século XIX.

A 20 de Abril de 1911, seis meses após a implantação da República a 5 de Outubro de 1910, é promulgada a Lei de Separação do Estado das Igrejas, constituída por sete capítulos e 196 artigos, com a nova lei:

Extinguem-se todas as formas tradicionais de manutenção do culto e sustentação do clero e proíbe-se qualquer contribuição para o culto ou para o clero que não seja segundo as modalidades que a lei prevê. O Estado entra na posse de todos os bens eclesiásticos que não considere indispensáveis para o culto.¹¹⁶

O capítulo II - Das corporações e entidades encarregadas do culto - da referida lei definia o modo como as respetivas entidades podiam aplicar os rendimentos.

Artigo 38º

As demais corporações de assistência e beneficência, que já existam, ou que de futuro se constituírem, só podem aplicar ao culto uma quantia, que ao mesmo tempo não exceda a terça parte dos seus rendimentos totais e dois terços da quantia que têm despendido com o culto, em média, nos últimos cinco anos, diretamente ou por intermédio da entidade fabriqueira

Nalgumas situações a lei poderá ter comprometido a preservação do património histórico de cariz religioso, dada a dificuldade das Irmandades em reunir as verbas necessárias para reparação dos templos.

A análise de documentação coeva permite-nos conhecer de que forma a lei se aplicou na paróquia de São Cristóvão.

Carta emitida a 06 de Setembro de 1912, convida um representante da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e Santa Catarina a comparecer ao arrolamento de bens pertencentes a essa Irmandade, (anexo 18).

¹¹⁶ SEABRA, João. *O Estado e a Igreja em Portugal no início do século XX - A lei da Separação de 1911*. Lisboa: Príncipia.2009 p.10

Administração
Do Primeiro Bairro
De Lisboa

Serviço da Republica

Ao Exmo. Sr. Juiz da Irmandade da Nossa
Senhora da Conceição da parochial de S.
Christóvão

Nos termos e para os efeitos da Lei de Separação irá proceder-se dia 10 do corrente mês, pelas 12 horas ao arrolamento dos bens existentes em posse dessa Irmandade, erecta na parochial de S. Christóvão deste bairro.

Convida portanto vossa exa a assistir a este acto ou a fazer-se representar por pessoa idónea que deverá esta munida do respectivo compromisso ou de título que o substitua pelo qual se mostre ter essa Irmandade existência legal desde quando, e bem assim do inventário dos bens pertencentes a essa mesma irmandade.

Saúde e Fraternidade

Lisboa, 6 de Setembro de 1912
O Administrador

Em virtude da Lei da Separação do Estado das Igrejas, e do arrolamento de bens dão entrada no museu de Arte Antiga vários objetos pertencentes à igreja de São Cristóvão, documento à guarda do ANTT apresenta a relação de objetos entrados no Museu - 6 quadros; 5 móveis; 2 castiçais.¹¹⁷

Em 18 de Julho de 1913 a Administração do 1º bairro de Lisboa comunica à Irmandade do Santíssimo Sacramento da obrigatoriedade de cumprir o disposto no artigo 38º da Lei de Separação, como esta exposta na circular 233 expedida pela 1ª Repartição da Direção Geral da Assistência, sob pena da sanção estabelecida no artigo 39º.

Tendo várias irmandades solicitado autorização para applicarem parte dos seus fundos quer à reparação dos seus templos quer a outras despesas de carácter cultural, o Exmo. Ministro do interior, considerando que todas as confrarias que não assumiram o encargo do culto, estão hoje como corporações de assistência, sujeitas ao disposto no artigo 38º da Lei de separação, resolveu, de acordo com o parecer da comissão central de execução da mesma lei, com o qual as mesmas irmandades têm de conformar-se sob pena da sanção estabelecida no artigo 39º.

A circular 233 definia que as verbas indispensáveis ao pagamento de reparação dos templos só podiam ser custeadas pelo terço das suas receitas disponíveis para o culto, podendo todavia autorizar-se uma verba maior desde que a parte

¹¹⁷ Informação sobre documentos contendo a relação dos objetos entrados no museu, em virtude da lei de separação da igreja do estado e da lei Em <http://digitarg.arquivos.pt/details?id=4741318> [11 de janeiro 2016]

excedente seja nos anos subsequentes deduzida do referido terço consignado às despesas culturais, (anexo 19).

A não aplicação da lei implicava a extinção da respetiva corporação.

Artigo 39º

As corporações ou entidades, que infringirem o disposto nos artigos antecedentes e nas leis gerais, ainda que seja sob o pretexto de obedecerem às prescrições dos seus estatutos, que devem harmonizar até 31 de Dezembro de 1911 com o presente decreto com força de lei, e que entretanto não prevalecem contra ele, serão declaradas extintas, confiando se à junta de paróquia respectiva o encargo de superintender nos bens e valores destinados ao exercício do culto, enquanto não existir uma entidade que legalmente possa utilizá-los e administrá-los; e os bens não afectos ao culto serão incorporados nos da fazenda nacional, nos termos do artigo 36º do Código Civil.

O desenvolvimento de legislação no século XX, para proteção de edifícios antigos com interesse histórico e cultural, possibilitando a classificação da igreja como monumento nacional, não impediu que no decurso do século XX o edifício entrasse em acelerado estado de degradação. Os trabalhos efetuados foram essencialmente a reparação do telhado, limpezas exteriores e arranjos menores. Estes arranjos de menor vulto não foram suficientes para impedir a degradação do templo, por força da antiguidade das estruturas, sujeitas a condições ambientais desfavoráveis.

Até à classificação da igreja em 1944, a mesma era propriedade da Irmandade do Santíssimo Sacramento, responsável pelas obras de manutenção do edifício.

A igreja sempre se considerou uma paróquia pobre com poucos recursos, não sendo possível custear as obras de manutenção só com donativos.

Em documento datado de 1947, o olisipógrafo do «grupo dos Amigos de Lisboa»¹¹⁸, Eugénio Sobreiro Figueiredo e Silva, refere, numa primeira visita que fez ao templo entre os anos de 1938 e 1939, a boa impressão que lhe deixou o espaço, embora notasse a necessidade inadiável de obras de conservação. À

¹¹⁸ Grupo “Amigos de Lisboa”, fundado em 1936 a partir da Secção de Estudos Lisbonenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses, tendo o Grupo como objetivos iniciais defender o património artístico monumental e documental olisiponense e contribuir para o estudo e a solução dos problemas do urbanismo e da expansão de Lisboa. O Grupo “Amigos de Lisboa” surge por iniciativa de uma comissão organizadora, de que faziam parte Alberto Mac-Bride, Eugénio Mac-Bride, Álvaro Maia, Augusto Vieira da Silva, Eduardo Neves, Gustavo de Matos Sequeira, João Pinto de Carvalho (Tinop), José Pereira Coelho, Leitão de Barros, Levy Marques da Costa, Luís Pastor de Macedo, Mário de Sampayo Ribeiro, Norberto de Araújo e Rocha Martins. Em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/Olisipo/Olisipo_guiao.pdf [20 abril 2018]

época, o Reverendo Prior Dr. José Aparício informa-o de que, dada a pobreza da paróquia, não podia efetuar as obras necessárias. Segundo consta terá sido o próprio a custear obras urgentes no edifício.

Figueiredo e Silva refere:

Os telhados que metiam água por todos os lados, foram totalmente reparados. Na mesma ocasião foram apeadas umas paredes que tinham sido levantadas sobre o frontão da fachada para ligar por um corredor as duas torres sineiras. Ficou assim a fachada restituída à sua função primitiva.¹¹⁹

No mesmo período, os ilustres “Amigos de Lisboa” Eugénio Figueiredo e Silva e o Coronel Garcez Pereira reuniram os elementos necessários para fazer o pedido da classificação do templo, o qual dirigem ao Presidente da Junta Nacional de Educação, Ministério da Educação Nacional. Na missiva referem o seguinte: “julgo que este templo bem merece uma classificação que o ponha ao abrigo de qualquer mutilação, ou atos que o prejudiquem ou lhe alterem o alto valor que por vários títulos possui”.¹²⁰

Pelo Decreto n.º33-587, de 27 de março de 1944 foi classificado imóvel de interesse público.

A consulta ao Arquivo de Obras n.º 34824, local: Igreja de São Cristóvão no Arquivo Histórico Municipal de Lisboa permite aferir os trabalhos efetuados no edifício entre os anos de 1920 e 1958.

Até à classificação da igreja em 1944, a mesma era propriedade da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que era responsável pelas obras de manutenção do edifício. Durante esse período, a mesma entidade foi intimada a efetuar obras de beneficiação; a falta de recursos levou a mesma entidade a pedir prorrogação dos prazos em diferentes períodos.

Em 03 de dezembro de 1936, a Irmandade pede a prorrogação do prazo para beneficiação do prédio, alegando dificuldades financeiras; em 1937 pede nova prorrogação do prazo por absoluta falta de meios.

Em 17 de setembro de 1938, a Irmandade pede licença para obras de reparação exteriores e limpeza de fachadas.

¹¹⁹ FIGUEIREDO DA SILVA, Eugénio Sobreiro. *A Igreja Paroquial de S. Cristóvão de Lisboa*. p.33

¹²⁰ *Ibidem* p.34

Em 1943 solicita licença para obras: reparação do telhado; janelas das fachadas; reparação de tetos e janelas, caiação.

A Irmandade do S.S. da freguesia de S. Cristóvão, tendo feito em 1944, obras de restauro do telhado e pintura do mesmo edifício, de comparticipação com a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais pede isenção de obras visto que o edifício ainda está limpo.¹²¹

Em 1948, a Irmandade, intimada a fazer obras, comunica que a igreja é pertença do Estado, conforme informa o respetivo pároco em carta de 25 de maio de 1948.

Requerimento da Irmandade do S.S.S. Cristóvão

[...] Intimada a fazer obras de beneficiação e sendo esta irmandade extremamente pobre pois o seu rendimento não chega a 500.000 por ano – vem a mesma irmandade comunicar a V. Exa que nesta data renovou o pedido feito a sua Ex.^a o Sr. Ministro das Obras Públicas que por intermédio da Repartição dos Monumentos Nacionais seja feita as respetivas obras.

Direção dos Serviços de Urbanização e Obras

Informação dos Serviços

Por Informações colhidas na 1.^a repartição, verificou-se que na realidade, a igreja de S. Cristóvão é Monumento Nacional pelo que julga de oficiar ao M.O.P. no sentido de ordenar a respetiva beneficiação.

Em Função do exposto deverá ser arquivado o respetivo processo e conceder licença relativa à V. Exa de prorrogação concedida pelo processo n.º34064/46

Em 05 de Fevereiro de 1948¹²²

A igreja encontrava-se muito danificada devido à ausência de obras de beneficiação há alguns anos, conforme consta em informação de 1956, da Direção dos Serviços de Salubridade e de Edificações Urbanas, proc. 2.653/56. “Trata-se de uma igreja muito antiga que não é beneficiada há muitos anos e que tanto interior e exteriormente se apresenta muito danificada devido ao mau estado da cobertura [...]”¹²³

Os trabalhos de beneficiação e restauro da Igreja ocorridos após 1958 mantêm o mesmo perfil: foram efetuados sobretudo trabalhos de limpeza e consolidação de elementos elétricos.

¹²¹ Arquivo de obras n.º 34824, local: Igreja de São Cristóvão. Documentos à guarda do Arquivo Histórico Municipal de Lisboa

¹²² Arquivo de obras – processo n.º34064/46

¹²³ Arquivo de obras n.º34064/46: Igreja de São Cristóvão. Arquivo Histórico Municipal

O relatório de inventário e diagnóstico efetuado por Maria Monsalve em 2011 refere trabalhos de restauro e beneficiação dos elementos decorativos entre os anos de 1964 e 1967, nomeadamente a consolidação dos elementos da talha dos altares principal e lateral; conclusão de pintura a óleo em madeira; limpeza de toda a talha do altar-mor; em 2004 menciona beneficiação da cobertura do corpo poente e do teto de acesso ao trono e na conclusão do relatório refere a importância da intervenção urgente a fim de impedir maior degradação.

Em 2014, Carla Sofia Leandro menciona na sua tese de mestrado sobre a avaliação do clima interior da Igreja de São Cristóvão as anomalias encontradas no exterior e interior da igreja. No exterior, a degradação dos rebocos e fissuras nas paredes, degradação das cantarias e alterações cromáticas nas paredes. No interior da igreja, o escurecimento das pinturas devido ao depósito de poeiras e cera das velas, que se encontram onduladas e ressequidas e com fissuras. A talha estava muito suja com depósitos de cera de velas, poeiras e falhas da folha metálica. Observou a presença de bolores e sujidade nas cornijas devido a infiltrações. Os tetos da nave encontravam-se escurecidos.

Capítulo V

PLANOS DE AÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO E ARTÍSTICO DA IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO NO NOVO MILÉNIO

5.1 Organizações institucionais - Intervenções realizadas para reabilitação do património arquitetónico e decorativo

Como membro ativo de várias organizações internacionais, promotoras na defesa de património histórico, o Estado português é responsável pela inventariação e classificação de património nacional com valor histórico e cultural.

Guiando-se por princípios definidos internacionalmente, o Estado foi responsável pela criação de organismos públicos e desenvolvimento de legislação com o objetivo de salvaguardar esses mesmos bens imóveis de interesse histórico e cultural.¹²⁴

¹²⁴ Diário da República, 1.ª série — N.º 206 — 23 de outubro de 2009
MINISTÉRIO DA CULTURA Decreto-Lei n.º 309/2009 de 23 de outubro. É tarefa fundamental do Estado proteger e valorizar o património cultural como instrumento primordial de realização da

A nível nacional compete à DGPC¹²⁵ através das respetivas unidades orgânicas a proteção do património imóvel, móvel e imaterial, com interesse histórico.

A portaria n.º223/2012 de 24 de julho define a estrutura nuclear dos serviços centrais da DGPC, com competência para a identificação e salvaguarda do Património móvel e imóvel.

Integram o património cultural imóvel os bens imóveis que assumem relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.¹²⁶ Engloba assim uma diversidade de estruturas e objetos, de diferentes épocas históricas.

Embora a classificação seja da responsabilidade do Estado, nem todo esses bens são propriedade pública; parte é pertença de entidades privadas. Segundo Sandra Costa Saldanha Diretora do SNBCI, 70 a 80% do património cultural português edificado é da Igreja católica.¹²⁷ Refere que a maior parte dos edifícios espoliados à Igreja com a lei de separação de 1911, foram devolvidos após a concordata de 1940.¹²⁸

A legislação e estruturas criadas para zelar por este património histórico, não são uma garantia de salvaguarda, acontecendo encontrar-se algum degradado e em risco de ruína.

A identificação dos bens inventariados em risco, bem como as respetivas medidas de reabilitação não são feitas com a regularidade devida. Esta situação poderá ser atribuída a fatores estruturais, organizacionais e financeiros.

dignidade da pessoa humana, objeto de direitos fundamentais, meio ao serviço da democratização da cultura e esteio da independência e identidade nacionais. Considerando a política e as preocupações do Governo português em matéria de proteção e valorização do património cultural imóvel, o presente Decreto-Lei define o procedimento de classificação de bens culturais imóveis, o regime das zonas de proteção e o estabelecimento das regras para a elaboração do plano de pormenor de salvaguarda. Prevê-se o percurso do procedimento administrativo de classificação de acordo com a sequência de atos prevista na Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro — que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural —, desde a iniciativa para a abertura do procedimento, passando pelo estabelecimento da zona especial de proteção e culminando na elaboração do plano de pormenor de salvaguarda.

¹²⁵ Direção Geral do Património Cultural — Missão Em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/quem-somos/missao/> [consulta a 12 de março de 2018]

¹²⁶ Direção Geral do Património Cultural. Classificação de Bens Imóveis e fixação de ZEP Em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/classificacao-de-bens-imeveis-e-fixacao-de-zep/> [20 de março18]

¹²⁷ Entrevista Sandra Costa Saldanha, diretora do SNBCI ao Jornal Sol a 8 Junho 2011 Em: <https://sol.sapo.pt/artigo/21291/70-a-80-do-patrimonio-cultural-portugu-s-edificado-e-da-igreja-catolica> [27 Abril de 2018]

¹²⁸ *Ibidem*

Na procura de soluções para a salvaguarda desses bens históricos estão envolvidas várias entidades públicas e privadas.

O Estado português retificou a convenção relativa ao valor do Património cultural,¹²⁹ onde apresenta como um dos princípios reconhecer a responsabilidade individual e coletiva perante o património cultural.

Convenção-Quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do património cultural:

Título III

Responsabilidade partilhada perante o património cultural e participação do público

Artigo 12º

a) As Partes comprometem-se a:

Encorajar todas as pessoas a participar: no processo de identificação, estudo, interpretação, proteção, conservação e apresentação do património cultural;
Na reflexão e debate público sobre as oportunidades e os desafios que o património representa.¹³⁰

5.1.1 Intervenções sobre património histórico de cariz religioso no novo milénio

No início do novo milénio, a Gestão Camarária da cidade de Lisboa implementou um programa de valorização do património arquitetónico e artístico com incidência nos monumentos sediados nos bairros históricos da cidade de Lisboa.

¹²⁹ Resolução da Assembleia da República n.º47/2008

Aprova a Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade, assinada em Faro em 27 de Outubro de 2005. Diário da República n.º177/2008, Série I de 2008-09-12

¹³⁰ Convenção quadro do Conselho da Europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade. Em DRE diário da República eletrónico.

As avaliações efetuadas aos imóveis classificados de cariz religioso concluíram que a maioria necessitava de importantes intervenções, quer ao nível da parte edificada, quer do património artístico integrado.

Resultado de anos de desinvestimento deram origem à decadência e precário estado de conservação, sobretudo no seu interior na sua maioria igrejas paroquiais.¹³¹

As igrejas foram intervencionadas sobretudo a nível das fachadas e coberturas, nalguns espaços também a nível do património integrado.

Entre as igrejas avaliadas e intervencionadas à época referem-se as igrejas Seiscentistas de Santa Catarina¹³², freguesia da Misericórdia. Da atual freguesia de Santa Maria Maior, São Miguel de Alfama¹³³, Igreja maneirista/barroca edificada no final de Setecentos que como São Cristóvão apresenta no seu interior um conjunto de telas de Bento Coelho Silveira; Igreja do Menino de Deus¹³⁴ edificada em 1711, último exemplar da fase inicial da arquitetura barroca.

Na antiga Mouraria foram ainda intervencionadas a Igreja de Nossa Senhora da Saúde, fachada e coberturas, conservação e restauro dos revestimentos azulejares do século XVIII.

No que diz respeito à Igreja de São Cristóvão, classificada como imóvel de interesse público pelo Decreto n.º 33 587, DG, I Série, n.º 63, de 27 de março de 1944, foi programada numa primeira fase a recuperação das fachadas e coberturas da Igreja, intervenção realizada com o apoio técnico da DRML/DGEMN.¹³⁵ À época não foi intervencionado o património artístico integrado, já na altura bastante danificado e a precisar de intervenção urgente, nomeadamente nas inúmeras telas que revestem o espaço.

¹³¹ BARROS, Ana Mafalda T. Magalhães. *Conservação e Reabilitação Urbana – Uma Nova Cultura de Cidade*. Lisboa: CML. 2005, vol. 2, p. 2

¹³² Monumento Nacional por Decreto n.º 5 046, DG, I Série, n.º 268, de 11-12-1918

¹³³ Classificada como Imóvel de Interesse público pelo Decreto n.º 28/82, DR, I Série, n.º 47, de 26-02-1982. Edital N.º 152/79 de 28-09-1979 da CML

¹³⁴ Classificada como Monumento Nacional pelo Decreto n.º 5 046, DG, I Série, n.º 268, de 11-12-1918

¹³⁵ DGEMN – extinta pelo D. L. n.º 223/2007 de 30 de maio. Atualmente o património classificado é da competência da DGPC.

Na mesma freguesia foi intervencionada a Igreja Nossa Senhora da Conceição Velha, classificada como Monumento Nacional, exemplar da arquitetura Manuelina, do qual hoje resta o pórtico manuelino.

Apesar do investimento na reabilitação das igrejas paroquiais no início do milénio pela CML, passado pouco mais de uma década das intervenções, algumas estavam de novo a necessitar de obras de reabilitação urgente a nível do património integrado.

Em Portugal, as Misericórdias são detentoras de vasto património histórico, onde se inclui património de cariz religioso. Com o apoio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, foram reabilitadas nos últimos anos três das mais antigas igrejas de Lisboa.

No final de 2015 assinalou-se a conclusão das obras de recuperação e reabilitação da igreja da Nossa Senhora da Conceição Velha, realizadas no âmbito do protocolo entre a SCML e a Paróquia de Santa Maria Madalena.¹³⁶ A igreja já tinha sido intervencionada no início do milénio, mas continuava a precisar de intervenções urgentes. A degradação do edifício atribui-se a condicionantes ambientais.

A Capela de São Roque inserida no edifício da Administração Central da Marinha Portuguesa foi reabilitada graças a um protocolo entre a SCML e a Marinha.

Em 2009 no âmbito da reabilitação da igreja paroquial de Santa Isabel em Lisboa¹³⁷, o prior José Manuel Pereira de Almeida convidou o pintor Michael Biberstein (1948-2013) para elaborar uma pintura nova para o teto da igreja, por sugestão da Appleton Square.¹³⁸

O artista empenhou-se com entusiasmo no desenvolvimento da pintura para a cobertura da igreja tendo inclusive oferecido o seu trabalho *pro bono*. Em 2013 dois meses antes do início dos trabalhos Biberstein faleceu subitamente, a sua morte deixou consternados todos aqueles que estavam envolvidos na obra, mas não

¹³⁶ (S/A) reabilitação: a vida nova de três igrejas. *Nossa Causa*, setembro 2017, suplemento edição n.º 579 do Sol. p. 14

¹³⁷ Igreja paroquial, rococó, pombalina, neoclássica do século XVIII. Em http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_pagesUser/SIPA.aspx?id [20 janeiro 2019]

¹³⁸ Appleton Square é um espaço, polivalente, vocacionado para diversas manifestações artísticas e para a partilha de experiências multidisciplinares. É um projeto cultural e educacional que visa apadrinhar a inovação e assim como procura novas formas de apoiar artistas, curadores e outros produtores artísticos. Em <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/appleton-square> [20 janeiro 2019]

esmoreceu a vontade de continuar com o planeado. A união de vontades levou à constituição de uma equipa técnica de acompanhamento ao projeto deixado por Michael Biberstein.¹³⁹

A SCML tornou-se financiadora de mais de metade da obra, através de um protocolo assinado entre o provedor da SCML e a paróquia de Santa Isabel. O restante financiamento foi conseguido com doações de instituições bancárias, donativos privados, e da *Factum Art Foudation*¹⁴⁰ responsável pela execução da pintura.



Fig. 16 Execução da pintura para o teto da igreja de Santa Isabel

E todavia um grupo de pessoas juntou-se entusiasmado, e houve problemas: era o dinheiro, era aquilo, era a igreja, era aqueloutro. Mas ninguém queria verdadeiramente desistir. [...]. Para mim é um exemplo do que pode ser feito quando as pessoas se juntam se ajudam umas às outras, trocam ideias.¹⁴¹

A nova pintura do teto da igreja planejada por Biberstein foi oficialmente inaugurada pelo Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel José Clemente em 19 de Julho de 2016.

¹³⁹ O céu de Santa Isabel – boletim informativo da Junta de Freguesia de Campo de Ourique n.º 6 julho/agosto. pp.18-19. Em http://www.jf-campodeourique.pt/wp-content/uploads/2016/09/revista_6_jfsc.pdf [20 de março de 2018]

¹⁴⁰ The Factum Foundation for Digital Technology in Conservation is a not-for-profit organisation, founded in 2009 in Madrid. It works alongside its sister company, Factum Arte: a multi-disciplinary workshop in Madrid dedicated to digital mediation in contemporary art and the production of facsimiles. Em <http://www.factumfoundation.org/buscador.php> [11 janeiro 2019]

¹⁴¹ Discurso de Catherina Frank, irmã de Michael Biberstein, na apresentação da Pintura “um céu para Santa Isabel” em 2016 na Igreja. SNPC. Em <https://www.youtube.com/watch?v=O6a2bP475fA> Registo vídeo. 9’ [14 janeiro 2019] tradução livre

5.1.1.1 Espaços culturais em igrejas dessacralizadas

Entre algum do património histórico religioso reabilitado no novo milénio referem-se antigas igrejas históricas hoje dessacralizadas.

O sucesso na reabilitação e posterior reutilização destes edifícios históricos classificados deve-se a parcerias entre entidades públicas e privadas. A intenção por parte das entidades públicas de preservar é dar nova vida a edifícios que fazem parte da memória histórica das cidades.

Entre as estruturas eclesiásticas há a compreensão, que antigas igrejas desafetas do culto e em risco de ruína possam ganhar novos usos. “Entre a perda total, é preferível que uma igreja se torne um museu, uma biblioteca, um “*atelier*” artístico ou um ponto de acolhimento dos visitantes do que simplesmente caia”.¹⁴²

Segundo Choay os antigos edifícios religiosos, obras-primas da arquitetura pré-industrial inserem-se no tipo de monumentos que apresentam mais dificuldades na sua conversão, dado que os trabalhos de organização das infraestruturas exigem um domínio técnico particular e são por vezes, de um custo dissuasivo.¹⁴³

Quando se utilizam boas-práticas na preservação da herança histórica, o que se observa nos espaços pós-reabilitação é um bem conseguido enquadramento dos elementos pré-existentes das antigas igrejas com novas estruturas arquitetónicas necessárias a novas funções.



Fig.17 Museu do Dinheiro em Lisboa

¹⁴² ANTUNES, Manuel. *A Sociedade aguarda um grande contributo cultural da Igreja*. SNPC. 10 abril 2013 Em: http://www.snpcultura.org/premio_de_cultura_2010_sociedade_aguarda_contributo_cultural_igreja.html [10 Janeiro 2019]

¹⁴³ CHOAY, Françoise. *Alegoria do património*. Lisboa: Edições 70. 2010. pp. 235, 236

Refere-se como exemplo, a reabilitação da antiga igreja de São Julião em Lisboa¹⁴⁴, o espaço foi projetado para ser o local do futuro museu do Dinheiro. Integrado no projeto de recuperação do quarteirão do banco de Portugal desenvolvido pelos arquitetos Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão Campos, entre 2010 e 2012.¹⁴⁵

A reabilitação da estrutura arquitetónica da igreja “envolveu a demolição das casas-fortes que aí tinham sido instaladas pelo Banco, o restauro do altar-mor primitivo, a recuperação da cantaria e a reconstituição dos balaustres pombalinos e das pinturas originais”.¹⁴⁶ As obras permitiram restaurar e por em evidência elementos da estrutura, mas também revelar outros achados como a descoberta da antiga muralha de D. Dinis do século XIII. Segundo o arquiteto Gonçalo Byrne, o projeto pretendeu valorizar a beleza do espaço de uma igreja salão característica da arquitetura pombalina. Deixou intencionalmente visíveis algumas das cicatrizes provocadas pela ocupação mais ou menos violenta do edifício que considera fazerem parte da história do local.¹⁴⁷

Na antiga igreja de Santiago¹⁴⁸ em Óbidos encerrada ao culto há décadas existe desde 2013 uma livraria. Graças à parceria entre a CM de Óbidos, e a associação cultural via literária foi possível recuperar e adaptar o edifício a novas funções.

Para Rita Zina uma das arquitetas responsáveis do projeto um dos princípios fundamentais foi adaptar o espaço da livraria de forma a não interferir com a qualidade do imóvel. As estantes foram construídas no interior sem tocar nas

¹⁴⁴ A Igreja de São Julião foi vendida em 1933, pela proprietária, a Arquiconfraria do Santíssimo Sacramento ao Banco de Portugal para nela serem instalados vários serviços (serviu durante muito tempo como garagem e armazém de cofres antigos) *in* Lisboa comparação com outros templos em <http://lisboahojeeontem.blogspot.com/2014/07/igreja-de-sao-juliao.html> blog 20 de Julho de 2014 [consulta a 20 de dezembro de 2018]

¹⁴⁵ Gonçalo Byrne e Falcão de Campos ganham o Prémio Valmor em 2014 com a obra de alteração do Banco de Portugal, Museu do Dinheiro.

¹⁴⁶ (S/A). *Reabilitação da sede do banco de Portugal distinguida com o prémio Valmor*. Em www.museudodinheiro [10 janeiro 2019]

¹⁴⁷ Visita Guiada Museu do Dinheiro – Paula Moura Pinheiro [em linha] registo vídeo [07 abril de 2018] acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=LvQ6H0bYX6s>

¹⁴⁸ Mandada construir por D. Sancho I, em 1186, possuía originalmente três naves com a entrada principal virada a poente, comunicando assim diretamente com o interior do castelo. Era a igreja de uso da Família Real aquando das suas estadas em Óbidos, sendo enriquecida ao longo dos séculos com numerosas obras de arte, de que se destacava a Galeria da Rainha, obra de talha gótica. A igreja foi totalmente destruída pelo terramoto de 1755 e reconstruída em 1772, com a fachada alinhada com a Rua Direita e cabeceira voltada a norte. Em: <http://www.obidos.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=f37da6e5-c04c-4dec-a459-3b51ed28e9e4> [20 novembro18]

paredes e em elementos pré-existentes, possibilitando aos visitantes observar a antiga construção religiosa sobre nova perspetiva.



Fig. 18 Livraria Santiago - Óbidos

No município da cidade de Leiria o desenvolvimento de projetos culturais em igrejas históricas encerradas ao culto há décadas permitiu preservar dois edifícios emblemáticos da cidade dando-lhes nova vida. Após pedido formal às entidades eclesiásticas, os edifícios deixaram de forma permanente de serem considerados locais sagrados.

Na igreja da Misericórdia¹⁴⁹ foi criado o Centro de diálogo intercultural, um espaço de encontro entre comunidades cristão, muçulmana e hebraica.¹⁵⁰

Com este projeto pretende-se conjugar a valorização histórica e patrimonial com a fruição cultural e turística, criando um espaço de preservação e interpretação da memória das distintas comunidades que, ao longo dos séculos, povoaram e construíram a região, com destaque para a época medieval, durante a qual aqui se fizeram sentir mais fortemente as presenças muçulmana, cristã e hebraica.¹⁵¹

¹⁴⁹ A primitiva Igreja da Misericórdia de Leiria foi erguida em 1544, no local da sinagoga medieval da cidade, situada na então denominada Rua Nova dos Judeus. Porém, o templo atual resulta de uma reconstrução integral, iniciada em 1707, e da qual resultou a sua singela estrutura chã, com decoração austera, integrável no panorama do tardo-maneirismo nacional. [...] <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/18161442> [15 janeiro 2019]

¹⁵⁰ Decreto de redução a uso profano - A santa casa de Misericórdia de Leiria solicita em ofício de 18.12.2013 que o edifício possa ser usado para atividades culturais. De acordo com o solicitado o bispo de leiria e Fátima D. António Marto de acordo com o cân 1222 do código de Direito Canónico, determina que o edifício seja reduzido de modo permanente a usos profanos.

¹⁵¹ Centro de Diálogo Intercultural de Leiria: Igreja da Misericórdia e Casa dos Pintores Em: <https://www.cm-leiria.pt/pages/566> [11 de Novembro de 2018]

Estas afirmações vão ao encontro do que são as diretrizes do Conselho da Europa sobre salvaguarda de património cultural. A memória histórica de um bem patrimonial é constituída por todos os estilos e influências culturais que apresenta. Entende Oliveira Martins¹⁵² que a “diversidade cultural e a pluralidade de pertenças encontradas no património cultural, só ganham pleno sentido quando abertas e disponíveis para dar e receber, e para assegurarem um permanente diálogo entre a tradição e modernidade”.¹⁵³

Na igreja de São Pedro de Leiria¹⁵⁴, único templo românico da Cidade, de finais do século XII, desafeta do culto religioso por decreto de redução a uso profano de 22 de Novembro de 2016¹⁵⁵. Houve interesse por parte da CM de Leiria em desenvolver no espaço atividades culturais.

A igreja precisava de ser requalificada e, no contexto atual, não havendo ali culto em permanência, a ideia de utilizá-la para a realização de eventos culturais ganhou sentido, desde que salvaguardada a importância e a identidade histórica do edifício.¹⁵⁶

¹⁵² Guilherme d'Oliveira Martins (n. 1952) É Administrador Executivo da Fundação Calouste Gulbenkian, e Presidente do Grande Conselho do Centro Nacional de Cultura. Licenciado e Mestre em Direito. Professor Universitário convidado
Do vasto curriculum refere-se: Foi Presidente da SEDES - Associação para o Desenvolvimento Económico e Social (1985-1995) e Vice-Presidente da Comissão Nacional da UNESCO (1988-1994). Foi Presidente da Comissão do Conselho da Europa que elaborou a Convenção de Faro sobre o valor do Património Cultural na sociedade contemporânea (2005).
Foi Coordenador Nacional do ano europeu do património cultural (2018). Em <http://casademateus.com/guilherme-doliveira-martins> [04 de fevereiro de 2019]

¹⁵³ MARTINS, Guilherme d'Oliveira. *Ao encontro da História – O culto do património cultural*. Lisboa: Gradiva. 2018 pp 82-85

¹⁵⁴ Capela românica de nave única coberta por tecto de madeira, com cabeceira escalonada abobadada, formada por capela-mor mais baixa e estreita [...] tipologicamente insere-se no românico da região de Coimbra, apresentando grandes afinidades com a destruída igreja de São Cristóvão. A capela teve torre sineira e coro-alto. In http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1775 [20 de novembro de 2018]

¹⁵⁵ Decreto de redução a uso profano - Tendo presente o pedido apresentado pelo pároco de Leiria no sentido de a Igreja de S. Pedro, em Leiria, ser destinada de modo permanente a usos profanos, tendo em conta que este edifício já há alguns anos deixou de ser usado para o culto divino, e tendo a Câmara Municipal de Leiria manifestado intenção de usar este edifício para atividades culturais, determino, de acordo com cân.1222 do Código do direito canónico, que este edifício seja reduzido de modo permanente a usos profanos [...] Leiria, 22 de novembro de 2016 D. António Marto Bispo de Leiria-Fátima

¹⁵⁶ Igreja de São Pedro em Leiria vai ser recuperada - Diocese leiria-Fátima Em: http://leiria-fatima.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=10493:igreja-de-sao-pedro-em-leiria-vai-ser-recuperada&catid=79&Itemid=671 [22 de novembro de 2018]

A história destas antigas igrejas revela-se na arquitetura, e coleção de objetos decorativos ou de uso corrente que a integram, nos acontecimentos ocorridos no local, na história de vida dos seus antigos proprietários ou locatários.

Em 2016 abriu um bar na cidade do Porto num antigo edifício devoluto, propriedade dos Viscondes de Vilarinho de São Romão, na antiga capela encerrada ao culto, há décadas. “Houve por parte da mentora do projeto a preocupação em contactar o bispo do Porto, queria certificar-se de que a sua ideia não era sacrílega”.¹⁵⁷ Após a bênção do paço episcopal avançou com o plano.

Da antiga estrutura manteve-se o retábulo de madeira escura do antigo altar, teto de madeira com vitrais; um antigo púlpito. Nas paredes as imagens dos santos foram substituídas por fotos de vindimeiras e vindimeiros.¹⁵⁸



Fig.19 Capela Incomum - Cidade do Porto

Para a mentora e *designer* Francisca Lobão, o que deu sentido ao conceito do bar, foi o simbolismo do vinho na religião cristã e na mitologia clássica, e a história dos seus antigos proprietários.¹⁵⁹ Eu apenas segui pistas — e a intuição revelou a vocação atual do espaço.¹⁶⁰

¹⁵⁷PEREIRA, Andreia Marques. *Altar pagão onde deus é o rei maior*. Publico-Fugas. 26.03.2016. Em: http://www.vinhosdelisboa.com/output_efile.aspx?id_file=6600 [12 dezembro de 2018]

¹⁵⁸ Capela Incomum. Em <http://www.oportoguide.pt/capela-incomum> [12 dezembro 2018]

¹⁵⁹ Os viscondes de Vilarinho de São Romão estiveram ligados à produção de vinho na região do Douro. Autores de estudos sobre produção e engenhos agrícolas.

A reutilização de antigas igrejas dessacralizadas é uma forma igualmente válida de preservar património histórico. Permite às comunidades continuar a usufruir de um bem comunitário com relevância histórica, que para alguns será também lugar de memórias familiares. Contudo, atribuir funções profanas a um espaço que já foi sacro nem sempre é bem compreendido por alguns setores da sociedade. Tema sensível para alguns crentes o natural seria que as igrejas continuassem a ser usufruídas para o fim para a qual foram criadas, a função litúrgica.¹⁶¹

Françoise Choay refere que “a prática de reutilização de um edifício histórico depende do bom senso, mas também de uma sensibilidade inscrita na longa duração das tradições urbanas e dos comportamentos patrimoniais”.¹⁶²

No ano europeu do património cultural, foi realizado em novembro de 2018 um congresso cujo tema de debate foi a redução das igrejas a uso profano – *Dio non abita piú qui?* Na pontifícia Universidade gregoriana.

O programa incluiu a discussão e aprovação de diretrizes para desafetação ao culto e reutilização de locais de culto.

Como casas de deus as igrejas têm um importante significado no espaço público. Como faróis estruturantes nas paisagens rurais e urbanas, bem como elementos simbólicos e muitas vezes antigos das comunidades locais, portanto as igrejas são edifícios particularmente notáveis para os quais a avaliação de valor patrimonial implica diferentes perspetivas. Atenção na arquitetura, no contexto histórico, no tempo e no espaço, bem como dimensão imaterial.¹⁶³

O Conselho Pontifício da Cultura do Vaticano publicou as suas linhas de orientação sobre a reutilização das igrejas católicas para usos não sagrados, com 11 recomendações.

Foi na quinta um dos primeiros locais onde se efetuou a sementeira de batata em Portugal, tendo em 1780 sido colhidos 400 alqueires pela sua proprietária de então, D. Theresa de Sousa Maciel Girão. Por esta razão foi-lhe concedida pela Academia Real das Ciências uma medalha de ouro.

A mais antiga receita de bacalhau "em forma de bolinho" é da autoria do segundo visconde de Vilarinho de São Romão, que a registou no livro 'Arte do Cozinheiro e do Copeiro' em 1841. Em https://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/o_pastel_aristocrata [05 janeiro 2019]

¹⁶⁰ PEREIRA, Andreia Marques. *Altar pagão onde deus é o rei maior*. Publico-Fugas. 26.03.2016

Em http://www.vinhosdelisboa.com/output_efile.aspx?id_file=6600 [12 dezembro 2018]

¹⁶¹ CAMEIRÃO, Estela. *Reutilização de igrejas antigas*. Pedra & Cal n.º 38 Abril. Maio. Junho 2008

Em http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev38_Artigo%2005.pdf [05 janeiro 2019]

¹⁶² CHOAY, Françoise. *Alegoria do Património*. Lisboa:2010. Edições 70.pp. 236-237

¹⁶³ COOMANS, Thomas. Innovative solutions for the decommissioned churches. Conferência 29 de novembro de 2018. Universidade Gregoriana. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=-5o7WsetMKA>. [28 janeiro 2019] Registo vídeo. Tradução livre

A cessão e a busca do futuro destino devem fazer parte de um projeto do qual seja protagonista a comunidade eclesial em diálogo com a comunidade civil envolvendo também as figuras profissionais de referência para evidenciar a finalidade também social desta transformação. É preferível usos culturais, sociais ou caritativos, excluindo usos comerciais com finalidade especulativas.¹⁶⁴

5.2 Envolvimento das comunidades locais na recuperação do património artístico de cariz religioso

O sucesso na reabilitação destes edifícios históricos em risco de ruína deve-se à capacidade de envolver no projeto diversos intervenientes, entidades públicas e privadas, público crente, não crente. As diversas comunidades que se envolvem na sua salvaguarda, fazem-no por ligações afetivas ao local por compreenderem o valor histórico e memorativo destes antigos templos.

1. Os bens culturais da Igreja constituem uma das expressões mais elevadas da tradição cristã vivida por inúmeras gerações de crentes e representam uma parte essencial da herança cultural da Humanidade. Com efeito, esses bens culturais são manifestações de Deus ao Homem e aspirações do Homem para Deus, e constituem testemunhos da identidade e da tradição dos povos.¹⁶⁵

Carta Villa Vigoni 1994

Dentro de uma comunidade local ou alargada, a defesa do património está associada a fatores que se ligam com a preservação de memórias: “o património confere um sentido de continuidade à passagem do tempo e atenua os sentimentos de mudança, rutura e perda inerentes à dinâmica da história.”¹⁶⁶ Por esse motivo, as comunidades locais são frequentemente as entidades que sinalizam e se envolvem na defesa do património histórico da sua comunidade.

Vivemos num mundo sem fronteiras estanques e as causas da cultura e do património têm tudo a ganhar com uma colaboração alargada [...] Somos poucos

¹⁶⁴ RAVASI, Gianfranco. Cardeal, presidente do Concelho Pontifício da Cultura. *Diretrizes da Santa Sé sobre a cessão de lugares de culto*. Vatican news 17 dezembro de 2018 Em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-12/papa-francisco-ravasi-bens-diretrizes.html> [28 janeiro 2019]

¹⁶⁵ LOPES, Flávio, CORREIA, MIGUEL Brito. *Património Arquitetónico e Arqueológico, Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004, pp. 245-246.

¹⁶⁶ RODRIGUES, Paulo Simões. *Patrimoniotopia: o Património como lugar imaginário*. Colóquio-Arte e Utopia. FCSH: Lisboa, 02 de outubro 2013. Em https://www.academia.edu/6423621/Patrim%C3%B3niotopia_o_Patrim%C3%B3nio_como_lugar_imagin%C3%A1rio [30 de março de 2018]

para defender um conjunto de valores em risco e é imperioso que atuemos num espírito de unidade quanto ao essencial.¹⁶⁷

Porque o Estado não revela capacidade de identificar e proteger todos os bens classificados com valor histórico, no que concerne ao património de interesse religioso são as comunidades locais, juntas de freguesia e paróquias, as primeiras a detetar e alertar para situações de possível perda de património histórico. Parte da iniciativa dessas pessoas as primeiras medidas de proteção dos bens patrimoniais.

Referem-se na cidade de Lisboa os casos das igrejas de São José dos Carpinteiros e São Cristóvão, em processo de reabilitação. Foram as comunidades locais a alertar para o mau estado dos edifícios e a necessidade urgente de obras de recuperação.

5.2.1 Igreja Paroquial São José dos Carpinteiros

Localizada na atual freguesia de Santo António, na zona histórica da cidade de Lisboa, a Igreja de São José dos Carpinteiros, templo quinhentista, foi mandado edificar pela Irmandade de São José dos Carpinteiros em 1545.¹⁶⁸

O templo apresenta traços da arquitetura barroca e pombalina. O interior é coberto com abóboda de canhão onde foi pintada a imagem de São José e o Anjo. As paredes foram decoradas a meia altura com silhar de azulejos setecentistas onde figuram cenas da vida de São José. Destaca-se no programa decorativo o presépio em terracota da segunda metade do século XVIII, atribuído à escola de Machado de Castro.¹⁶⁹

¹⁶⁷ Prémio Arvore da vida – Padre Manuel Antunes. A sociedade aguarda um grande contributo cultural da igreja. Em Secretariado nacional da Pastoral da Cultural. Em http://www.snpcultura.org/premio_de_cultura_2010_sociedade_aguarda_contributo_cultural_igreja.html [04 dezembro 18]

¹⁶⁸ Classificado como IIP imóvel de interesse público desde 1978. Decreto n.º 95/78, DR, I Série, n.º 210, de 12-09-1978

¹⁶⁹ Conjunto formado pela Igreja de São José dos Carpinteiros e prédios anexos da Rua de São José com os n.ºs 64 a 100. Direção Geral do Património Cultural. Em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74176> [11 de abril de 2018].

A falta de manutenção do edifício, e o conseqüente encerramento da igreja por mais de três décadas, contribui para a degradação estrutural do edifício e do importante património decorativo que revestia o interior.

Em 21 de Janeiro de 2010 foi criado o Grupo de Amigos da Igreja de S. José dos Carpinteiros aberto a todos aqueles que, de forma individual ou coletiva, estivessem interessados em contribuir para a reabilitação urgente da igreja.

Através de notícias nos *media*, o grupo apelou á mobilização das entidades oficiais (Patriarcado, IGESPAR, CML) da população em geral e em particular para a necessidade de uma intervenção de fundo que evitasse a degradação definitiva do riquíssimo interior e perda de obras de arte.¹⁷⁰

Notícias saídas na imprensa referiam que a igreja estava literalmente a cair aos bocados. “Que tristeza! Igreja de São José dos carpinteiros está num estado deplorável”.¹⁷¹

Membro do grupo de amigos da igreja, o arquiteto Gonçalo Ribeiro Teles nascido e criado na freguesia de São José em Lisboa¹⁷² expressava o desejo comum a todos os intervenientes que a igreja pudesse ser reabilitada e devolvida à cidade e comunidade, abrindo as portas enquanto espaço de fruição cultural.¹⁷³

Foi por iniciativa do pároco José Freire, responsável pela paróquia de São José que se reuniram verbas para iniciar as primeiras obras de intervenção, substituição do telhado e pavimento, com o objetivo de abrir ao público o templo Seiscentista.

Reunimos essa verba com dinheiro da paróquia e avançámos”, disse. “Antes, chovia cá dentro e as madeiras do chão estavam todas apodrecidas. Foi preciso substituí-las. Agora, vamos iniciar o trabalho da recuperação dos azulejos, para o qual também já nos apresentaram orçamento.”¹⁷⁴

¹⁷⁰ Igreja São José dos Carpinteiros. Em <https://abrancoalmeida.com/2010/02/20/igreja-de-sao-jose-dos-carpinteiros/> [20 de dezembro de 2018]

¹⁷¹ Que tristeza! Igreja de São José dos Carpinteiros em Lisboa está um estado deplorável em <http://videos.sapo.pt/zRiCs4dpr5M2cJCWHmWM> registo vídeo [20 de dezembro de 2018]

¹⁷² Juiz presidente da Irmandade de ofícios da antiga Casa dos 24 (associação católica que remonta ao século XIX e que está sedeadada na igreja). in CAMPOS, Cristina. A igreja de São José dos Carpinteiros a partir de uma conversa com Gonçalo Ribeiro Telles n.º52 janeiro/junho 2012. www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev52_Artigo%2005.pdf [28 dezembro 2019] p.29

¹⁷³ *Idem* p. 30

¹⁷⁴ Entrevista do Pároco José Freire a Fernanda Ribeiro. In RIBEIRO, Fernanda. Fé no património reabre a igreja de São José dos carpinteiros. O corvo, Sítio de Lisboa.14 de novembro de 2013. Em <http://ocorvo.pt/fe-no-patrimonio-reabre-a-igreja-de-sao-jose-dos-carpinteiros/> [28 de Março de 2018]

Para o pároco a importância de abrir a igreja aos fiéis relaciona-se com o valioso património que a igreja possui, mas igualmente com a importância de devolver aos locais um espaço que lhes é querido.

Há muitas pessoas que trabalham ou vivem em redor deste espaço, e que mantêm com ele uma ligação afetiva muito antiga. "São pessoas que já têm uma certa idade e que têm boas recordações desta igreja porque aqui receberam os sacramentos e agora tem muita alegria em poder regressar à igreja", conta o padre Freire.¹⁷⁵

A tomada de consciência da importância de reabilitação e salvaguarda do património histórico permitiu que a igreja pudesse ser salva e reabrisse de novo ao público em 2014 após obras de beneficiação. Contudo estas primeiras obras não foram suficientes, em 2017 a Proteção Civil encerrou o templo após algumas pedras da torre terem caído sobre um prédio vizinho, e haver risco de derrocada da torre sineira.

No início de 2018 durante o desenvolvimento de obras na igreja, foi descoberto um caixão com ossadas que se presumem ter centenas de anos. No final desse ano iniciaram-se obras de fundo que permitirão reabilitar o conjunto de interesse público constituído pela Igreja e Casa dos vinte e quatro.

A reabertura de uma igreja deixada ao abandono durante décadas é um caso quase único na cidade de Lisboa. Que surge em contracorrente.¹⁷⁶

5.2.2 Projeto Arte Por São Cristóvão

Em 2014, a paróquia de São Cristóvão, com o apoio do pároco local, apresentou um projeto ao Orçamento Participativo de Lisboa, cujo objetivo era a divulgação associada à história da Igreja de São Cristóvão e ao seu acervo artístico¹⁷⁷; dar visibilidade nacional e internacional ao monumento associando-lhes um programa de atividades artísticas e culturais direcionadas para a comunidade onde se insere, e consequentemente obter apoios financeiros para iniciar obras de

¹⁷⁵ *Idem*

¹⁷⁶ RIBEIRO, Fernanda. *Fé no património reabre a igreja de São José dos Carpinteiros*. Em: <https://ocorvo.pt/fe-no-patrimonio-reabre-a-igreja-de-sao-jose-dos-carpinteiros-2/> [12 de abril de 2018]

¹⁷⁷ Projetos vencedores ao Orçamento Participativo 2014. Em: http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/Noticias/ficheiros/Projetos_OP_2014.pdf [12 de abril de 2018]

restauro. Foi importante a colaboração da comunidade local na divulgação do projeto e recolha de fundos.

5.2.2.1 Divulgação nos *media*

Foi relevante para o sucesso do projeto *Arte por São Cristóvão* a ampla divulgação nos *media* entre os anos de 2015 a 2017. Este recurso permitiu captar a atenção de públicos diversificados, dando-lhes a conhecer os objetivos e as atividades culturais associadas, que de outro modo seria mais difícil conseguir.

É necessário, em primeiro lugar, que tenhamos um bom “produto”, uma boa notícia, capaz de chegar a milhares de pessoas através dos *media*. O chamado valor notícia é muito importante: a novidade, o insólito, a identidade cultural, a proximidade.¹⁷⁸

Para a promoção do evento foi importante a disponibilidade do pároco Edgar Clara responsável pela paróquia, em apresentar o projeto em diversos órgãos de comunicação social.

Para a apresentação do projeto *Arte por São Cristóvão* foi aproveitado ainda o potencial das novas redes de comunicação *online*.

Redes sociais como Facebook, Twitter e LinkedIn, entre outras, tornaram-se o meio de comunicação preferido da maioria dos usuários na internet. Atualmente, essas são excelentes formas de impactar a sua audiência e obter resultados relevantes.¹⁷⁹

Foram publicitadas as diversas iniciativas através da publicação de notícias em redes sociais como o *facebook* e pela criação de um *blog*.¹⁸⁰

A vantagem da informação *online* é ficar acessível por tempo indeterminado, podendo ser acedida através de uma simples pesquisa num motor de busca.

A tabela 2 apresenta alguns dos títulos publicados na imprensa.

¹⁷⁸ CLARA, Edgar – *Arte por São Cristóvão – um projeto que deu arte para recuperar a arte*. In Revista *Invenire*, n.º 14, jan-jun. 2017, p.74

¹⁷⁹ GODOY, Larissa. *Potencial das redes sociais na estratégia de Inbound Marketing*. 09 de Dezembro de 2016. Agência Inbound. 2017. Em <https://www.agenciainbound.com.br/blog/potencial-das-redes-sociais-na-estrategia-de-inbound-marketing> [07 de abril de 2018].

¹⁸⁰ O *site* contém informação histórica, e dados sobre as últimas campanhas de reabilitação do Edifício. Em <http://scristovao.weebly.com/>

5.2.2.2 Captação de novos públicos

A publicitação nos meios de comunicação social contribuiu para o interesse do público levando-o a querer conhecer e contribuir com donativos. Do mesmo modo, houve por parte de alguns artistas interesse em querer projetar eventos no espaço da igreja.

No âmbito da Bienal da *Experimenta Design*¹⁸¹, os *designers* de iluminação da *Visual Stimuli* (grupo de arquitetos ligados ao *design* de iluminação) foram convidados para desenvolver um projeto para a igreja de São Cristóvão, ajudando assim na divulgação do movimento *Arte por São Cristóvão*. Os autores optaram por iluminar parte da igreja, de forma a mostrar o seu património histórico.

No âmbito do projeto *Arte por São Cristóvão*, o Curador Paulo Pires do Vale foi convidado pela CML a criar um programa de Artes que envolvesse a comunidade e permitisse atrair novos públicos para as iniciativas de reabilitação da igreja.

A instalação de arte contemporânea denominada, *Não te faltará a distância* foi projetada em quatro etapas com artes performativas ligadas à Música, Dança, Artes Plásticas, Cinema.

5.2.2.3 Novas fontes de financiamento – *Crowdfunding*

Para financiar as obras, foram elaborados vários projetos para angariação de fundos. Através de uma parceria com a Cozinha Popular da Mouraria foi desenvolvido o Biscoito d' São Cristóvão. Refere o pároco “Ao longo de dois anos, a paróquia arrecadou mais de dez mil euros em receitas, só com a venda de biscoitos”.¹⁸²

Para arranjar verbas para a substituição do telhado a paróquia pensou numa forma de financiamento que captasse a atenção da comunidade e a leva-se a

¹⁸¹ Associação cultural sem fins lucrativos criada em 1998, em Lisboa, fruto de uma iniciativa da Sociedade Civil; é, acima de tudo, uma unidade de produção de conhecimento e um polo difusor de conteúdos nas áreas do *design*, arquitetura e cultura de projeto. In *O que é a Experimenta Design* Em <http://www.experimentadesign.pt/e/pt/0100.html> [20 de março de 2018]

¹⁸² CLARA, Edgar. *Arte por São Cristóvão – Um projeto que deu arte para recuperar arte*. Revista *Invenire* n.º 14, p.74

quer participar. “Dado que tínhamos de mudar prioritariamente o telhado, pensamos numa outra forma de crowdfunding, “vendendo as telhas”.¹⁸³

A iniciativa consistia não na “venda de telhas” mas na entrega de um donativo para custear a sua compra. Com a contribuição, as pessoas poderiam escrever uma mensagem na mesma se assim o desejassem. A paróquia comprometeu-se a colocar cada telha com as mensagens no telhado da igreja. Segundo o pároco Edgar Clara, a iniciativa captou o interesse de um público variado, nomeadamente turistas estrangeiros que visitavam a igreja, tendo a paróquia conseguido arrecadar cinquenta mil euros em donativos.

Com o objetivo de angariar verba para restaurar uma tela encontrada em muito mau estado de conservação no interior do Altar-mor, - fig. 12 a paróquia criou na plataforma¹⁸⁴ um projeto de *Crowdfunding*¹⁸⁵. Através desta ferramenta, os responsáveis pelo projeto *Arte por São Cristóvão* conseguiram reunir o montante necessário para restaurar a tela “A última ceia”, datada do século XVII, atribuída a Bento Coelho da Silveira. O público teve a oportunidade de ver a fase final do restauro, já na igreja - fig.14. Até meados dos anos 50 do século XX a tela esteve colocada no altar-mor, fig.13. Onde hoje pode ser apreciada de novo – fig.15.

5.2.4 Projetos artísticos contemporâneos num espaço sagrado

Toda a arte e seus artistas são contemporâneos, no sentido em que a arte é intemporal
Bill Viola

Durante séculos, a arte presente nos templos cristãos tinha como fim transmitir a doutrina religiosa: a Igreja patrocinou e promoveu artistas, expressando ideias claras quanto à temática e técnica utilizada.

No decurso do século XX, a Igreja distanciou-se dos movimentos artísticos progressistas que surgiam na Europa. As instituições religiosas não se reviam nas

¹⁸³ *Idem*

¹⁸⁴ A PPL foi das primeiras plataformas acreditadas pela Crowdsourcing.org, a referência na indústria de *Crowdsourcing* e *Crowdfunding*, segundo o CAPS (Crowdfunding Accreditation for Platform Standards).

¹⁸⁵ *Crowdfunding* é o tipo de financiamento a empresas, ou das suas atividades e projetos, através do seu registo em plataformas eletrónicas acessíveis através da internet, a partir das quais procedem à angariação de parcelas de investimento provenientes de um ou vários investidores individuais. Em: <http://www.diretiva.pt/atualidades/crowdfunding-nova-legislação> [08 de abril de 2018]

expressões artísticas da arte contemporânea, surgidas no pós-guerra, cuja temática foi vista como controversa, contestatária. Gradualmente, nas últimas décadas, houve uma aproximação entre os artistas contemporâneos e a Igreja, em face de interesses comuns.

So I'm not at all surprised that when artists engage with people of faith, they find that there's a lot of overlap in terms of shared interests and concerns. Contemporary artists have an enormous amount to offer to the church – and vice versa¹⁸⁶

Independentemente das suas convicções religiosas, o que os artistas oferecem é a sua visão da sociedade, a sua espiritualidade, que poderão apresentar pontos em comum com a espiritualidade e as aspirações da Igreja.

Os projetos artísticos desenvolvidos em espaços sagrados são elaborados dentro de um contexto religioso, respeitando o espaço em si, através de uma abordagem cuidada.

Atualmente, na Europa, a arte contemporânea pode ser vista em locais sagrados como catedrais e igrejas com séculos de história, em instalações permanentes ou exposições temporárias. A arte sacra convive com a arte profana, ou a arte profana torna-se sagrada num templo religioso?

A referência religiosa, numa sociedade já laicizada, deixou de ser tabu. E nesse sentido, a transgressão, o sacrilégio, numa sociedade pós “morte de Deus”, é voltar a representá-lo, a pensar nele. A provocação já não é apontar uma ausência, mas a sua presença.¹⁸⁷

5.2.4.1 Iconologia Artística

O que os responsáveis pelo templo religioso procuram, quando convidam artistas contemporâneos para apresentar ou criar obras no templo, é que as instalações artísticas convidem à reflexão e ação.

¹⁸⁶ SOOKE, Alastair. Does modern art hate Religion? London: *The Daily Telegraph*. 21 outubro 2014. Em <http://www.bbc.com/culture/story/20140602-does-modern-art-hate-religion> [25 de março de 2018]

¹⁸⁷ VALE, Paulo Pires. *O Lugar de Deus na arte contemporânea* in “Não tenhais medo”, Santuário de Fátima, publicado em 04 de março de 2015. Em http://www.snpcultura.org/o_lugar_de_Deus_na_arte_contemporanea.html [28 de março de 2018]

Uma obra não pode ser isolada do contexto em que está exposta¹⁸⁸, existe um critério na escolha das peças para uma instalação artística: que se enquadrem nos valores da Igreja, sejam espirituais ou sociais.

Ver um trabalho numa igreja não é o mesmo que vê-lo em um museu ou galeria. Da mesma forma, a escolha de exibir um trabalho em uma igreja reflete um desejo particular dos produtores da exposição, seja o artista, a paróquia ou uma instituição pública. Um relacionamento, um diálogo, é estabelecido entre o lugar consagrado e o trabalho contemporâneo, e isso deve ser levado em consideração.¹⁸⁹

O mesmo entendimento têm os artistas: para o escultor Rui Chafes, as obras de arte só existem enquanto proposta de pensamento.¹⁹⁰

Os artistas que expõem num templo não têm de professar a religião do templo, contudo, foi a espiritualidade do lugar que os moveu. Está muito presente nas instalações artísticas expostas/criadas para igrejas as temáticas da memória, do nascimento e morte. São representados com frequência os elementos água e o fogo, identificados simbolicamente com o nascimento, a destruição e o renascimento.

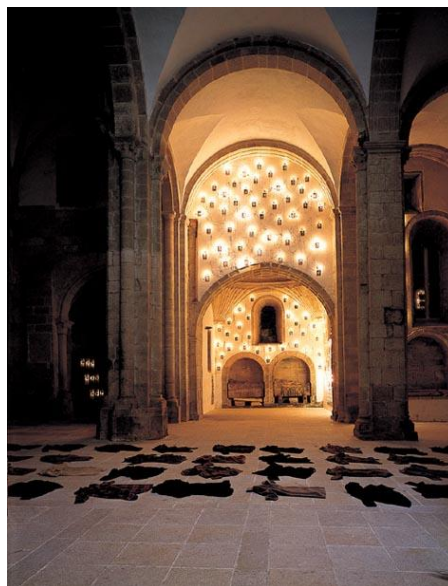


Fig. 20 - Instalação de Christian Boltansky em Igreja em Santiago de Compostela

¹⁸⁸ SZMARAGD, Charlotte. *Lé Eglise comme lieu d'exposition de l'art contemporain*. Protestantisme Images. 2017. Em <https://www.protestantismeetimages.com/C-Szmaragd-L-Eglise-comme-lieu-d.html>

[28 de março de 2018] tradução livre

¹⁸⁹ Ibidem, 20

¹⁹⁰ Ciclo de conferências: *Os anjos não têm costas mas têm sempre asas*. Lisboa: 24 de novembro de 2017. Fundação Carmona e Costa – Sessão 3. 30`

O artista procura a harmonia entre a sua obra e a espiritualidade do templo. O objetivo é que o conceito da obra seja entendido, a história do artista torna-se a história de todos.¹⁹¹

Christian Boltansky, cuja temática está associada à memória refere como encontra nas igrejas a atmosfera adequada para expor as suas obras.

Quando me pediram para exibir no centro de arte de Santiago de Compostela, o edifício moderno parecia bonito, mas não senti vontade de exibir lá. Então eles me deram permissão para fazê-lo numa igreja que estava em frente. Um dia eu estava na entrada e uma senhora mais velha me perguntou o que estava acontecendo ali. Eu respondi que iria haver uma cerimónia para os mortos. Ela aceitou minha explicação e entendeu perfeitamente. Se eu lhe dissesse que era um artista conceitual enviado pelo museu de arte contemporânea, ela teria dado meia volta, e se tivesse entrado no museu, não gostaria da exibição.¹⁹²

Na Catedral de São Paulo, em Londres, encontram-se expostos dois vídeos do conceituado artista plástico Bill Viola, pioneiro na utilização de videoarte nos anos 70, cujos trabalhos estão ligados à vida, morte, consciência humana e emoções.

Martyrs e Mary simbolizam dois dos mais profundos mistérios da existência Humana: um diz respeito ao nascimento e outro à morte; um com conforto e criação, o outro com sofrimento e sacrifício. Se eu tiver sucesso, as peças finais funcionarão como objetos estéticos de arte contemporânea e como objetos práticos de contemplação e devoção tradicionais.¹⁹³

Mary, inaugurada em setembro de 2016, é composta por um tríptico vertical de ecrãs plasma. O trabalho descreve um ciclo de nascimento até à morte, que representa uma Maria eterna, universal e uma Maria terrena que representa a vida humana na Terra¹⁹⁴.

Martyrs apresenta quatro indivíduos, em quatro plasmas verticais, sendo martirizados pelos quatro elementos: terra, ar, fogo e água.

¹⁹¹ Christian Boltansky - conceituado artista plástico francês, cuja temática está associada à memória - em entrevista a Mark Stevens. Tradução livre

¹⁹² FIETA, Jarque. Entrevista a Christian Boltanski "El artista sueña parecerse a sua obra". 22 de março de 2008. Em https://elpais.com/diario/2008/03/22/babelia/1206144368_850215.html [03 março de 2018]

¹⁹³ MARTINS, Rui Jorge. Maria: Catedral revela obra de Bill Viola no dia do nascimento da Virgem. Publicado em 06 de setembro de 2016. Em: http://www.snpcultura.org/Maria_catedral_revela_obra_de_bill_viola.html [04 de março de 2018]

¹⁹⁴ Kira Perov. Mary. Bill Viola at St. Pauls Cathedral. Em <http://billviolaatstpauls.com/mary/> [04 de março de 2018]



Fig. 21 Martyrs - Bill Viola

As obras expostas expressam ideias de ação, fortaleza, perseverança, sacrifício.

The Greek word for martyr originally meant “witness”, In Today’s world the mass media turns us all into witnesses to the suffering of others. The martyr’s past lives of action can help illuminate our modern lives of inaction. They also exemplify the human capacity to bear pain, hardship, and even death in order to remain faithful to their values, beliefs, and principles. This piece represents ideas of action, fortitude, perseverance, endurance, and sacrifice.¹⁹⁵

As instalações artísticas contemporâneas presentes em instituições religiosas versam igualmente uma temática social.

Em 2017, o programa *Just Water* desenvolvido pelas Nações Unidas com a colaboração da Igreja teve como intenção levar a catedrais e igrejas o tema da água. Através de palestras ou exposições o objetivo era alertar para a importância da água no planeta.

O comitê artístico da catedral de São Paulo em Londres, no âmbito do programa convidou o artista Pablo Genovés¹⁹⁶ para desenvolver uma série de obras em torno da catedral.

O *Chancellor* Canon Mark Oakley, responsável pela política artística da catedral, refletiu sobre o significado da instalação artística *Tides* presente na nave.

¹⁹⁵ A palavra grega para mártir significava originalmente “testemunha”. No mundo de hoje, os *mass media* tornaram-nos testemunhas do sofrimento dos outros. As vidas passadas de ação dos mártires podem ajudar a iluminar nossa vida moderna de inação. Eles também exemplificam a capacidade humana de suportar dor, dificuldades e até mesmo a morte, a fim de permanecer fiel aos seus valores, crenças e princípios. Esta peça representa ideias de ação, fortaleza, perseverança, resistência e sacrifício. Bill Viola Tradução livre - Em <http://billviolaatstpauls.com/martyrs/> [04 de março de 2018]

¹⁹⁶ Pablo Genovés (Madrid 1959) artista reconhecido pelos seus trabalhos fotográficos. A sua fonte de inspiração é postais e fotografias que encontra nos mercados de rua. São o meio básico com o qual ele articula o seu discurso e, em seguida, manipula-o digitalmente.

Water is essential to the life of the world and, because of climate injustice, is now through excess or absence threatening that life. This reality resonates with the Christian tradition where water can be seen as a chaotic and destructive force but also, in tune with God's Spirit and a responsive community, the source of new life.¹⁹⁷

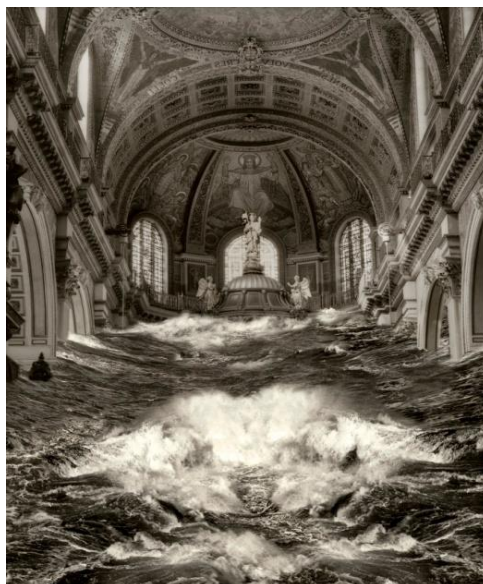


Fig. 22 TIDES - Pablo Genovés

A Igreja Saint Eustache, em Paris, acolhe há vários anos obras de artistas contemporâneos e está associada a momentos importantes da vida artística da capital, como a *Nuit Blanche*.

Um dos primeiros eventos realizados na Igreja de Saint Eustache, em 1994, foi a instalação de Christian Boltanski, concebida para a Páscoa. O artista convidou os paroquianos a deixar um casaco na igreja. Os casacos seriam instalados na nave da igreja como restos. No domingo de Páscoa, os casacos foram empilhados e colocados num carrinha que seguia para a Bósnia, na altura em guerra.

Devemos tentar descobrir a visão íntima, talvez espiritual, que o artista que escolheu exibir na igreja deseja compartilhar connosco.

O trabalho artístico em todas as suas formas pode nutrir nossa vida interior e acompanhar a busca do significado dos homens e mulheres de hoje.¹⁹⁸

¹⁹⁷ A água é essencial para a vida, por causa da injustiça climática, é agora por excesso ou ausência que ameaça essa vida. Esta realidade ressoa com a tradição cristã, onde a água pode ser vista como uma força caótica e destrutiva também, em sintonia com o Espírito de Deus e uma comunidade responsável, fonte de nova vida. Tradução livre. Em <https://www.stpauls.co.uk/tides> [consulta a 15 de abril]

¹⁹⁸ Evenements culturels – Vie artistique. 2018. Em <http://www.saint-eustache.org/cultures/evenements-culturels> [05 de março de 2018] tradução livre

5.2.4.2 A realidade portuguesa – Relação entre a Igreja e a arte contemporânea

Em Portugal, a arte contemporânea vai estando presente em igrejas portuguesas, embora sem a regularidade e dimensão de outras congéneres europeias. A intenção de estabelecer um diálogo entre a Igreja e a arte contemporânea segue os mesmos princípios de outros locais: encontrar pontos de convergência entre dois intervenientes, a obra do artista e a missão da Igreja.

A ligação entre duas linguagens artísticas aparentemente distintas pode ser apreendida quando se contempla a pintura abstrata idealizada pelo artista plástico Michael Biberstein para o teto da igreja oitocentista de Santa Isabel em Lisboa.

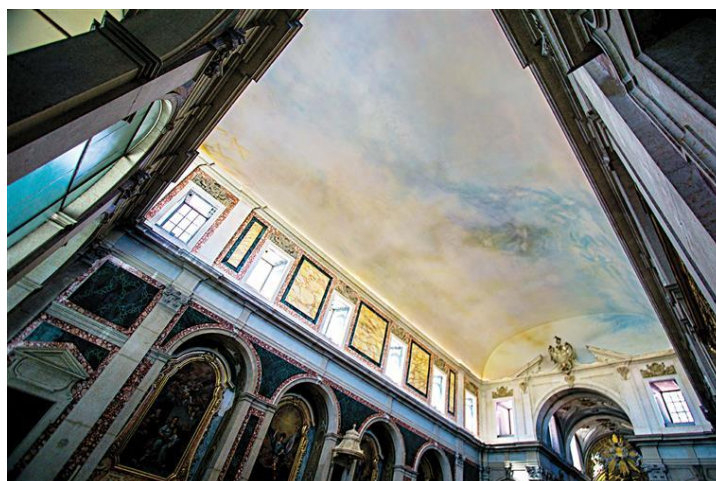


Fig.23 Igreja Santa Isabel - Lisboa

Em vez da presente cobertura sombria e fria, terá uma jubilante abertura para um céu cósmico. As cores do teto ecoarão e complementarão as utilizadas nas paredes e continuarão a abrir-se de cores mais frias para mais quentes, talvez com um retorno final a um azul índigo para o mergulho no espaço profundo.¹⁹⁹

O artista plástico reconhecido internacionalmente, sempre teve como temática a representação de paisagens, não necessariamente exteriores e concretas, mas

¹⁹⁹ Boletim informativo da Junta Freguesia de Campo Ourique. Em http://www.jf-campodeourique.pt/wp-content/uploads/2016/09/revista_6_jfsc.pdf [15 janeiro 2019] p.18

interiores e contemplativas. Apesar de agnóstico dizia-se “profundamente espiritual”.²⁰⁰

A proposta de uma pintura imersiva, à qual Biberstein se dedicou desde a descoberta da paisagem como temática aglutinadora da sua obra, pode ser entendida à luz da tensão entre a empatia que as obras convocam e, simultaneamente, a estranheza e complexidade do sublime.²⁰¹

A cobertura cinzenta que revestia o teto foi substituída por um céu aberto, luminoso, contemplativo, como planeou e desejava o pintor. O prior José Manuel Pereira Almeida refere ao observar a pintura, como o céu de Biberstein tem uma conotação de paz, serenidade, elevação, um céu que abre para outros céus.²⁰²

Eu tenho algumas esperanças em relação à minha pintura, que as pessoas parem durante, digamos, dois minutos. A maior parte das pessoas quando olha para a arte é como se fizesse *zapping* com o comando da televisão. Se eu conseguir que uma pessoa pare diante de uma pintura minha por um... ou dois... minutos... tirá-la desta pressa... já ficaria diferente.²⁰³

Em 2014, nas comemorações dos 300 anos da paróquia da igreja de São José em Ponta Delgada entre uma série de eventos programados foram apresentadas duas pinturas contemporâneas. Sobre esse projeto, o pároco Duarte Melo referiu na altura:

A Igreja “deve procurar encontrar-se com a indigência e com a beleza, promovendo a diversidade cultural”, o programa visa “dar a conhecer variadas toponímias criativas e espirituais da contemporaneidade” açoriana. O projeto estabelece um diálogo entre a arte antiga e contemporânea “anuncia-se como inquietante e perturbador e quer-se próximo de todas as expressões da beleza, da bondade e da solidariedade”.²⁰⁴

²⁰⁰ Ana Nobre de Gusmão. “O Trabalho da vida dele” in PEREIRA, Mariana. *O Mike fez de Santa isabel uma igreja a céu aberto* [em linha] DN. 16 de Julho de 2016. Em <https://www.dn.pt/artes/interior/o-mike-fez-de-santa-isabel-uma-igreja-a-ceu-aberto-5287792.html> [10 janeiro 2019]

²⁰¹ SARDO, Delfim. Em https://www.culturgest.pt/media/filer_public/a3/75/a375f2dc-b0ea-4254-879f-3f90aeda15cc/michaelbiberstein_jornal_af.pdf [15 janeiro 2019]. folheto, exposição Culturgest

²⁰² Património: «Um Céu para Santa Isabel» de Michael Biberstein, entre o contemporâneo e a tradição [em linha] agencia eclesia. publicado em 07.10.2016. <https://www.youtube.com/watch?v=-tyHERvds1M> [consulta a 10.01.19] registo vídeo

²⁰³ Em conversa com Fernando Calhau e Michael Biberstein: *Paint it Black*, Porta33, 1994 [em linha]. Disponível http://www.porta33.com/textos/content_textos/Delfim_sardo/entrevista.html [consulta a 20.01.19]

²⁰⁴ MARTINS, Rui Jorge. *Igreja acolhe arte contemporânea e música renascentista*. [Em linha] SNPC. 15 de janeiro 2014. Em http://spedeus.blogspot.com/2014_01_15_archive.html [5 abril 2018]

Em 2017, no âmbito das comemorações dos 300 anos do Patriarcado de Lisboa, foi inaugurada a exposição *Mater Dei* na Igreja da Conceição Velha, em Lisboa, e após a conclusão das obras de reabilitação interior da Igreja, 25 artistas contemporâneos foram convidados a desenvolver uma obra em torno de Maria. Não houve qualquer tipo de limitação religiosa ou criativa na escolha dos artistas e obras. A mostra integrou pintura, desenho, escultura e cerâmica. Na temática das obras encontra-se presente o conceito de vida e morte. No desenho de grandes dimensões do pintor Jorge Martins, a Virgem segura o filho que acabou de nascer e simultaneamente tem no colo o filho morto.



Fig.24 Maria – Jorge Martins

Sobre a temática da exposição, e a iconografia de “Maria” sublinhou o curador Paulo Pires do Vale:

E o que nos comove tanto em Maria? Aceita o mistério da fecundação divina e carrega nos braços um Deus menino que nasce num contexto de adversidade. Dá à luz numa manjedoura e acompanha o filho até à morte. A imagem da ‘Piéta’, que é a dor tremenda de perder um filho, toca-nos a todos. O que nos comove em Maria é a sua imensa humanidade.”²⁰⁵

²⁰⁵ VALE, Paulo Pires em entrevista no Jornal Expresso, 19 de novembro de 2016 in SOROMENHO, Ana. *À procura de Maria*. Artigo Expresso online Em <http://expresso.sapo.pt/cultura/2016-11-27-A-procura--de-Maria#gs.bTHrh=4> [06 de abril de 2018]

5.2.4.3 Projeto *Não te faltará a distância*

No âmbito do projeto *Arte por São Cristóvão*, Paulo Pires do Vale foi convidado pela CMC para desenvolver uma exposição no espaço da Igreja, como forma de dar a conhecer a um público mais alargado o projeto de angariação de fundos para a recuperação da Igreja.

A exposição desenvolvida para a Igreja de São Cristóvão aproxima-se em dimensão às exposições projetadas para outros espaços europeus, podendo ser considerada inovadora em termos nacionais pela abrangência de artistas e obras apresentadas.

O projeto artístico intitulado *Não te faltará a distância*, foi desenvolvido em 4 etapas, com recurso a expressões artísticas contemporâneas, composto por dança, escultura e vídeo. Pires do Vale, no desenvolvimento da exposição, teve em conta o próprio São Cristóvão e a sua lenda. “A partir da noção de viagem, do homem viajante, de peregrino, continuamente à procura, e daí o tema *distância*”.²⁰⁶

Foram convidados para desenvolver os projetos artísticos, Martin Monchicourt, Madalena Vitorino, Margarida Mestre e Rui Chafes. Foram escolhidos vídeos dos artistas plásticos Francys Alys e Agnes Martin, porque desenvolveram obras onde está presente o conceito de viagem.

Tal como noutras instalações artísticas projetadas para espaços religiosos, a interpretação das obras expostas em São Cristóvão remetem para conceitos de vida, morte, ascensão e libertação.

A instalação de Martin Monchicourt²⁰⁷ *Attention a la marche*, nas escadinhas de São Cristóvão, tinha como objetivo despertar a curiosidade do público, levando-o a ter consciência sobre o caminhar, incentivando-o a subir as escadinhas em direção à igreja.

²⁰⁶ Entrevista a Paulo Pires do Vale, curador da exposição “não te faltará a distância” por Ana Rita Vaz em 11 de fevereiro de 2016. Em <http://www.agendalx.pt/artigo/entrevista-paulo-pires-do-vale#.WtlqaljwblU> [07 de abril de 2018]

²⁰⁷ Martin Monchicourt nasceu em 11 de agosto de 1986 em Auch, França, vive e trabalha em Paris. Estudou na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts em Paris de 2010 a 2014. Graduada em junho de 2014, com as felicitações do júri. Ensina desde 2015 na Escola Nacional de Arquitetura de Paris Belleville.



Fig. 25 Attention a la marche - Martin Monchicourt

Durante o evento foram expostos na igreja dois vídeos do artista plástico Francis Alys²⁰⁸, perpétuo peregrino, autor de gestos sem sentido ou objetivo utilitário. Artista que presta atenção aos vagabundos e sem abrigo do México, ou aqueles que nas ruas carregam ou transportam o peso como nômadas.²⁰⁹ Durante nove horas o artista empurra um pedaço de gelo que se vai derretendo com o tempo.



Fig. 26 Paradox of praxis 1 – Sometimes doing something leads to nothing

Vídeo de 8mm no qual o artista pontapeia uma bola de fogo pelas ruas da Cidade de Juárez, no México, cidade conhecida por ser muito violenta.

²⁰⁸ Francis Alys (1959) artista belga, radicado no México, um dos mais influentes artistas contemporâneos

²⁰⁹ VALE, Paulo Pires. *O lugar de Deus na Arte contemporânea*. p.6



**Fig. 27 Paradox of Praxis 5 – Sometimes we dream as we live
and sometimes we live as we dream**

De novo no desenvolvimento do projeto *Vão* de Madalena e da peça *Ringue* surge a lenda de São Cristóvão, e a noção de movimento, passagem do tempo. A peça *Ringue* desenvolvida por Madalena Vitorino parte do quadro presente na sacristia da igreja “a morte de S. José” de Bento Coelho da Silveira.

Sobre o convite, que endereçou à artista, Pires do Vale afirmou: queria mostrar como aquele espaço é feito para o corpo, tal como a oração e a liturgia são experiências corporais.²¹⁰

Sobre a ideia de desenvolver um projeto para uma igreja a artista afirmou: criar e programar para uma igreja sacralizada é-me completamente inédito, antes de mais, é uma oportunidade rara, e isso honra-me muito.²¹¹

²¹⁰ Entrevista a Paulo Pires do Vale. Agenda cultural de Lisboa em 11 de fevereiro de 2016. Em www.agendax.pt/artigo/entrevista-paulo-pires-do-vale [07 de abril de 2018]

²¹¹ Madalena Vitorino em entrevista *In* MARTINS, Rui José “Ringue”: Iconografia rara inspira «oração coreográfica» em igreja histórica em 15 de fevereiro de 2016 Em http://www.snpcultura.org/ringue_iconografia_rara_inspira_oracao_coreografica.html [07 de abril de 2018]



Fig. 28 Ringue – Madalena Vitorino

“A morte de S. José” «é uma espécie de "Piéta" no masculino». «A partir dali pensei que poderia trabalhar a ideia do tempo nos corpos: o homem mais velho que se prepara para morrer e o muito jovem que o cuida na morte. Assim, o elenco central são os dois homens, o velho e o jovem, secundados por homens de meia-idade e mulheres que acompanham esse ritual ou oração coreográfica.²¹²

Para o escultor Rui Chafes²¹³ a arte pode viver sem desconfiança e sem ressabiamento em relação ao mundo do espírito. As obras que cria são sombras, negativos do mundo, são sobretudo acontecimentos no espaço que precisam de uma forma para se manifestarem.²¹⁴

A instalação criada para a Igreja de São Cristóvão composta por seis esculturas em ferro denominada *Ascensão* foi inspirada na própria arquitetura do espaço, nas marcas deixadas pela passagem do tempo, como o desgaste dos degraus provocados pela passagem das pessoas ao longo de séculos.

²¹² Madalena Vitorino entrevista publicação autárquica Em http://www.snpcultura.org/ringue_iconografia_rara_inspira_oracao_coreografica.html [07 de abril de 2018]

²¹³ Entrevista a Rui Chafes «A arte pode viver sem desconfiança em relação «ao mundo do Espírito» publicado por Rui Jorge Martins publicado em 19 de dezembro de 2015. Em http://www.snpcultura.org/a_arte_pode_viver_sem_desconfianca_em_relacao_mundo_espirito_rui_chafes.html [08 de abril de 2018]

²¹⁴ Entrevista a Rui Chafes por Victor Pinto da Fonseca e Liz Vahia. Artecapiatal Em <https://www.artecapital.net/entrevista-217-rui-chafes> [08 de abril de 2018]



Fig. 29 molde de aço nas escadas de acesso ao coro alto

A escada colocada no centro da nave “*Ascensão II*” tem impressas as marcas de desgaste dos degraus; simboliza a ascensão ao céu.



Fig. 30 Ascensão II – Rui Chafes

A escultura “*Estou pronto para nascer*” projeta-se de uma janela para o exterior, simbologia de Jesus Cristo nascendo para o mundo.



Fig. 31 Estou pronto para nascer - Rui Chafes

Na sacristia Velha, a escultura *Véu* - placa retangular com um rasgo, elevada do solo sobre um túmulo do séc. XV, revela-se uma cicatriz - a morte como ferida aberta que transportamos já em vida.



Fig. 22 Véu – Rui Chafes

O programa termina com a exposição do filme Gabriel, da artista plástica Agnes Martin.²¹⁵ Longa-metragem muito contemplativa, que acompanha uma criança numa caminhada pela floresta.

As iniciativas desenvolvidas no interior da igreja permitiram interligar a arte moderna e a arte secular. Refere Oliveira Martins que a criação cultural e artística se faz sempre tendo em consideração a herança cultural e o conhecimento do tempo que nos antecede.²¹⁶

Mais que um propósito estético, as artes que se apresentaram no espaço tiveram uma intenção comunicativa: colocar a arte ao serviço da arte.

²¹⁵ Agnes Martin (1912-2004) pintora Norte-Americana. Reconhecida pela sua pintura abstrata e minimalista.

²¹⁶ MARTINS, Guilherme Oliveira. Portugal: *memória, património e cidadania*. CNC. 2011 Em: <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/identidade-nacional-entre-o-discurso-e-a-pratica/portugal-memoria-patrimonio-e-cidadania> [05 fevereiro 2019]

Conclusão:

Lisboa é uma cidade rica em património histórico e cultural, de diversas tipologias e épocas, parte deste património encontra-se classificado por legislação que visa a sua proteção, conservação. Porém nem todos estes bens são conhecidos do público em geral. Muitas vezes é através de informações transmitidas pelos *média* que o público ouve falar pela primeira vez destes locais e do seu valor histórico.

Também eu desconhecia a história e a localização da igreja de São Cristóvão, li pela primeira vez sobre o seu estado de conservação e o valor histórico da igreja em 2015 quando surgiram as primeiras notícias na imprensa sobre o projeto *Arte por São Cristóvão*. Foram as primeiras leituras que me despertaram o interesse em querer conhecer mais a historiografia do lugar, e as suas artes decorativas.

A igreja de São Cristóvão é uma das mais antigas de Lisboa, a zona onde se situa liga-se com as memórias da cidade e fundação da nacionalidade.

O património edificado e das artes decorativas que integram o interior são representativas do desenvolvimento da arquitetura e arte decorativas nacionais.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho fui tendo contato com a sua história e com as campanhas decorativas desenvolvidas na Igreja, através de “obra” já publicada sobre a igreja. Os textos e trabalhos mais recentes permitiram-me aferir sobre os trabalhos de restauro desenvolvidos nos últimos séculos, bem como o seu atual estado de conservação.

A pesquisa desenvolvida no Arquivo do Patriarcado permitiu-me reunir uma série de documentos coevos, que referiam obras e enriquecimento decorativo na igreja.

Documentos de diferentes épocas históricas apresentam a paróquia como pobre, sem rendimento suficiente para fazer face a despesas maiores, referem dificuldades em reunir verbas para executar obras de beneficiamento.

Contudo apesar das dificuldades, até à classificação da Igreja, como edifício de interesse público em 1944, as Irmandades sediadas no local sempre zelaram pela sua manutenção e pelo seu enriquecimento decorativo.

Após classificação do espaço a responsabilidade na manutenção do edifício passou a ser de organismos públicos.

O valor histórico do edifício é reconhecido há décadas contudo a identificação e a posterior classificação da igreja como imóvel de interesse público não foi suficiente para evitar a sua degradação.

O templo foi alvo ao longo das últimas décadas de campanhas de reabilitação do espaço exterior, todavia estas intervenções não foram suficientes para eliminar os fatores estruturais que contribuem para a sua degradação. As condições de conservação e manutenção do edifício contribuíram para a degradação dos elementos decorativos que revestem o interior – Talha, pintura de brutesco, as inúmeras telas que revestem o espaço.

Em 2015 A igreja de São Cristóvão foi incluída na lista dos edifícios em risco pelo *World Monuments Fund*.

Por não ter sido possível recorrer a verbas públicas que permitissem realizar os arranjos que a igreja necessitava, em 2014 a paróquia juntamente com a comunidade local desenvolveu um projeto para participar no Orçamento Participativo de Lisboa. O Objetivo era divulgar a Igreja e o seu património através dos *Mídea*.

As obras de arte são perecíveis, para resgatar “memórias históricas” da passagem do tempo é necessário o envolvimento de uma comunidade alargada.

Todas as obras humanas têm o seu tempo contado. Mas não da mesma maneira. Aquelas que camoneanamente nos existem para lá do fogo que as consome, escapando «à lei da morte», são justamente aquele fantástico panteão memorial de nós mesmos que chamamos «património»²¹⁷

A sensibilização do público para a salvaguarda de património histórico em risco foi feita com recurso a meios comunicativos tradicionais “*offline*” e as novas tecnologias de informação “*online*”.

As iniciativas efetuadas no âmbito do projeto *Arte por São Cristóvão*, pretenderam “salvar a arte pela arte”. Levaram o público a ter contato com formas de expressão artística contemporânea num local sagrado.

O património cultural é de todos e não tem fronteiras será este um dos motivos porque as iniciativas realizadas em São Cristóvão captaram a atenção dos turistas que visitavam a igreja levando-os a querer contribuir.

²¹⁷ LOURENÇO, Eduardo. Património. In Revista património n.º 3 dezembro de 2015 pág. 54

Como reflexão final, destacam-se na salvaguarda de património histórico os conceitos de tempo e perseverança, cito a frase de Alexandre Herculano “ O desejo mede os obstáculos a vontade vence-os”. A reabilitação de espaços sagrados com séculos de história é um processo contínuo que tem de envolver uma comunidade alargada.

Fontes e Bibliografia

Fontes Manuscritas:

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO:

- Colegiada de São Cristóvão

- A D. Violante, Filha de Martim Afonso de Miranda confirmação da doação do padroado duma capela na Igreja de S. Cristóvão – Chancelaria de D. Manuel I, liv. 28, fl.59V

ACERVO DOCUMENTAL DA IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO – SÉC. XV- XIX

Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa

Acervo documental da Igreja de São Cristóvão entre os séculos XVII e XX

Livros da Irmandade do Santíssimo Sacramento de São Cristóvão; e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição

Livros de quotas

Documentação solta

GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES

Documentação referente à freguesia e Igreja de São Cristóvão

ARQUIVO HISTÓRICO PARLAMENTAR

Convenção quadro do Concelho da Europa relativa ao valor do património cultural para a sociedade - Em DRE diário da República eletrónico.

Legislação Régia

<http://legislacaoregia.parlamento.pt/Pesquisa/Default.aspx?ts=1>

Resolução da Assembleia da República n.º47/2008 - Diário da República n.º177/2008, Série I de 2008-09-12

Referências Bibliográficas:

ABREU, Laurinda. *O Breve de Bento XIV (1756). O terramoto e as relações Igreja-Estado*. Lisboa: Livros horizonte. 2007.

ANDRADE, Ferreira. *Relação das casas forais em 1539, à igreja de S. Cristóvão*. Lisboa: Editorial império. Separata de «Olisipo» n.ºs 26,27,28,29 dos meses de abril, julho; outubro de 1944 e janeiro de 1945. pp. 1-10

ALMEIDA, M. Lopes (int. e rev.). *Chronica do senhor Rey D. Afonso V, in Crónicas de Rui de Pina*. Porto: Lello e Irmão. 1977, cap. CXXXI

ANDRADE, Ferreira de; pref. MACEDO, Luiz Pastor de. *A freguesia de S. Cristóvão: subsídios para a história das suas ruas, palácios e Igreja Paroquial*. Lisboa: CML. 1994. 1.ºvol.

ARAÚJO, Ana Cristina. *O terramoto de 1755 – Impactos Históricos*. Lisboa: Livros Horizonte. 2007. Col. Cidade de Lisboa.

ARAÚJO, RENATA – *Lisboa e o espetáculo na época dos descobrimentos*. Lisboa: livros horizonte. 1990. col. Cidade de Lisboa

ARAÚJO, Norberto – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Veja. 1993. Volume III

BARROS, Ana Mafalda T. Magalhães. *Conservação e Reabilitação Urbana – Uma Nova Cultura de Cidade*. Lisboa: CML. 2005, vol. 2

BORRALHO, Maria Luísa Malato. *Nem Muros nem cidade: O espírito utópico das Academias Portuguesas*. Porto. FLUP. 2004.

BORGES, Nelson Correia. *A Escultura e a Talha in História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.1986. Vol. IX

CARVALHO, Maria Helena Calçarão. *Bairrista e multicultural: imagens da Mouraria em Lisboa*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2013. Dissertação de mestrado.

CHOAY, Françoise. *Alegoria do Património*. Lisboa: edições 70.2010.

CLARA, Edgar. *Arte por São Cristóvão – um projeto que deu arte para recuperar a arte*. In Revista Invenire, n.º 14, jan-jun. 2017, pp.74-75

COELHO, António Borges. *A revolução de 1383*. Lisboa: Caminho. 2017. 6.ª ed.

COSTA, António Domingues Sousa. “Colegiada” em SERRÃO, Joel (Dir.) *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981, p. 99.

FERREIRA, Sílvia – *Dourar e pintar: a polivalência artística dos mestres douradores de Lisboa na época barroca*. In ARP. Nº 22 dezembro 2015 p. 8-14

FRANÇA, José Augusto - *A reconstrução de Lisboa e a arquitetura pombalina*. Lisboa: instituto da cultura e língua portuguesa - Divisão de publicações. 3.ª ed. 1989. Col. biblioteca breve

FRANÇA, José Augusto. *Lisboa história física e moral*. Lisboa: Livros horizonte 2009. 2.ªed.

FRANÇA, José Augusto – *Lisboa Pombalina e o iluminismo*. Lisboa: Bertrand. 1977.

FRANÇA, José Augusto – *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte. 1999

FLOR, Susana Varela, FLOR, Pedro. *Pintores de Lisboa Séculos XVII – XVIII A Irmandade de S. Lucas*. Lisboa: Scribe. (s/d).

GOFF, Jacques (dir.). *O Homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença. 1989.

GOULÃO, Maria José. *Expressões artísticas do universo medieval*. Lisboa: Fubu editores. 2009.

HERCULANO, Alexandre. *História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*. Tomo III. Lisboa: Bertand. 1976. p.45

HOMEM, Armando Luís Carvalho. *Conselho Real ou Conselheiros do Rei? A propósito dos privados de D. João I*. Revista faculdade de letras. História série II, vol. 4, 1987, p. 59

LEANDRO, Carla Sofia Sampaio. *Avaliação do clima interior da igreja de São Cristóvão de Lisboa*. 2014. Dissertação de Mestrado. Lisboa: FCT- UN L

LOPES, Flávio, CORREIA, MIGUEL Brito. *Património Arquitetónico e Arqueológico, Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte. 2004

LOPES, Flávio – *Património Arquitetónico e Arqueológico – noção e normas de proteção*. Lisboa: Caleidoscópio.2012

MACHADO, Raul (trad.). *Lisboa de Quinhentos – texto latino de Damião de Góis*. Lisboa: Livraria Avelar Machado. 1937.

MARÍLIA, Nunes - *Um Pintor Seiscentista: Bento Coelho da Silveira*. Lisboa: Ramos, Afonso & Moita. Sep. do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, 3.ª Série, n.º 87, 2.º tomo, 1981

MARTINS, Guilherme d'Oliveira. *Ao encontro da História – O culto do património cultural*. Lisboa: Gradiva. 2018

MATOS, José Luís – *Lisboa Islâmica*. Lisboa: Instituto Camões. 1999. Col. Lazuli,

MATOSO Inês. *Um apontamento de tumulária medieval – O Conjunto da Igreja de São Cristóvão em Lisboa* – Lisboa: Associação dos Arqueólogos portugueses. 2001. *Arqueologia e História*, vol. 53

MENDES, Maria Manuela. *Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo*. Sociologia, Revista do Departamento de Sociologia da FLUP. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Número temático: Imigração, Diversidade e Convivência Cultural (2012), pp. 15-41.

MONSALVE, Maria. *Igreja Paroquial de São Cristóvão – Relatório de inventário e diagnóstico*. Lisboa. 2001

NASCIMENTO, Aires Augusto; BRANCO, Maria João (etc). *Leonor de Portugal imperatriz da Alemanha: diário de viagem do Embaixador Nicolau Lanckman de Valckenstein*. Lisboa: Edições Cosmos, 1992. Col. Medievalia.

OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues. *Lisboa em 1551 Sumário*. Lisboa: Livros Horizonte. 1987.

PICOITO, Pedro – *A transladação de São Vicente. Consenso e Conflito na Lisboa do Século XII*. In *Medievalista online*, n.º 4. 2008. p. 5

PINHEIRO, Magda – *Biografia de Lisboa*. Lisboa: A esfera dos livros. 2014.3.ªed.

PORTUGAL, Fernando; MATOS, Alfredo – *Lisboa em 1758 memórias paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Coimbra editora. 1974

Reabilitação: a vida nova de três igrejas. *Nossa Causa*, setembro 2017, suplemento, edição n.º 579 do Sol. p. 14

REAL, Luís Manuel. *Os moçárabes do Gharb português*. In *Portugal islâmico: os últimos sinais do mediterrâneo*. Coord. Museu arqueologia. Lisboa: Ministério cultura. 1998. Catálogo exposição. pp. 49, 50, 51

RODRIGUES, Ana Maria S.A. "Colegiadas" em AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.) *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, p. 399

RODRIGUES, Paulo Simões. *Patrimoniotopia: o Património como lugar imaginário*. Colóquio-Arte e Utopia. FCSH: Lisboa, 02 de outubro 2013.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *O período dos Filipes*. In SARAIVA, José Hermano (dir.) *História de Portugal 1245-1640*. Lisboa: Seleções Reader's Digest. 1983. p. 561

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal (1832-1851)*. Lisboa: Verbo. 2003. Vol. VIII e VIV

SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal – O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença. 2003.

SERRÃO, Vítor - O "mingoante da pintura" e a crise do fim do século XVII, de Bento Coelho a António de Oliveira Bernardes *in A pintura maneirista e protobarroca*. Lisboa: Fubu editores. 2009. Col. Arte Portuguesa – da pré-história ao século XX.

SERRÃO, Vítor – *O programa artístico da Igreja de São Cristóvão de Lisboa: o retábulo quinhentista e a campanha de obras protobarrocas (1666-1685)*. Lisboa: [s.n.]. 1998

SILVA, Augusto Vieira – *As freguesias de Lisboa (estudo histórico)*. Lisboa: CML. 1943. Publicações culturais.

SILVA, Gonçalo Miguel Correia Melo da - *Espiritualidade e Poder na Lisboa dos Finais da Idade Média: a Colegiada de São Lourenço e os seus Patronos (1298-1515)*. Dissertação de mestrado em História – Área de especialização em História medieval. 2012. Lisboa: FCSH-UNL

SMITH, Robert. *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte. 1992

SOBRAL, Luís de Moura - *Bento Coelho e a cultura do seu tempo 1620-1708*. Lisboa: IPPAR. 1998

SOBRAL, Luís de Moura – *Do sentido das imagens: ensaios sobre pintura portuguesa e outros temas ibéricos*. Lisboa: Editorial Estampa. 1996

VALE, Teresa Leonor Magalhães - *Entre castiçais, vasos, bustos de santos e estátuas de apóstolos: cerimonial e aparato barroco do altar da Patriarcal joanina*. Cadernos do Arquivo Municipal, ISSN 2183-3176. 2ª Série Nº 1 (janeiro - junho 2014),pp. 223-249

VASCONCELOS, Joaquim – *História da arte em Portugal – ourivesaria e joalheria portuguesa (ensaio histórico) séc. XIV e XVII*. Porto, 1912

VICENTE, Gil – *Auto da Índia*, capítulo 5: parte IV, p. 17

WEBGRAFIA

Academia dos Singulares de Lisboa dedicada a Apolo. Em: <http://purl.pt/21936> [11 janeiro16].

Acervo documental igreja de São Cristóvão. Em: <http://scristovao.weebly.com/coelho-da-silveira-telas.html> [12 janeiro 16].

ALMEIDA, António Branco. Igreja São José dos Carpinteiros. 20 fevereiro de 2010.

Em: <https://abrancoalmeida.com/2010/02/20/igreja-de-sao-jose-dos-carpinteiros/>
[20 de dezembro de 2018]

Antiga Igreja de São Julião *in* Museu do dinheiro Banco de Portugal. Em:
<https://www.museudodinheiro.pt/patrimonio/1/antiga-igreja-de-s-juliao> [20
dezembro 2018]

ANTUNES, Manuel. *A Sociedade aguarda um grande contributo cultural da Igreja*.
SNPC. 10 abril 2013 Em:
http://www.snpcultura.org/premio_de_cultura_2010_sociedade_aguarda_contributo_cultural_igreja.html [10 Janeiro 2019]

Appleton Square. CML. 2018. Em: <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/appleton-square> [20 janeiro 2019]

ARTE POR SÃO CRISTÓVÃO | Venha provar o Biscoito d' São Cristóvão | Loja A Vida Portuguesa do Intendente. Em: <http://www.portugalsenior.org/visitas-guiadas-mouraria-crista-arte-por-sao-cristovao/> [14 janeiro 2016]

Arte por São Cristóvão. Em: <http://arteporsaocristovao.org/> [14 janeiro 2016]

BELO, Inês – *São Cristóvão: guiados pela luz*. Visão 7.13.11.15. Em:
<http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2015-11-13-Sao-Cristovao-guiados-pela-luz> [14 janeiro 2016].

CALVO, Daniel Malet. *A génese traumática do património em Lisboa: símbolos e representações urbanas nos bairros típicos depois do terremoto de 1755*. Lisboa: outubro 2015, cahier n.º 4. Em:
<http://hdl.handle.net/10071/10524> [02 Novembro 2017]

CAMEIRÃO, Estela. *Reutilização de igrejas antigas*. Pedra & Cal n.º 38 Abril. Maio. Junho. 2008. Em:

http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev38_Artigo%2005.pdf [05 janeiro 2019]

CAMPOS, Cristina. A igreja de São José dos Carpinteiros a partir de uma conversa com Gonçalo Ribeiro Telles n.º52 janeiro/junho 2012.

www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev52_Artigo%2005.pdf [28 dezembro 2019]

Capela Incomum *in* Oportoguide. 2019 Em: <http://www.oportoguide.pt/capela-incomum> [12 dezembro 2018]

Capela São Pedro em Leiria

Em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1775
[20 de novembro de 2018]

Carlos Botelho (1969 óleo sobre tela inv.68p93) Em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/carlos-botelho/> [22 abril de 2018]

Casa de Vilarinho de São Romão

Em: <https://www.casadevilarinho.com/pt/historia.html#III> [10 dezembro de 2018]

CDIL – Centro de Dialogo intercultural de Leiria Em: <https://www.cm-leiria.pt/pages/566> [11 de novembro de 2018]

CODES, Ana Isabel Lopez-Salazar. *O Santo Ofício no Tempo dos Filipes transformações institucionais e relações de poder in* Revista de História da Sociedade e da Cultura, 9 de 04.04.2009. pág. 147-161.Em:

<https://digitalis->

[dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39580/1/O%20Santo%20Oficio%20no%20tempo%20dos%20Filipes.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39580/1/O%20Santo%20Oficio%20no%20tempo%20dos%20Filipes.pdf) [15 fevereiro 2017]

Conjunto formado pela Igreja de São José dos Carpinteiros e prédios anexos da Rua de São José com os n.ºs 64 a 100. Direção Geral do Património Cultural. Em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do->

[patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74176](#) [11 de abril de 2018].

COSTA, Vitor Hugo; BELANCIANO, Vitor. *Óbidos vai ser uma vila literária*. *Jornal Público* 23 de abril de 2013. Em: <https://www.publico.pt/2013/04/23/culturaipsilon/video/novas-livrarias-obidos-20130421-172636#gs.1ollahXP> [10 de dezembro de 2018]

Decreto de redução a uso profano – Igreja da Misericórdia, em Leiria. Em: <https://leiria-fatima.pt/attachments/article/8315/decreto%20Miseric%C3%B3rdias.pdf> [10 novembro de 2018]

Decreto de redução a uso profano - Igreja de S. Pedro, em Leiria. Em: https://www.leiria-fatima.pt/attachments/article/10708/2016.11.22_ReducaolgrejaSaoPedro.pdf [11 novembro de 2018]

Divulgar e recuperar a igreja de São Cristóvão. Lisboa: CML. 13.04.2015. Em: <http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/divulgar-e-recuperar-a-igreja-de-sao-cristovao> [20 fevereiro 2017]

Entrevista a Rui Chafes «A arte pode viver sem desconfiança» em relação «ao mundo do Espírito» publicado por Rui Jorge Martins publicado em 19 de dezembro de 2015. Em: http://www.snpcultura.org/a_arte_pode_viver_sem_desconfianca_em_relacao_mundo_espirito_rui_chafes.html [15 abril de 2018]

Factum Foundation for Digital Technology in Conservation. Em: <http://www.factumfoundation.org/buscador.php> [11 janeiro 2019]

FIETA, Jarque. Entrevista Christian Boltanski “ El artista suenã parecerse a sua obra”. 22 de Março de 2008. Em: https://elpais.com/diario/2008/03/22/babelia/1206144368_850215.html [03 março de 2018]

FELIX, Nisa. *Guia para o conhecimento, conservação e Restauro de escultura em madeira policromada*. Porto: 2013. p. 19. Em: www.academia.edu/6786571/Guia_para_o_Conhecimento_Conserva%C3%A7%C3%A3o_e_Restauro_de_Escultura_em_Madeira_Policromada [02 março 2017]

GIEBELS, Daniel Norte - *A Inquisição e a Mitra de Lisboa: análise a partir do governo do arcebispo D. Miguel de Castro (1586-1625)*. Lusitânia Sacra. Lisboa. ISSN 0076-1508. 2ª S. 23 (Jan. - Jun. 2011) 121-150. Em: <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/7232> [02 março 2017]

GODOY, Larissa. *Potencial das redes sociais na estratégia de Inbound Marketing*. 09 de Dezembro de 2016. Agência Inbound. 2017. Em: <https://www.agenciainbound.com.br/blog/potencial-das-redes-sociais-na-estrategia-de-inbound-marketing> [07 de abril de 2018].

GUERREIRO, Afonso. *Das festas que se fizeram em lisboa na entrada de el Rey D. Philippe*. Em: <http://purl.pt/14685> [05 de setembro 2017]

Igreja Matriz de São Cristóvão [em linha]. Lisboa: SIPA. 2014. Em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SitePageContents.aspx?id=ae4809f4-b78f-48a4-b7f6-c260cc6db91c [11 janeiro 16]

Igreja da Misericórdia de Leiria

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/18161442> [15 janeiro 2019]

Igreja paroquial de Santa Isabel. Em:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10524 [20 janeiro 2019]

Igreja de Santiago Óbidos. Em:

<http://www.obidos.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=f37da6e5-c04c-4dec-a459-3b51ed28e9e4> [20 novembro18]

Igreja de São Cristóvão Em: [http://www.cm-](http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/igreja-de-sao-cristovao)

[lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/igreja-de-sao-cristovao](http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/igreja-de-sao-cristovao) [11 janeiro 2016]

Igreja de São Pedro em Leiria vai ser recuperada *in* - Diocese Leiria-Fátima. Notícias. 10 agosto 2016. Em: http://leiria-fatima.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=10493:igreja-de-sao-pedro-em-leiria-vai-ser-recuperada&catid=79&Itemid=671 [22 de novembro de 2018]

Informação sobre documentos contendo a relação dos objetos entrados no museu, em virtude da lei de separação da igreja do Estado e da lei. Em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4741318> [11 janeiro 2016]

LIMA, Maria Madalena da Costa. *Conceitos e atitudes de intervenção arquitetónica em Portugal (1755-1834)*. Lisboa: 2013. Tese Doutoramento. Em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/10741> [20 de março 17]

Kira Perov. Mary. Bill Viola at St. Pauls Cathedral. Em:

<http://billviolaatstpauls.com/mary/> [04 de março de 2018]

Lista de morgadios em Portugal. Em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_morgadios_em_Portugal [20 janeiro 2016].

Madalena Vitorino em entrevista publicação autárquica. Em: http://www.snpcultura.org/ringue_iconografia_rara_inspira_oracao_coreografica.html [07 abril de 2018]

MANGORINHA, Jorge; Gama Elisabete. *Os 60 anos da Morte de Norberto Araújo*. Lisboa: Hemeroteca Municipal de Lisboa.2012. Em: [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/NORBERTODEARAUJO/folheto\[1\].pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/NORBERTODEARAUJO/folheto[1].pdf) [11 janeiro 2016]

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana histórica, crítica e cronológica*. p. 471.Em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433001440365;view=1up;seq=481> [20 janeiro 2017]

MANSO, Miguel - Visitas Guiadas Mouraria Cristã – Arte por São Cristóvão. Publico. 09.04.2015. Em: <http://www.publico.pt/local/noticia/novo-projecto-visa-angariar-apoios-para-reabilitar-igreja-degradada-em-lisboa-1691870> [14 janeiro 16]

Memórias paroquiais – inquéritos de 1758. Em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4238720> [12 janeiro16].

MARTINS, Guilherme Oliveira. Portugal: *memória, património e cidadania*. CNC. 2011 Em: <http://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/identidade-nacional-entre-o-discurso-e-a-pratica/portugal-memoria-patrimonio-e-cidadania> [05 fevereiro 2019]

MARTINS, Rui Jorge. *A arte pode viver sem desconfiança em relação «ao mundo do espírito» diz Rui Chafes*.19.12.2015. Em [12 dezembro 2017] Em: http://www.snpcultura.org/a_arte_pode_viver_sem_desconfianca_em_relacao_mundo_espirito_rui_chafes.html

MARTINS, Rui Jorge. *Igreja acolhe arte contemporânea e música renascentista*. [Em linha] SNPC. 15 de janeiro 2014. Em http://spedeus.blogspot.com/2014_01_15_archive.html [5 abril 2018]

MARTINS, Rui Jorge. Ringue: Iconografia rara inspira «oração coreográfica» em igreja histórica. Publicado em 13.02.2016. Em: http://www.snpcultura.org/ringue_iconografia_rara_inspira_oracao_coreografica.html [11 dezembro 2017]

MARTINS, Rui Jorge. *Maria: Catedral revela obra de Bill Viola no dia do nascimento da Virgem*. publicado 06 de Setembro de 2016. Em: http://www.snpcultura.org/Maria_catedral_revela_obra_de_bill_viola.html [04 março de 2018]

MONTEIRO. Rodrigo Bentes. *Diogo Barbosa Machado*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense; Fundação biblioteca Nacional.2010. Em: <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/diogoBarbosa.html> [20 fevereiro 2017]

O céu de Santa Isabel – boletim informativo da Junta de Freguesia de Campo de Ourique n.º 6 julho/agosto. pp.18-19. Em http://www.jf-campodeourique.pt/wp-content/uploads/2016/09/revista_6_jfsc.pdf [20 de março de 2018]

OLIVEIRA, Susana Silva. *Nesta Capela a missa é outra*. in *Visão*7. 02 de Março de 2016 Em: <http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2016-03-02-Nesta-Capela-Incomum-a-missa-e-outra> [10 de dezembro de 2018]

Paróquia de São Cristóvão e São Lourenço – organização e divulgação do acervo documental.
Em:<http://scristovao.weebly.com/uploads/1/0/8/9/10892859/acervodocumental.pdf>
[12 janeiro 2016]

Património: Movimento quer recuperar a igreja de São Cristóvão. Agência Ecclesia. 09 de julho de 2014. Em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/patrimonio-movimento-quer-recuperar-igreja-de-sao-cristovao-em-lisboa/> [14 janeiro 2015].

PEREIRA, Andreia Marques. *Altar pagão onde deus é o rei maior*. Publico-Fugas. 26.03.2016.

Em: http://www.vinhosdelisboa.com/output_efile.aspx?id_file=6600 [12 dezembro de 2018]

Pintura 1936 Carlos Botelho (óleo sobre madeira). Em:

<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/ArtistPieces/view/67>

[22 abril 2018]

Prémio Arvore da vida – Padre Manuel Antunes. A sociedade aguarda um grande contributo cultural da igreja. *In* SNPC. 13 abril 2010. Em: http://www.snpcultura.org/premio_de_cultura_2010_sociedade_aguarda_contributo_cultural_igreja.html [04 dezembro 2018]

QUEIROZ, Mónica. Os Paços Reais da alcáçova à praça do comércio. CML. 2016. Em: <http://www.agendalx.pt/artigo/os-pacos-reais#.WCdHDvmLTIV> [12 novembro 2016].

RAVASI, Gianfranco. Cardeal, presidente do Concelho Pontifício da Cultura. *Diretrizes da Santa Sé sobre a cessão de lugares de culto*. Vatican news 17 dezembro de 2018 Em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-12/papa-francisco-ravasi-bens-diretrizes.html> [28 janeiro 2019]

Reabilitação da sede do banco de Portugal distinguida com o prémio Valmor. Media-Comunicados-Banco de Portugal. 19 dezembro 2017. Em: <https://www.bportugal.pt/comunicado/reabilitacao-da-sede-do-banco-de-portugal-distinguida-com-o-premio-valmor> [10 janeiro 2019]

Reabilitação: a nova vida de três igrejas. *In* Jornal Sol 03 de outubro de 2017 Em: <https://sol.sapo.pt/artigo/582995/reabilitacao-a-nova-vida-de-tr-s-igrejas> [10 de dezembro 2018]

RIBEIRO, Fernanda. Fé no património reabre a igreja de São José dos carpinteiros. O corvo, Sítio de Lisboa.14 de novembro de 2013. Em: <http://ocorvo.pt/fe-no-patrimonio-reabre-a-igreja-de-sao-jose-dos-carpinteiros/> [28 de Março de 2018]

SANTOS, Clarinda Maria Rocha. *O académico Ambicioso: D. António Álvares da Cunha e o aparecimento das academias em Portugal*. PORTO: FIUP – Instituto de Estudos Ibéricos. 2012. Dissertação de Doutoramento. Em: <https://hdl.handle.net/10216/67277> [28 janeiro 19]

SANTOS. Lina - Igreja de São Cristóvão um milhão de euros faz milagres [em linha]. DN.13.06.2015. Em: <http://www.dn.pt/artes/interior/igreja-de-sao-cristovao-um-milhao-de-euros-faz-milagres-4621460.html> [14 janeiro 16].

SILVIO, Meira. *A universidade de Bolonha e a cultura universal*. 1991. Em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/175913/000458580.pdf?sequence=1> [25 fevereiro 2017]

SOUSA, João Silva – *D. Filipe I O prudente (1527-1556-[1580-1598])*. O portal da História – História de Portugal – Reis, Rainhas e Presidentes de Portugal. Em: <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/temashistoria/filipe1.html> [10 março 18]

SOOKE, Alastair. Does modern art hate Religion? London: *The Daily Telegraph*. 21 Outubro 2014. Em: <http://www.bbc.com/culture/story/20140602-does-modern-art-hate-religion> [25 de março de 2018]

SOUSA, João Silva – *D. Filipe I O prudente (1527-1556-[1580-1598])*. O portal da História – História de Portugal – Reis, Rainhas e Presidentes de Portugal. Em:

<http://www.arqnet.pt/portal/portugal/temashistoria/filipe1.html> [30 setembro de 2017]

SOUSA, Maria Alexandra da Silva Lage Dixo. *Arquitetura religiosa medieval no Vale do Sousa intervenções do século XIX ao século XXI*. Porto: FLUP. 013. Capítulo IV pág. 159. Tese doutoramento. Em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/73796/26/71155.33.pdf> [20 novembro 2017]

SZMARAGD, Charlotte. *Lé Eglise comme lieu d'exposition de l'art contemporain*. Protestantisme Images. 2017. Em <https://www.protestantismeetimages.com/C-Szmaragd-L-Eglise-comme-lieu-d.htm> [30 março 2018]

Tides – a series of four Works by Pablo Genovés – St Paul's Cathedral, London, March 1st 2107 onwards. Publicado em 01 de Abril de 2017. Em: <https://www.stpauls.co.uk/tides> [20 abril 2017]

Venha Provar o biscoito de São Cristóvão.08.07.2015. Em <http://www.portugalsenior.org/arte-por-sao-cristovao-venha-provar-o-biscoito-d-sao-cristovao-loja-a-vida-portuguesa-do-intendente/> [30 janeiro 2017]

VALE, Paulo Pires. *O Lugar de Deus na arte contemporânea in “Não tenhais medo”, Santuário de Fátima*, publicado em 04 de Março de 2015. Em: http://www.snpcultura.org/o_lugar_de_Deus_na_arte_contemporanea.html [28 março de 2018]

VALE, Paulo Pires. *Rui Chafes: Ascensão*. 09 de Maio de 2016. Em: http://www.snpcultura.org/ru_i_chafes_ascensao.html [20 abril]

Victor Pinto da Fonseca e Liz Vahia. Artecapiatal entrevista a Rui Chafes. Em: <https://www.artecapital.net/entrevista-217-ru-i-chafes> [08 abril de 2018]

Viscondes de Vilarinho de São Romão-

Em https://www.cmjornal.pt/mais-cm/domingo/detalhe/o_pastel_aristocrata [05 janeiro 2019]

REGISTOS VÍDEO

CLARA, Edgar - *Arte por São Cristóvão*. 26.05.2015. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=3EBWOHlHbbk> [14 outubro 2017].

Ciclo de conferências: Os anjos não têm costa mas têm sempre asas.

Lisboa: 24 de novembro de 2017. Fundação Carmona e Costa – Sessão 3. 30´

Em: <https://www.youtube.com/watch?v=W53gpxYs-Vo> [20 abril 2018]

COOMANS, Thomas. Innovative solutions for the decommissioned churches. Conferência 29 de novembro de 2018. Universidade Gregoriana. Em <https://www.youtube.com/watch?v=-5o7WsetMKA>. [28 janeiro 2019] Registo vídeo. Tradução livre

Entrevista ao padre Edgar Clara sobre o projeto «Arte por São Cristóvão». Ecclesia. 28.07.2015. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=HqkYE8nWync> [14 janeiro 16].

FRANK, Catherina. Discurso de irmã de Michael Biberstein, *in* apresentação da Pintura “um céu para Santa Isabel”. SNPC. 18 julho 2016. Em <https://www.youtube.com/watch?v=O6a2bP475fA> Registo vídeo. 9´ [14 janeiro 2019]

Que tristeza! Igreja de São José dos Carpinteiros em Lisboa está um estado deplorável. Nós por cá. Emissão SIC. 26 abril 2010. Em <http://videos.sapo.pt/zRiCs4dpr5M2cJCWHmWM> Registo vídeo [20 de dezembro de 2018]

Visita guiada - Igreja de São Cristóvão em Lisboa. Paula Moura Pinheiro. RTP2.
Em: <https://www.youtube.com/watch?v=aNKECcbM-XA> [12 novembro 2017]

Visita Guiada - Museu do Dinheiro. Paula Moura Pinheiro. RTP2 04 julho 2016 Em
<https://www.rtp.pt/play/p2366/e242256/visita-guiada> Registo vídeo [07 abril de
2018]

Você na TV - Igreja de São Cristóvão. TVI. 12.10.2015. Em:
https://www.youtube.com/watch?v=s_EyNZ5XZeQ [14 janeiro 2016].